

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO - CE**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES**

**EDILEIDE BEZERRA DO NASCIMENTO**

**PSICOFONIA E DESOBSessão:**  
**UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS DOS CENTROS ESPÍRITAS E DAS**  
**FEDERAÇÕES**

**JOÃO PESSOA**  
**2014**

**EDILEIDE BEZERRA DO NASCIMENTO**

**PSICOFONIA E DESOBSessão:  
UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS DOS CENTROS ESPÍRITAS E DAS  
FEDERAÇÕES**

**Dissertação apresentada como requisito parcial  
para obtenção do título de Mestre em Ciências  
das Religiões pela Universidade Federal da  
Paraíba, sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Dilaine  
Soares Sampaio e co-orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>.  
Iracilda Cavalcante de Freitas Gonçalves.**

**JOÃO PESSOA  
2014**

Ao meu pai Antônio Bezerra  
*in memoriam.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, o ser supremo que proporciona todas as oportunidades de nossas vidas.

A meus pais Antônio Bezerra da Costa (*in memoriam*) por todo o referencial de vida e exemplo de caráter e a minha mãe Maria das Mercês Costa por toda sua dedicação e carinho

Ao meu esposo Josimar Antônio Nascimento que me apoiou nos momentos difíceis e a minha filha Mariana Bezerra Nascimento pelas ausências durante todo o curso.

Agradeço especialmente a minha orientadora Dra. Dilaine Sampaio e minha co-orientadora Dra. Iracilda Cavalcante de Freitas Gonçalves pela cumplicidade, ajuda e amizade na elaboração deste trabalho traduzido pelo estímulo e confiança.

A todos os funcionários e professores do Programa de Pós-Graduação que contribuíram para a realização e conclusão deste mestrado e que tão bem me acolheram.

Aos Centros União Espírita Deus Amor e Caridade, Centro Espírita Thomáz de Aquino, Caravana da Fraternidade Cristã e ao Senhor Marcos Lima Presidente da Federação Espírita da Paraíba os meus agradecimentos por compartilhar um pouco de suas práticas e conhecimentos.

As pessoas que direta e indiretamente contribuíram para o ingresso neste curso e também aos meus Diretores e colegas do Hospital Edson Ramalho. Tenho como dever estender os meus sinceros agradecimentos.

Embora ninguém possa voltar atrás e fazer um novo começo, qualquer um pode começar agora e fazer um novo fim.

*Chico Xavier*

## RESUMO

O presente trabalho visa pesquisar acerca do fenômeno da psicofonia nas reuniões de desobsessão realçando sua prática nos centros espíritas e na FEB, observando seu mecanismo e a forma como o seu discurso é construído, inspiradas nas reflexões foucaultianas sobre o análise do discurso dessa prática como regrada e sobre a influência do médium de psicofonia. O interesse por buscar analisar essa prática de produção de discursos mediúnicos, no Centro União Espírita Deus Amor e Caridade, no Centro Espírita Caravana da Fraternidade Cristã e Centro Espírita Thomáz de Aquino, teve origem na minha observação das atividades de psicofonia nas reuniões de desobsessão e, ainda, do discurso da Federação Espírita Brasileira-FEB lançado sobre esta prática mediúnica. Para atender a esse objetivo foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa, descritiva, constituída de duas etapas: uma entrevista com o Presidente da Federação Espírita Paraibana e outra com os responsáveis pelas atividades mediúnicas dos centros. Os resultados da pesquisa apontam para uma prática de psicofonia sob o controle da FEB que por sua vez repassa para FEPB com um campo discursivo controlado sobre suas “verdades” mediúnicas. Os centros seguem as normatizações da FEPB, ainda que discordem de pontos que não absorvidos nas reuniões de desobsessão.

**Palavras-chaves:** espiritismo, mediunidade, psicofonia

## ABSTRACT

This paper aims at searching about the phenomenon of psychophony in desobsession meetings, emphasizing its practice in spiritual centers and in the FEB (Brazilian Spirit Federation), observing its mechanism and the way its discourse is built, inspired by foucauldian reflections about the discourse analysis of this practice as ruled and the influence of the medium on the psychophony. The interest in analyzing the production of mediumistic discourses in the Centro União Espírita Deus Amor e Caridade, Centro Espírita Caravana da Fraternidade Cristã and Centro Espírita Thomáz de Aquino came from my observations of psychophony activities in desobsession meetings and also the discourse of the Brazilian Spirit Federation – BSF on this mediumistic practice. In order to achieve this goal, a qualitative and descriptive research which consisted of two stages was developed: an interview with the President of the Federação Espírita Paraibana (Spirit Federation in Paraíba) and another one with people responsible for mediumistic practices in the centers. The research results show a psychophony practice under FEB's control, which forwards it to the FEPB as a discursive field controlled by its mediumistic "truths". The centers follow the FEPB rules, even if they disagree with some aspects which are not absorbed in the desobsession meetings.

**Key words:** spiritism, mediumship, psychophony

## **LISTRAS DE QUADROS**

|                                                                         |    |
|-------------------------------------------------------------------------|----|
| QUADRO 1 - Organização do movimento espírita no Brasil.....             | 25 |
| QUADRO 2 - Médiuns de efeitos intelectuais.....                         | 35 |
| QUADRO 3 - Grupo de desobsessão da UEDAC.....                           | 74 |
| QUADRO 4 – Práticas mediúnicas da FEPB Práticas mediúnicas da FEPB..... | 83 |

## **LISTA DE FIGURAS**

|                                                                              |    |
|------------------------------------------------------------------------------|----|
| FIGURA 1 - Médiuns.....                                                      | 37 |
| FIGURA 2 - Mediunidade de psicofonia.....                                    | 60 |
| FIGURA 3 - Foto do sujeito/fundador do Centro Espírita Thomaz de Aquino..... | 63 |
| FIGURA 4 – Vista do prédio, frente e lateral direita, da UEDAC.....          | 70 |
| FIGURA 5 - Vista do prédio atual, lateral direita da UEDAC.....              | 70 |
| FIGURA 6 – Federação Espírita da Paraíba.....                                | 81 |

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

|                                                                  |
|------------------------------------------------------------------|
| CEI - Conselho Espírita Internacional                            |
| CFC - Caravana da Fraternidade Cristã                            |
| CEM - Conselho Espírita Municipal                                |
| ESTEM – Estudo e Educação da Mediunidade e o Estudo do Esperanto |
| FEB - Federação Espírita Brasileira                              |
| FEPB - Federação Espírita Paraibana                              |
| FEESP - Federação Espírita do Estado de São Paulo                |
| UEDAC - União Espírita Deus Amor e Caridade                      |

## SUMÁRIO

### INTRODUÇÃO

|                                                                                                                    |           |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1. ESPIRITISMO: GÊNESE, CRENÇAS E PRÁTICAS.....</b>                                                             | <b>16</b> |
| 1.1 Kardec, a codificação espírita e o Movimento Espírita no Brasil.....                                           | 16        |
| 1.2 Práticas espíritas: fenômeno mediúnico, psicofonia e desobsessão.....                                          | 30        |
| 1.3 Função e significado dos centros espíritas.....                                                                | 38        |
| <br><b>2. O FENÔMENO DA DESOBSESSÃO NOS DISCURSOS OFICIAIS.....</b>                                                | <b>45</b> |
| 2.1 Kardec e a questão da desobsessão.....                                                                         | 45        |
| 2.2 O discurso das Federações: um olhar sobre os manuais e a imprensa oficial.....                                 | 47        |
| 2.3 Os discursos, as práticas mediúnicas e a experiência religiosa: proximidades, conflitos e distanciamentos..... | 61        |
| <br><b>3. REUNIÕES DE DESOBSESSÃO: UMA JANELA PARA O INVISÍVEL.....</b>                                            | <b>63</b> |
| 3.1 Centro Espírita Tomaz de Aquino.....                                                                           | 63        |
| 3.2 União Espírita Deus Amor e Caridade e a prática psicofônica.....                                               | 67        |
| 3.3 Caravana da Fraternidade Cristã e as reuniões de desobsessão.....                                              | 77        |
| 3.4 Análise do discurso dos centros espíritas: considerações parciais.....                                         | 79        |
| <br><b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>                                                                              | <b>86</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>                                                                                            | <b>88</b> |
| <b>APÊNDICE.....</b>                                                                                               | <b>91</b> |

## INTRODUÇÃO

A comunicabilidade dos “vivos” com os “mortos” tem sido observada em todas as épocas da humanidade desde a Antiguidade mais remota até o presente tempo, tornou-se objeto de estudo científico de intelectuais no século XIX e XX e com o advento do Espiritismo o “fenômeno mediúnico” foi enquadrado pelos espíritas como ciência. Nomeado de “mediunidade” pelos espíritas essa crença ganhou no Brasil um caráter religioso e sistematizado. A mediunidade para o Espiritismo é um instrumento de auxílio ao próximo, portanto, entendida como prática a ser exercida com disciplina e responsabilidade.

Allan Kardec, pedagogo francês, codifica o Espiritismo, lançando conceitos e classificações para os fenômenos mediúnicos. Assim podemos encontrar a mediunidade de psicofonia (voz), psicografia (escrita), efeitos físicos e outras. A mediunidade de psicofonia possibilita o intercâmbio entre espíritos habitantes do mundo dos “vivos”, o físico, e dos “mortos”, o espiritual, por meio do médium. Através da “voz” desse “técnico” anunciam-se dizeres que ganham valor de “verdade” no interior da doutrina.

A mediunidade de psicofonia, objeto desta pesquisa, é uma prática adotada desde a época da atuação de Allan Kardec. Considerada pelos espíritas como sendo a mais comum, oferece a oportunidade de diálogo com os Espíritos comunicantes e permite a doutrinação e consolação dos Espíritos menos esclarecidos sobre as “verdades” espirituais. Atualmente, ela integra o conjunto de atividades postas em exercício pelos centros espíritas e é considerada uma prática de caráter privado, onde a atuação dos sujeitos participantes é regulada por normas específicas. Dentre elas, por exemplo, a gratuidade, uma vez que para os espíritas a atividade mediúnica está associada ao princípio da caridade, portando, ao menos em tese, não deve ser mercantilizada. Este procedimento credibiliza esta prática, fazendo com que o indivíduo que a procura deposite nela todas as suas esperanças na solução dos seus problemas.

Organizamos a pesquisa acerca do fenômeno da psicofonia realçando sua prática nos centros espíritas e na FEB, observando seu mecanismo e a forma como o seu discurso é construído. O interesse por buscar analisar essa prática de produção de discursos mediúnicos, no Centro União Espírita Deus Amor e Caridade, no Centro Espírita Caravana da Fraternidade Cristã e Centro Espírita Thomaz de Aquino, teve origem na minha observação das atividades de psicofonia nas reuniões de desobsessão e, ainda, do discurso da Federação Espírita Brasileira - FEB lançado sobre esta prática mediúnica. O primeiro Centro exerce uma prática com discurso controlado aos moldes da Federação Espírita Brasileira. Já no segundo Centro, embora haja certo controle, as práticas se mostram distintas em relação ao postulado

pela FEB, especialmente no que tange ao modo como o médium trabalha. E, o terceiro, apesar de respeitar e seguir o trabalho da FEB em alguns pontos segue seu regimento próprio.

Segundo o Espiritismo, para que o médium possa exercer as suas atividades de exercício mediúnico, nas diferentes práticas, é necessário que o mesmo se submeta ao estudo contínuo dos preceitos morais evangélicos e das regras sobre o exercício dessa atividade nas chamadas reuniões mediúnicas. Há desta forma, todo um conjunto de regras que controlam a produção dos discursos em um Centro Espírita.

Para o filósofo Michel Foucault (2000) os discursos existem enquanto práticas que obedecem a “regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço”, assim, a produção discursiva é regulada por leis de funcionamento próprias postas em exercício pelas instituições. Inspiradas nas reflexões foucaultianas sobre o discurso como uma prática regrada, podemos levantar a hipótese de que a influência exercida pelo médium de psicofonia sobre os frequentadores de um centro kardecista é muito forte. Dessa inquietação, surgiu-nos, portanto, a vontade de compreender o poder instituído pelo discurso do médium na/pela doutrina espírita.

Ancoradas nessas observações, resolvemos eleger como objeto de estudo o discurso do médium psicofônico na reunião espírita de desobsessão. Com esta iniciativa, objetivamos produzir uma leitura do exercício da função desse sujeito-médium na atividade de produção de discursos mediúnicos nos Centros selecionados.

O nosso olhar de pesquisadora sobre os discursos produzidos, por meio da prática mediúnica de psicofonia nestas instituições tem como objeto produzir uma compreensão de como a doutrina espírita constrói, para os sujeitos-médiuns responsáveis por essa modalidade de produção de discursos, um lugar do dizer investido de saberes e poderes. O processo inicial de levantamento bibliográfico sobre pesquisadores que tratam acerca do tema e do problema a ser investigado nesta pesquisa aponta a existência de uma literatura acadêmica restrita. A produção de conhecimento nesse campo continua, portanto, em processo de formação.

Em nossa pesquisa, identificamos o trabalho de Cândido Procópio de Camargo intitulado *Kardecismo e Umbanda: uma interpretação sociológica*, considerada por muitos pesquisadores como marco iniciante dos estudos acadêmicos sobre o Espiritismo, que trata a temática da mediunidade tomada como consciente e doutrinária para o Espiritismo diferente da mediunidade, entendida como inconsciente e ritualizada para a Umbanda, temática bastante controversa, problematizada posteriormente por diversos autores, especialmente no campo de estudos das religiões afro-brasileiras (CAVALCANTI, 1983; ORTIZ, 1999; etc.).

No campo da Antropologia, encontramos a pesquisadora Maria Laura Cavalcanti, que em seu livro *O mundo invisível: cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa no Espiritismo*, aborda o Espiritismo como sistema de representação e valores, realizando uma leitura das práticas espíritas, onde há um importante capítulo em que a autora faz uma análise do fenômeno mediúnico a partir da concepção de pessoa no Espiritismo. Nesse trabalho a pesquisadora examina as concepções da mediunidade como dom e exercício, a comunicação espiritual e a comunicação espírita (Cf. CAVALCANTI, 1983). Outra autora que trata sobre esta temática da mediunidade, porém na área de Ciências das Religiões, é a pesquisadora Iracilda Cavalcante de Freitas Gonçalves no seu livro intitulado *Psicografia: verdade ou fé?* publicado em 2010. Neste livro, a autora analisa o discurso mediúnico psicográfico espírita como fenômeno controlado por regras específicas. Nele vamos encontrar um capítulo que trata sobre o discurso do médium espírita. Segundo a pesquisadora (2010), a mediunidade funciona, para o Espiritismo, como o principal meio de atestar o princípio da comunicabilidade e imortabilidade dos Espíritos. Em outro livro de sua autoria, *Na discursivização de Nosso Lar: As verdades do Espiritismo*, analisa a obra mediúnica *Nosso Lar*, fornecendo-nos dados para análise do discurso espírita, especificamente, no que diz respeito às verdades espíritas que circulam nessa obra.

O antropólogo Bernardo Lewgoy, com sua tese de Doutorado, defendida na Universidade de São Paulo em 1999, cujo título é *Os espíritos e as letras: um estudo antropológico sobre a cultura escrita e oralidade no Espiritismo kardecista*, propõe interpretar etnográfica e textualmente os modos como os espíritas kardecistas “falam”, “leem”, interpretam e produzem os seus textos, levando em consideração a relação entre dimensões orais e escritas em seu universo de práticas e significados.

Jaqueline Stoll em sua tese intitulada *Espiritismo à Brasileira*, posteriormente publicada em 2003, trata das questões da religiosidade espírita como objeto de estudo científico. Nesta obra a autora observa que dentre as religiões consideradas “brasileiras, o Espiritismo tem sido das menos estudadas”.

Outra referência são os estudos acadêmicos sobre o Espiritismo realizados pelo antropólogo Emerson Giumbelli que em seu livro *O cuidado dos mortos*, publicado em 1997, trata da história de condenação e legitimação do Espiritismo no Brasil. Pela produção desta pesquisa ganhou no mesmo ano a segunda colocação nacional do prêmio “Arquivo Nacional de Pesquisa”.

No campo da História encontramos a historiadora Eliane Moura Silva com seu livro *O Espiritualismo no século XIX*, publicado em 1997. Nele a autora analisa a trajetória histórica

do Espiritismo no século XIX. Silva (1999, p. 32) considera que Kardec construiu o edifício teórico do Espiritismo moderno baseando-se na massa das comunicações mediúnicas, quando em 1857 publica *O Livro dos Espíritos*, obra que expõe as comunicações espíritas organizadas e sistematizadas em forma de perguntas e respostas dadas pelos espíritos, recebidas em sessões e ulteriormente estudadas.

Como referência, citamos, também, o livro da também historiadora Sylvia Damázio *Da elite ao povo: advento e expressão do Espiritismo no Rio de Janeiro* (1994) que trata do movimento espírita no Rio de Janeiro. Vale ainda destacar o trabalho de Artur Cesar Isaia, em obra de sua organização *Orixás e espíritos: o debate inter-disciplinar na pesquisa contemporânea*, onde os diversos autores (Bernardo Lewgoy, Eliane Moura, Sandra Jacqueline Stoll, Emerson Giumbelli, Artur Cesar Isaia, dentre outros) irão tratar da relação entre espiritismo e cultura brasileira e também entre Espiritismo e saber médico (Cf. ISAIA, 2006).

Buscamos destacar, até aqui, autores e trabalhos de relevância para nossa temática no campo de estudos sobre o kardecismo no Brasil. Em nossa pesquisa bibliográfica não tivemos, portanto, conhecimento de trabalho acadêmico, inclusive no banco de tese da CAPES, no campo de estudos das Ciências das Religiões, que trate, especificamente, sobre o discurso mediúnico produzido pela psicofonia de médiuns em práticas realizadas nas dependências de um Centro Espírita. Desse modo, para esta pesquisa utilizamos, como fundamentação teórica básica, os pressupostos teóricos de Michel Foucault, autor que trata do discurso como prática que é submetida a regras e normas de controle. Utilizamos, ainda, como referência autores como Cruz (2004), Eliade (2011), Ortiz (1961), dentre outros.

A pesquisa teve como *locus*, conforme já mencionado anteriormente, os Centros espíritas União Espírita Deus, Amor e Caridade – UEDAC, Caravana da Fraternidade Cristã – CFC e o Centro Espírita Tomás de Aquino, todos localizados no centro ou em bairro próximo da região central de João Pessoa. Os sujeitos participantes foram os médiuns de psicofonia que atuam nestas instituições, trabalhando nas reuniões de atendimento ao público. A escolha do Centro Espírita União Espírita Deus, Amor e Caridade - UEDAC se deu pela forma normativa e controladora do discurso nas práticas mediúnicas, seguindo as orientações da FEB. Além disso, chamou-nos a atenção pelo grande número de médiuns e fluxo de pessoas que são atendidas cotidianamente nas sessões denominadas “de desobsessão”. A prática da mediunidade, nesta instituição, é desempenhada, diariamente, em horários fixos e com distribuição de fichas (previamente numeradas), controlando o número de pessoas a serem atendidas pelo médium de psicofonia. O Centro Espírita Caravana da Fraternidade Cristã foi

escolhido pela prática mediúnica diferenciada das normas da Federação Espírita Brasileira-FEB. A prática da mediunidade, nesta Instituição, é desempenhada, semanalmente, em horários fixos nas terças-feiras, com o nome do usuário anotado em livro. O Centro trabalha com uma média de 10 médiuns. E, finalmente, o que nos levou a optar pelo Centro Espírita Thomaz de Aquino é fato de ser tomado como o centro mais antigo da cidade. Este apesar de filiado a Federação Espírita Paraibana, muito se distancia das regras por ela estipulada.

Os dados foram coletados através de dois instrumentos de pesquisa, com questões que envolveram dados gerais sobre os Centros pesquisados e questões específicas sobre a temática em foco. Foram feitas anotações e gravações através da observação participante e, posteriormente, fizemos a transcrição para procedermos a análise dos discursos. A pesquisa, construída sob a perspectiva das Ciências Sociais das religiões, particularmente, da Antropologia das Religiões, é de caráter qualitativo.

No que tange a divisão dos capítulos dividimos o trabalho em três capítulos. O primeiro capítulo intitulado *Espiritismo: gênese, crenças e práticas* irá tratar dos aspectos gerais do Espiritismo, dividido em três subcapítulos para efeito metodológico. No primeiro subcapítulo, trataremos do sujeito/fundador Allan Kardec e o Movimento Espírita no Brasil. No segundo, procuraremos compreender o Espiritismo e suas práticas mediúnicas da psicofonia nas reuniões de desobsessão. O subcapítulo terceiro é dedicado ao papel dos centros espíritas enfocando o significado destas instituições para os adeptos.

O segundo capítulo terá como objeto o discurso oficial no fenômeno da desobsessão na visão de Kardec e da FEB, traçando particularidades com as experiências dos centros. No primeiro subcapítulo fiz uma análise do discurso de Kardec à luz de suas obras. No segundo tracei uma leitura sobre os manuais organizados pela Federação Espírita Brasileira e trato do discurso oficial a nível regional, através da FEPB e o último subcapítulo refere-se à prática mediúnica e experiências regionais aproximando e distanciando os discursos.

No capítulo terceiro fiz uma análise sobre as reuniões de desobsessão. Nele versei sobre como ocorrem as práticas mediúnicas nos centros espíritas pesquisados, comparando-as com as regras da FEB. Subdividimos este capítulo em quatro subcapítulos: no primeiro tratei das práticas mediúnicas no Centro Espírita Thomaz de Aquino. No segundo versei sobre a mediunidade de psicofonia na União Espírita Deus Amor e Caridade e, no terceiro, fiz uma leitura sobre as atividades mediúnicas na Caravana da Fraternidade Cristã e as reuniões de desobsessão. Por fim, no quarto subcapítulo tratei do discursivo nos centros espíritas pesquisados.

No que se refere à contribuição epistemológica desta pesquisa, penso que sua relevância está na análise da prática discursivo-religiosa espírita sobre a comunicação com os “mortos”, por meio da mediunidade de psicofonia e, ao mesmo tempo, uma forma de oferecer, nesse meio doutrinário, uma nova leitura sobre o discurso do médium de psicofonia, enquanto fala que se origina desta atividade de produção e circulação de discursos.

A nossa pretensão é que este estudo atinja uma relevância científica, preenchendo uma lacuna nos estudos acadêmicos existentes nesse campo, compondo o conjunto de pesquisas realizadas pelos pesquisadores da Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba.

A pesquisa assume, ainda, certa importância social, uma vez que oferece oportunidade de que membros da sociedade possam ter acesso à produção de conhecimento científico sobre o Espiritismo, ampliando, dessa forma as possibilidades de leituras sobre essa religião, submetida, quase sempre ao olhar do adepto ou de leigos preconceituosos e, muitas vezes, intolerantes para com a existência dessa doutrina.

## 1. ESPIRITISMO: GÊNESE, CRENÇAS E PRÁTICAS

### 1.1 Kardec, a codificação espírita e o Movimento espírita no Brasil.

Kardec (2009) afirma que religiões tiveram seus reveladores e estes, embora longe estivessem de conhecer toda a verdade, tinham uma razão de ser providencial porque possibilitaram a circulação de informações consideradas apropriadas ao tempo e ao meio em que viviam, ao caráter particular dos povos a quem falavam e aos quais eram relativamente superiores.

Nesse sentido, entendemos que para melhor compreendermos a ideia kardequiana de como o Espiritismo se define enquanto uma ciência de observação e uma doutrina filosófica, com consequências morais em suas práticas, faz-se imprescindível entender o contexto histórico em que ela foi produzida. Segundo a historiadora Silva, “Para alguns historiadores do Espiritismo, as matrizes intelectuais do imaginário espiritualista do século XIX encontram-se no século XVIII e está fortemente ligada às figuras dos visionários e místicos Emmanuel Swedenborg e de Kaspar Lavater” (SILVA, 1999, p. 10). A autora afirma que o sueco Emmanuel Swedenborg (1688 – 1772) foi “professor de teologia na Universidade de Upsala, cientista e filósofo não apenas da corte de Estocolmo, onde desfrutava de grande prestígio, como também em toda a Europa e América” (SILVA, 1999, p. 11). Conforme o escritor espírita Barbosa (1986), Swedenborg foi um notável médium vidente, pois conseguia ver cenas do mundo espiritual e pessoas já falecidas que conhecera em vida. Explica o autor que ele “foi um dos primeiros a descrever o ectoplasma<sup>1</sup> como um vapor aquoso muito visível e que caía no chão, sobre o tapete, considerado pelos adeptos como pioneiro do movimento espírita” (BARBOSA, 1986, p. 188). No meio espírita dessa época, era comum ouvir-se dizer que além das faculdades mediúnicas de vidência e de revelação ele, surpreendia a comunidade com as suas conversas “com os mortos” e com a divulgação da ideia de que “uma nuvem psíquica grosseira (de baixa vibração) (...) envolvia a Terra e sua Humanidade” (BARBOSA, 1986, p. 188).

O outro visionário, o pastor calvinista de Zurique Kaspar Lavater, era, conforme Silva (1999) teólogo, filósofo e discípulo de Swedenborg. Escreveu vários trabalhos sobre a condição dos mortos e a possibilidade de comunicação com eles. A partir da apresentação das

---

<sup>1</sup> A formação de objetos diversos, os quais, as mais das vezes, parece saírem do corpo humano e tomam a aparência de uma realidade material (vestuário, véus, corpos vivos) (RICHET, 2008, p.12).

ideias desses dois místicos, começa a ocorrer na Europa “o reflorescimento de antigas crenças e práticas que iam da cabala à magia negra, passando pela astrologia e quiromancia” (GIL, 2011, p.62).

A pesquisadora Dora Incontri, em sua obra *Pedagogia Espírita: um projeto brasileiro e suas raízes* relata que o século XVIII, apesar de habitualmente ser visto como um século de racionalismo, propiciou que na Europa fosse possível uma propagação de ideais e práticas que se afastavam da ortodoxia cristã, as quais se estivessem no contexto de tempos atrás, os seus adeptos teriam sido condenadas à fogueira destinada aos heréticos (Cf. INCONTRI, 2006). Podemos com essa afirmativa concluir que este período estava envolvido em fenômenos “sobrenaturais”.

Assim sendo, na segunda metade do século XIX, organizou-se um movimento espiritual, filosófico e científico centrado na relação com a morte e no contato sistemático e regular com os mortos (SILVA, 1999, p. 19), o qual revolucionou os princípios materialistas vigentes e desencadeou o surgimento de novos conceitos sobre a “morte”.

Nesta efervescência de movimentos espiritualistas da época, vamos encontrar o “mesmerismo” e o magnetismo animal fazendo parte do imaginário cosmológico ocidental (SILVA, 1999, p.29). O termo “mesmerismo” está ligado à atividade do médico alemão Franz Anton Mesmer (1733 – 1815) que afirmava existir no ser humano e em toda a natureza fluido universal ou magnetismo<sup>2</sup> animal e que poderia ser posto a serviço da medicina.

Segundo Gil (2011) na mesma época em que o magnetismo figurava na pauta das discussões na Europa, outra doutrina médica passou a causar grande polêmica. Trata-se da homeopatia, ordenada pelo médico alemão Chiristian Frieddrich Samuel Hahnemann (1755 – 1843).

Alguns anos depois da publicação das teses de Hahnemann, o espiritismo incorporou a crença no fluido vital como intermediário entre o espírito e o corpo físico como pode ser observado na questão 27 do Livro dos Espíritos:

Haveria, assim, dois elementos gerais do Universo: a matéria e o espírito? Sim, e acima de ambos, Deus, o criador, o pai de todas as coisas. Essas três coisas são o princípio de tudo o que existe, a trindade universal. Mas ao elemento material é necessário ajuntar o fluido universal, que exerce o papel de intermediário entre o espírito e a matéria propriamente dita, demasiado

---

<sup>2</sup> O magnetismo é uma espécie de energia que emana e passa através de corpos animados e inanimados. No corpo humano essa força foi chamada de ‘magnetismo animal’. A teoria do ‘magnetismo animal’, também conhecida pelo nome de mesmerismo, foi desenvolvida por Franz Anton Mesmer. O magnetizador, no dizer de Mesmer é, portanto, aquele que utiliza a força magnética na cura de doenças. (ZWEIG, 1956, p. 37)

grosseira para que o espírito possa exercer alguma ação sobre ela (Kardec, 2007, p.52).

Tomando como foco o imaginário espiritualista do século XIX, o fato que representou o prelúdio do advento da Doutrina Espírita ocorreu no mês de março de 1848, no pequeno povoado de Hydesville, Estados Unidos da América do Norte, local onde se considera que ocorreram os primeiros fenômenos espíritas dos tempos modernos. Sobre essa temática afirma Doyle no livro *História do Espiritismo*:

É impossível fixar uma data para as primeiras aparições de uma força inteligente exterior, de maior ou menor elevação, influenciando nas relações humanas. [...] não há época na história do mundo em que não se encontrem traços de interferência preternaturais e o seu tardio reconhecimento pela humanidade. A única diferença entre esses episódios e o moderno movimento é que aqueles podem ser apresentados como casos esporádicos de extraviados de uma esfera qualquer, enquanto o último tem as características de uma invasão organizada [...]. (DOYLE, 1995, p. 33).

Vilhena (2008) afirma que na Europa vicejava, então, clima favorável para acolher notícias de acontecimentos espetaculares como os que tiveram lugar no citado vilarejo, protagonizados pelas irmãs adolescentes, Kate e Margaret Fox. A Família Fox passou a morar em uma casa simples de madeira neste vilarejo.

Eliane Moura afirma que as “duas meninas começaram a perceber que golpes não eram dados aleatoriamente, sendo, inclusive, possível estabelecer um contato inteligível com os espíritos produtores dos sons, através de um código associando o número de pancadas com as letras do alfabeto” (SILVA, 1999, p. 24). Os referidos fenômenos se reproduziram com tal intensidade que passou a ser o foco principal da atenção da sociedade Europeia.

Dos EUA, portanto, os fatos considerados sobrenaturais propagaram-se por toda a Europa, como nos mostra Stoll ao afirmar que “a moda trazida dos Estados Unidos em meados do século XIX, o fenômeno da comunicação com os mortos por meio de objetos, mesas e/ou médiuns, já há alguns anos se difundia na Europa” (STOLL, 2003, p. 36). Este século, conhecido como o século da razão, foi, portanto alvo de profundas transformações político-sociais e econômicas renovando a Filosofia e as Ciências.

Conforme o antropólogo Prandi, muito antes de Allan Kardec, “iniciativas de comunicação com os espíritos prosperaram mundo afora no decorrer do século XIX, atraindo curiosos, intelectuais, cientistas e pessoas interessadas no contato com pessoas falecidas, especialmente seus queridos” (PRANDI, 2012, p. 21). Desse modo, concordamos com o autor

quando afirma que “a comunicação com os espíritos já era bastante conhecida quando Hippolyte Léon Denizard Rivail (1804-1869), filho de juiz de Lyon, na França, passou a se interessar por ela” (PRANDI, 2012, p.35).

Para Lewgoy (2008), o sujeito/fundador do Espiritismo, encarnou o ideal racionalista do século XIX, momento em que a ciência, a filosofia da história e o determinismo passaram a ocupar o lugar do voluntarismo subjetivo na imaginação moral. Seguindo a mesma linha de pensamento, afirma a educadora Incontri (2006, p. 27) que dedicado àquilo que chamava de nova ciência, Rivail adotou o pseudônimo de Allan Kardec – que teria sido, segundo revelação de um Espírito, um nome usado por ele em uma vida passada, quando viveu como druida entre antigos celtas.

Allan Kardec estudou no Instituto de Yverdon, na época, dirigido pelo pedagogo e educador Pestalozzi<sup>3</sup>, com alunos de múltiplas nacionalidades:

[...] Allan Kardec, aliás Denizard Leon Rivail. Nascido em Lyon no ano de 1804, Rivail forma-se como pedagogo junto a Jean-Henri Pestalozzi, educador liberal e protestante inspirado nas doutrinas de Rousseau. Radica-se em Paris depois de 1820, onde escreve uma série de manuais de instrução acadêmica, trabalha como tradutor e dá alguns cursos particulares, concentrando seus investimentos na área das ciências naturais e exatas. (GIUMBELLI, 1997, p. 57).

Segundo Incontri “Kardec tinha evidentes pressupostos filosóficos próprios, herdados da corrente iluminista, por intermédio de Pestalozzi, com os quais partia para a pesquisa dos fenômenos em vista, já que é impossível, como bem sabemos hoje, interpretar qualquer fenômeno teórico” (INCONTRI, 2006, p. 27)

O pedagogo Rivail afirma que obteve, pela primeira vez, a possibilidade de estudar fenômenos espíritos apenas em 1854:

Encontrei um dia o magnetizador, Senhor Fortier, a quem eu conhecia desde muito tempo e que me disse: Já sabe da singular propriedade que se acaba de descobrir no Magnetismo? Parece que já não são somente as pessoas que se podem magnetizar, mas também as mesas, conseguindo-se que elas girem e caminhem à vontade (KARDEC, 2005, p.256).

---

<sup>3</sup> Johann Heinrich Pestalozzi, no contexto do século XVIII – nasce em Zurich, a “Atenas do rio Limmat”, em 12 de janeiro de 1746. Estudante de linguística e filosófica, aluno de mestres famosos, crítico da situação política da Suíça, publica propostas de educação, inspirado, inicialmente, nos precursores da pedagogia moderna(...) Elabora com sua filosofia, a visão do desenvolvimento integral do homem: moral, intelectual e físico. (LACHÂTE; HILLESHEIM, 2004, p.19)

Conforme Gonçalves “inicialmente, Rivail não possuía como objetivo produzir um arcabouço discursivo específico”. A autora afirma que “o que movia seu interesse pela observação do fato era, apenas, a vontade de inteirar-se sobre o fenômeno” (GONÇALVES, 2010, p. 35). Sobre esse fato, encontramos respaldo na fala do antropólogo Emerson Giumbelli, o autor pondera que pela formação de Kardec, não surpreende que tenha se aproximado de tudo isso com ceticismo. Afirma ainda que um grupo de amigos já convencidos da realidade de fenômenos pede a Rivail que estude o teor de comunicações obtidas em suas sessões (GIUMBELLI, 1997, p.57).

No livro Obras Póstumas de Kardec vamos encontrar uma narração feita pelo próprio codificador sobre a sua reação diante dos fenômenos em questão:

[...] pela primeira vez, fui testemunha do fenômeno das mesas que giram, saltam e correm; e o fui em condições de não poder alimentar dúvida. Vi, também, alguns ensaios, muito imperfeitos, de escrita mediúnica em uma ardósia, com o auxílio de uma cesta. Longe estava eu de firmar as minhas idéias, mas ali se deparava um fato, que devia ter uma causa. Entrevi, oculto naquelas futilidades aparentes, e entre aqueles fenômenos, de que se fazia um passatempo, algo de muito sério, talvez a revelação de uma nova lei, que fiz o propósito de descobrir (KARDEC, p. 257 – 258).

Stoll (2003) “relata que quase um ano depois, pouco restava do declarado ceticismo inicial e que a adoção do nome Allan Kardec, (...), marca ritualmente a sua adesão” as novas ideias. No processo de estudo dos fenômenos das “mesas girantes”, segundo Doyle (1995), Kardec selecionou uma série de perguntas relativas aos problemas humanos e, submetendo-as às supostas inteligências operantes (espíritos), por meio de pancadas e da escrita com a prancheta, recebia respostas sobre as quais baseava o seu sistema de Espiritismo. Nas reuniões de estudo desses fenômenos, Kardec começa a observar a complexidade da instituição e passa a ter convicção naquelas novas ideias.

Segundo Prandi “Kardec estudou o caso por longo tempo, ampliando cada vez mais os limites de sua observação e de seu envolvimento com o mundo espiritual. Aos poucos, sua percepção do fenômeno foi ganhando contornos próprios” (PRANDI, 2012, p. 36). Dessa observação, surge um conjunto de ideias que, segundo Gonçalves, Kardec designou de “doutrina Espírita ou Espiritismo” e, seus adeptos, de “espíritas ou espiritistas” (GONÇALVES, 2010, p. 41).

Kardec (2005) afirma que a doutrina espírita foi elaborada a partir de mensagens recebidas por espíritos; sendo o seu papel apenas de codificador. O espiritismo reveste sua

doutrina sobre os conhecimentos procedentes do invisível tornando-os suas “verdades” Silva considera que Kardec “construiu todo o edifício teórico do Espiritismo moderno baseando-se na massa das comunicações mediúnicas recebidas através de perguntas levadas as sessões e posteriormente estudava as respostas dadas pelos espíritos” (SILVA, 1999, p. 32).

Através das manifestações mediúnicas, Kardec elaborou a fundamentação teórica do Espiritismo. Para Gonçalves a mediunidade emergiu para o Espiritismo como um conjunto de discursos que “envolve a ciência que rege o mundo dos espíritos; a filosofia com uma resposta às questões da existência humana; e o aspecto religioso: toma como referencial discursivo a moral Cristã” (GONÇALVES, 2010, p. 45).

O conjunto dos discursos organizados por Kardec, após cuidadosa revisão, foi revertido em cinco obras, considerado pelos espíritas como básicas:

Após a publicação, em 8 de abril de 1857, do Livro dos Espíritos, vieram outras obras famosas: O Livro dos Médiuns (em 1861, relativo a parte experimental e científica da nova doutrina); O Evangelho segundo o Espiritismo (em abril de 1864 com a parte moral da Revelação); O Céu e o Inferno ou A Justiça de Deus segundo o Espiritismo (em 1865, com uma nova interpretação das penas espirituais após a morte); A Gênese, os Milagres e as Predições em 1868, apresentando as novas leis decorrentes da observação dos fenômenos espíritas (SILVA, 1999, p. 33).

Segundo Prandi “o Livro dos Espíritos foi um sucesso editorial e até a morte do autor teve dezesseis edições. A segunda, publicada em 1860, que merece muitas emendas, acabou se tornando a versão oficial do livro” (PRANDI, 2012, p. 38). Entendemos que Kardec teve o seu papel como codificador e que viveu em um contexto de grande movimento científico e filosófico, defendendo um Espiritismo ciência, filosofia e religião. Hoje o movimento espírita ganhou uma nova releitura com novas instituições formando um complexo de instituições.

Quando falamos de movimento espírita estamos falando desde os lares e centros até institutos culturais, laboratórios de pesquisa, associações profissionais, federações em esfera nacional e regional, hospitais, asilos, orfanatos, imprensa e editoras. Cada uma dessas instituições pode enfatizar um dos aspectos do Espiritismo podendo, um instituto cultural e um laboratório de pesquisa expressar os aspectos "filosóficos e científicos" da doutrina; um orfanato ou outra obra de caridade, o aspecto "religioso". Um centro combina geralmente em sua prática esses três aspectos.

As experiências de comunicação com os mortos no Brasil reproduziram o modelo de cultura e de atividades daquele continente, em especial da França. Para Stoll, assim como na

Europa, o divertimento de salão denominado fenômeno das mesas girantes se popularizou “rapidamente pelo país, deu lugar à constituição de grupos voltados ao estudo e a divulgação da doutrina espírita” (STOLL, 2003, p. 49).

Sobre a propagação do Espiritismo no Brasil Arribas assinala que “a colônia de imigrantes franceses no Rio de Janeiro, então capital do Império, composta por jornalistas, comerciantes e professores, teve papel importante para a entrada do Espiritismo em terras brasileiras”. A autora argumenta que ao “contrário do que hoje entendemos como espiritismo, naquele instante ele não surgia somente como uma nova opção religiosa. Ele estava ali entrelaçado com as modernas tendências políticas e filosóficas, em particular com o socialismo” (ARRIBAS, 2010, p.54). Considera ainda que apesar de não progredir na corte, o Espiritismo, através das relações sociais com os franceses, envolveu a elite da sociedade imperial. Em moderadas conversas, nas ruas ou em pequenas sessões espíritas, a nova teoria foi ganhando os seus primeiros adeptos brasileiros de grande influência social, motivo pelo qual estes não sofreram qualquer tipo de repressão.

De acordo com Souza (1986), no primeiro século de vida, a colônia veria proliferar em sua terra uma cultura religiosa heterogênea, constituída de práticas indígenas, africanas e católicas, reelaborando a realidade religiosa da nova terra. O Espiritismo, quando começou a ser visto como religião, foi combatido pela Igreja Católica como heresia.

Versando sobre o assunto, Vilhena coloca que “a hierarquia católica ficou preocupada com o trânsito de seus fiéis entre igrejas e centros espíritas e, sobretudo, com a perda de parte de seu rebanho, o que viria a ameaçar a hegemonia do Catolicismo em terras brasileiras” (VILHENA, 2008, p. 87).

Sobre a reação da igreja a “invasão” dos espíritas, comenta também França:

O combate ao espiritismo havia se tornado uma questão de patriotismo aos olhos da igreja; combater o espiritismo era equivalente a ser um bom patriota, afinal, o que estava em jogo era a constituição do Brasil como nação, desse modo, não poderia permitir a religião oficial que o “*nefasto*” espiritismo continuasse a enganar pessoas ingênuas e a produzir loucos pelo país (FRANÇA, 2010, p. 104).

Oficialmente, segundo Arribas, o Espiritismo brasileiro eclode no Brasil, no ano de 1865, em Salvador, com a fundação da primeira agremiação espírita, o Grupo Familiar do Espiritismo, provocando uma série de reações, algumas favoráveis e outras negativas. Luís Olímpio Telles de Menezes, seu fundador, mantinha contatos com Casimir Lietaud no Rio de Janeiro e com vários espíritas da França (ARRIBAS, 2010, p.56- 57). Vilhena (2008) afirma

que em 1873, o Grupo Familiar do Espiritismo tem seu registro indeferido pela já constituída Sociedade Espírita Brasileira passando a ser sociedade científica, e é renomeada como Associação Espírita Brasileira.

Durante a implantação do Espiritismo na França, Telles de Menezes se correspondeu com o professor Rivail e, manteve amizade com os espíritas franceses, sendo, portanto, os seus contatos pessoais, importante para a entrada do Espiritismo no Brasil. Sobre o pioneiro baiano, Prandi relata que na primeira sessão ele “escreveu em estado mediúnico um texto que teria sido ditado por um espírito que se autodenominou, emblematicamente, Anjo Brasil” (PRANDI, 2012, p.50).

Empenhado em propagar as novas ideias Arribas informa que o novo adepto espírita

publicaria tempos depois na capital baiana o opúsculo *O espiritismo: introdução ao estudo da doutrina espírita* (1865), contendo páginas traduzidas por ele da 13ª edição do *Le livre des esprits*, a tradução de um apêndice de outro autor francês, e um prefácio intitulado “Lede”, em que Telles de Menezes diz sobre seu júbilo “de ter sido o primeiro na Bahia que, fervorosamente, esposou a doutrina espírita” (ARRIBAS, 2010, p.62).

No dia 8 de março de 1869, Telles de Menezes reuniu seus amigos do Grêmio de Estudos Espíritos da Bahia para comunicar a fundação do primeiro jornal espírita no Brasil, *O Eco d'Além –Túmulos*, com o subtítulo de *monitor do espiritismo no Brasil*. O jornal de periodicidade bimestral “circulou na Bahia, em outras partes do território nacional, em Paris e em algumas outras capitais europeias” (ARRIBAS 2010, p. 63).

De fato, a contribuição baiana para a divulgação do Espiritismo no Brasil foi importante para a ampliação do movimento. Por muitos anos, a Bahia liderou “o movimento Espírita no Brasil, transformando-se em foco de irradiação da doutrina” (GONÇALVES, 2010, p. 50).

Além da Bahia, o Espiritismo se fortaleceu em terras cariocas, “no Rio de Janeiro, é fundada pelo jornalista Antônio da Silva Neto a Sociedade de Estudos Espíritos – Grupo Confúcio, que desenvolveu práticas de atendimento à saúde física e mental, utilizando-se largamente de tratamentos homeopáticos e passes fluídicos” (VILHENA, 2010, p. 50). Associando, o aspecto da religiosidade espírita à prática da caridade através de curas e práticas assistencialistas.

Vilhena (2008, p. 82) informa que o “grupo tinha como lema: sem caridade, não há salvação”. Ao seguir esse princípio, o grupo Confúcio se contrapõe à pretensão da Igreja Católica de ser a detentora exclusiva dos bens de salvação, extraído do repertório doutrinário

católico dois elementos intensamente enraizados no Evangelho e divulgados pelas pregações eclesiais: a caridade e a salvação. Foi nas práticas deste grupo que os espíritas começaram a colocar a mediunidade como uma prática voltada à caridade.

A grande propagação do Espiritismo chamou a atenção de muitos brasileiros, dentre eles, o então cronista carioca Paulo Barreto, que se subscrevia como João do Rio. Em uma série de reportagens que publicou sobre religiões praticadas na capital federal, reunidas no livro *As religiões do Rio*, impresso em Paris, em 1904, pela Garnier, o referido autor deixou registrado suas impressões sobre a nova doutrina.

Em busca da legitimação, em 1884, foi fundada a “instituição Federação Espírita Brasileira (FEB) por um grupo de adeptos das doutrinas kardecistas que, no início, propõe-se como um órgão de divulgação e propaganda dessas doutrinas” (GIUMBELLI, 2003, p. 2). O primeiro presidente/fundador foi o Marechal Ewerton Quadros.

Em relação à atuação da FEB, Emerson Giumbelli afirma que a “Federação Espírita Brasileira sempre funcionou como sede da realização de sessões religiosas e atividades de caráter assistencial, além de centro de divulgação do espiritismo”. Todavia, inicialmente fundada com o objetivo de também divulgar e unificar o movimento espírita, ao longo do tempo ela reivindicou para si “a dupla missão, diante do conjunto dos grupos e dos adeptos espíritas do Rio de Janeiro e mesmo do Brasil, de orientá-los doutrinariamente e representá-los institucionalmente” (GIUMBELLI, 2003, p. 2).

As propostas incorporadas nos estatutos da FEB, aprovados em 1924, conforme Giumbelli (2003, p. 2) exerceram papel fundamental no processo de legitimação do Espiritismo. Um dos instrumentos criados para implementar o novo plano de organização foi a regulamentação de todas as condições e procedimentos envolvidos para o processo de filiação, bem como as obrigações daí decorrentes. Em consequência, foi criado um "Conselho Federativo", composto pelos representantes das associações filiadas, que se reuniu periodicamente para definir uma orientação doutrinária uniformizada.

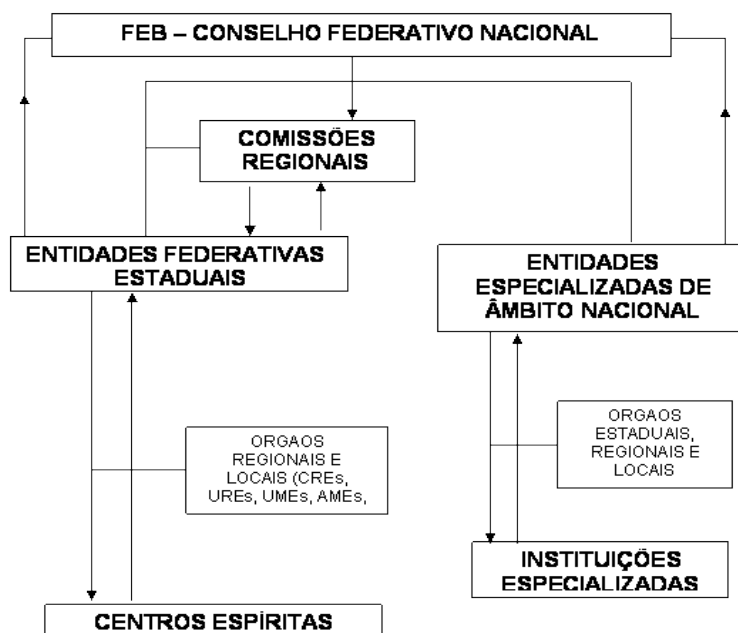
O Conselho Federativo Nacional (CFN), criado em consequência do “Pacto Áureo”<sup>4</sup> é o órgão de Unificação e da Organização Federativa da Federação Espírita Brasileira que

---

<sup>4</sup> Em 5 de outubro de 1949 (...) procede à Grande Conferência Espírita do Rio de Janeiro um Congresso Espírita Pan-Americano, que atraía à antiga Capital da República muitos espíritas dirigentes de instituições estaduais. Após entendimentos preliminares, foi marcado um encontro na sede da Federação, com sua Diretoria, ao qual compareceram os representantes das Federações e demais instituições estaduais. O encontro ficou conhecido como Grande Conferência Espírita do Rio de Janeiro, tendo sido lavrada a célebre Ata com os pontos essenciais sobre os quais se assentava o acordo da Unificação. (...) Dentre as disposições contidas na Ata de 5 de outubro de 1949, pouco depois denominada *Pacto Áureo*(...) um de seus signatários, estava a da criação do Conselho Federativo Nacional da Federação Espírita Brasileira, em novas bases, incumbido de executar, desenvolver e

acumula, no Movimento Espírita brasileiro, funções deliberativas, normativas, orientadoras, coordenadoras e supervisoras.

Com a formação do CFN, o movimento espírita no Brasil constrói uma configuração organizacional própria. Para melhor visualizar o modo como está organizado segue, abaixo, um quadro representativo. Vejamos:



QUADRO 1 - Organização do movimento espírita no Brasil

Fonte: Federação Espírita Brasileira (Conselho Federativo Nacional)

De fato, o "Regulamento de Adesão", definido pela diretoria da FEB, em fevereiro de 1925, e mantido quase sem modificações até o fim da década de 40, foi um importante mecanismo no processo de unificação e sedimentação da doutrina. Isto porque, conforme informa Giumbelli:

De acordo com o documento, todo grupo, direta ou indiretamente filiado à FEB, teria de lhe remeter periodicamente informações sobre sua organização e atividades, além de contribuir monetariamente para uma "caixa de propaganda"; a FEB, por sua vez, devia-lhes assessoria judiciária e doutrinária e auxílios materiais, além do envio de obras doutrinárias e do *Reformador*. Quanto às condições estipuladas para a filiação de um grupo, compunham-nas exigências de mesma ordem que as presentes nas discussões que vimos acompanhando ao longo deste texto, deixando claro o

tipo de "codificação" almejado pela FEB. A fidelidade e pureza doutrinárias deviam se refletir no programa de atividades, necessariamente divididas em sessões públicas (de esclarecimento doutrinário e moral, permitindo-se apenas a manifestação de "guias") e privadas ("trabalhos práticos") e, quando possível, na manutenção de serviços assistenciais (GIUMBELLI, 2003, p. 9).

A estratégia de criação do CFN colaborou muito para legitimar o Espiritismo no Brasil como sendo uma religião. Desde essa época, a frase “fora da caridade não há salvação” passou a ser o lema principal de atuação da FEB como órgão que busca representar o Espiritismo brasileiro (GIL, 2011). No entanto, mesmo com a atuação da FEB, tensões e divergências internas não deixaram de existir, segundo Cavalcanti a existência de “uma única federação de âmbito nacional – a Federação Espírita Brasileira é expressão do esforço existente no sentido da unificação doutrinária” (CAVALCANTI, 1985, p. 6).

No processo de legitimação do Espiritismo, encontram-se personagens que se destacaram a exemplo do médico e político Adolfo Bezerra de Menezes (1832-1900), considerado “o mais influente líder espírita brasileiro do século XIX” (PRANDI, 2012, p. 53). Segundo Prandi, na presidência da FEB, “Bezerra de Menezes (...) imprimiu definitivamente ao espiritismo a marca de uma religião cristã avançada” (PRANDI, 2012, p. 56). Dentre outras ações importantes para o movimento espírita brasileiro ele instituiu, conforme Vilhena,

o estudo sistematizado de O livro dos espíritos nas reuniões públicas da Federação, inaugura à livraria da FEB, responsável pela edição e divulgação da literatura espírita, ao mesmo tempo em que busca adaptar as concepções francesas sobre magnetismo animal e espiritual e o Espiritismo científico às práticas de cura de males da mente e do corpo. (VILHENA 2008, p.84).

Segundo Gil (2011) Bezerra de Menezes levou o Espiritismo brasileiro a cada vez mais se distanciar de seu aspecto científico e experimental, sem abandoná-los, e centralizar-se na prática da caridade como estratégia de inserção social, especialmente ao atendimento de pessoas pertencentes às camadas mais pobres da população de grandes centros como o Rio de Janeiro.

A bandeira da caridade foi, então, erguida pelos espíritas em prol de sua legitimação. No que tange a expansão do Kardecismo, tanto no Rio de Janeiro quanto no resto do país, “popularizou-se o Espiritismo cristão com seu corolário: a prática da caridade através do atendimento aos necessitados” (VILHENA 2008, p. 86). Um bom exemplo, segundo Vilhena, são as sessões promovidas por Bezerra de Menezes. Nelas, ele fazia a convocação de

“espíritos superiores” para ajudá-lo na identificação e interpretação de problemas morais dos quais seus pacientes seriam portadores, promovendo o afastamento de espíritos obsessores dos seus pacientes a fim de que, uma vez libertos, alcançassem saúde física e mental. Nesse caso, a mediunidade era aplicada na prática da caridade através do alívio do sofrimento; segundo Giumbelli “o ‘médium receitista’ era, então o indivíduo que, inspirado pelo ‘espírito’ de um médico já falecido, diagnosticava doenças e prescrevia um tratamento que residia na quase totalidade das vezes em uma medicação homeopática” (GIUMBELLI, 1997, p. 76).

Conforme Gil (2001, p.) o receituário homeopático passou a ser empregado pela FEB como prática da caridade, fato que provocou discórdia com a medicina da época, especialmente porque a maior parte dos receitistas que atuava na Federação não era médicos e receitava por inspiração mediúnica, o que levou numerosos médicos a considerarem tal prática como charlatanismo.

Segundo Souza no início do século XIX, a homeopatia, criada por Hahnemann, é introduzida no cenário médico e científico brasileiro, muitos conceitos do Espiritismo o aproximam da homeopatia, inclusive o seu autor “foi contemporâneo de Allan Kardec” (SOUZA, 2004, p. 252). Sobre a temática, Giumbelli relata que a homeopatia chega ao Brasil por meio do francês Benoît Mure. Estabelecido no Rio de Janeiro a partir de 1843 ele

funda o Instituto Homeopático do Brasil (cujos fins eram o ensino, a produção de remédios e a propaganda). A nova terapêutica logo ganha prestígio, disseminando-se pelas classes populares e ganhando adeptos entre a elite da Corte desencadeando um enorme debate através de jornais de ampla circulação e de periódicos das associações médicas (GIUMBELLI, 1997b, p.4).

A prática receitista mediúnica posta em prática pelo espiritismo brasileiro chama a atenção dos legisladores brasileiros que interferiu nas práticas mediúnicas, por meio da aplicação dos preceitos legais presentes na Constituição de 1889 que em seus “artigos 156 e 157, dispõe penalidades para a prática ilegal da Medicina, do Espiritismo, bem como condenação à falsa medicina dos curandeiros” (VILHENA 2008, p. 86). Para Vilhena, o artigo 157 traduz a noção comum na época, seguida por médicos ilustres como Dr. Juliano Moreira e Dr. Franco da Rocha, os quais acreditavam em um Espiritismo causador de doenças mentais.

Como consequência da aplicação da lei constitucional, nas primeiras décadas do século XX, centros espíritas e casas de macumba serão condenados pela imprensa e tornaram-se alvos de denúncias, inquéritos e batidas policiais sob a acusação de prática ilegal da

Medicina. (VILHENA 2008). Sobre o controle legal exercido, nessa época, sobre as práticas receitistas mediúnicas exercidas pelas diferentes religiões Giumbelli argumenta que “o novo código penal pretendia condenar ‘a nova ciência’ equiparando-a aos ‘sortilégios da velha Magia’” (GIUMBELLI 1997, p. 83).

Sobre o assunto em pauta Arribas (2010 p. 120) explica que o espiritismo sofre oposição desde antes do período Republicano. Neste período era comum seguidores espíritas receberem investidas constantes da imprensa, protestos de médicos, acusações de charlatanismo e ataques de adeptos católicos. No entanto, apenas, a partir de 1890, com a aprovação do Código Penal, os espíritas passaram a sofrer judicialmente processos condenatórios. Por esse motivo, Giumbelli afirma que

Desde pelo menos o início do século, a FEB investiu sobre a legitimação e a criação de instrumentos que permitissem a concretização de suas pretensões, diante de outros grupos espíritas, quanto à orientação doutrinária e à representação institucional. No entanto, é apenas na década de 20 que vai se constituir um conjunto de condições propícias a uma maior efetivação dos antigos planos federativos (GIUMBELLI, 2003, p. 9).

Todo esse contexto explica porque a Federação Espírita Brasileira passou a assumir a função de representante das agremiações espíritas, diante do poder judiciário com o objetivo de defender seus adeptos das acusações penais. Dentre outros motivos, dois especialmente impulsionaram as ações da FEB nesse campo: o primeiro diz respeito às forças e capital sociais que agregava na figura de seus membros – advogados, médicos, jornalistas; o segundo, porque ao ressaltar seu caráter religioso, o Espiritismo passou simultaneamente a se legitimar como religião, construindo uma posição no campo religioso brasileiro.

Na construção desse lugar a “necessidade de fazer uma diferenciação entre a doutrina codificada por Kardec e os cultos afros” foi considerada como condição necessária para a legitimação do espiritismo. Além disso, o fato de optarem por deixar de atuar na prática do receituário homeopático, também atuou como fato positivo para a sua aceitação entre os brasileiros.

No entendimento de Arribas, ao “escolher a via religiosa, o Espiritismo, conseguiu proteger-se e legitimar-se no Brasil, definitivamente. Mas sem se distanciar totalmente do caráter cientificista, busca a legitimidade religiosa e o reconhecimento de suas práticas” (ARRIBAS, 2010, p. 129). Para Camargo, um dos primeiros estudiosos dessa religião, “a ênfase no aspecto religioso da obra de Kardec que se define igualmente como ‘ciência’ e

‘filosofia’, constitui, no entanto, o traço distintivo do Espiritismo brasileiro e, talvez, a causa de seu sucesso entre nós” (CAMARGO, 1961, p. 4).

Outro personagem importante na legitimação do Espiritismo brasileiro foi o médium Chico Xavier. Sua função foi legitimar o Espiritismo, centralizando seus esforços nos trabalhos de evangelização e divulgação dos ideais espíritas por meio da literatura mediúnica, ratificando ainda mais a imagem do Espiritismo como uma doutrina religiosa.

Lewgoy afirma que com o médium Chico Xavier trouxe uma proposta, que “conjuga cristianismo, nacionalismo e racionalismo tendo articulado um conjunto sistemático de referências para a prática religiosa nos centros e no lar (água fluidificada, atendimento fraterno, grupos de estudos, palestras, passes, culto do evangelho no lar)” (LEWGOY, 2011, p.95).

Sobre o médium “Chico Xavier, autores como Prandi (2012), Stoll (2003) e Lewgoy (2004) afirmam que ele exerceu um papel fundamental para a formação do aspecto religioso do Espiritismo como religião, consagrando-se como o maior líder espírita do século XX.

Para a consagração do espiritismo importa também registrar o nome do médium baiano Divaldo Pereira Franco que, segundo Lewgoy (2011, p.96), intensificou a transnacionalização do espiritismo, difundindo o Espiritismo para as plateias de simpatizantes do Espiritismo dentro e fora do Brasil. O discurso desse adepto, juntamente com o projeto Manoel Philomeno de Miranda<sup>5</sup>, consagra uma atividade mediúnica centrada no objetivo de divulgar um roteiro de como realizar a prática mediúnica.

Outros adeptos espíritas foram surgindo com o objetivo de levar adiante o projeto de divulgação do espiritismo fora do Brasil, como afirma Lewgoy “Trata-se de uma união entre médiuns poderosos e performáticos, como Divaldo Franco e Raul Teixeira com médicos-intelectuais capitaneados por Marlene Nobre, presidente da influente Associação Médico-Espírita do Brasil” (LEWGOY, 2011, p.96).

Diante do que foi exposto, entendemos que o Espiritismo chegou ao Brasil, por volta do século XIX, por meio das relações estabelecidas por intelectuais brasileiros e franceses e “ganhou” legitimidade graças a atuação de personagens importantes para o movimento espírita como o médico Bezerra de Menezes, os médiuns Chico Xavier e Divaldo Pereira.

---

<sup>5</sup>O Projeto Manoel Philomeno de Miranda foi criado no mês de maio de 1990, para dar apoio e treinamento aos integrantes da área mediúnica dos Centros Espíritas através de seminários, cursos e palestras. (...). A abrangência das suas atividades envolve Reuniões Mediúnicas, Vivência Mediúnica, Terapia pelo Passe, Qualidade na Prática Mediúnica, Desobsessão e Atendimento Fraterno ora reunidas em obras literárias adicionadas pelos livros “Passes, Aprendendo com os Espíritos” e “Estudando o Livro dos Médiuns”, publicados pela Livraria Espírita Alvorada Editora, cidade de Salvador (BA) alcançando em 2011 a marca de 236 mil livros vendidos. <http://projetomanoelphilomenodemiranda.com/o-projeto/> acesso em 07/07/2014.

Outros fatores contribuíram com o seu processo de legitimação: a pressão exercida por segmentos da sociedade brasileira, a exemplo da igreja católica, da classe médica e dos aparelhos estatais responsáveis pela aplicação de leis específicas que, paradoxalmente, ao mesmo tempo que exerciam pressão sob os adeptos, possibilitaram que estratégias de resistência fossem criadas, com o objetivo de assegurar para o Espiritismo um lugar no cenário religioso brasileiro.

## **1.2. Práticas espíritas: fenômeno mediúnico, psicofonia e desobsessão**

Kardec (1981) define o Espiritismo como uma doutrina que trata da "natureza, origem e destino dos espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal e as consequências morais" e baseia-se nas comunicações e nos ensinamentos dos espíritos. Codificada com aspecto científico-filosófico-religioso volta-se para o aperfeiçoamento moral, acreditando na possibilidade de comunicação com os "mortos" através de médiuns.

Relata Cavalcanti que "como toda religião, o Espiritismo não é, contudo homogêneo. Tensões internas e externas, fatores de seu dinamismo, nuançam e complexificam esse quadro" (CAVALCANTI, 1990, p.147). Afirma que se trata de uma religião codificada, o que lhe provém significativa unidade doutrinária.

Para Silva "O espiritismo era Cristianismo na prática moral dos ensinamentos evangélicos, explicando uma rigorosa justiça divina permitindo aos homens alcançar a felicidade futura" (SILVA, 1999, p. 39). Afirma a autora que o Espiritismo surgiu como a nova revelação, na senda de Moisés e Cristo, estando sua base doutrinária sob instruções dos Espíritos que falavam de uma aliança entre a Ciência e a Religião, as duas alavancas da inteligência humana, inaugurando uma Nova Era, na qual os ensinamentos de Cristo seriam completados, principalmente em relação à vida futura (SILVA, 1999). Desse modo, continua a autora, "Se no Cristianismo esta era uma questão de fé, com o Espiritismo transformou-se numa realidade material demonstrada pelas comunicações espíritas" (SILVA, 1999, p. 39).

Desta forma, para Silva, toda a concepção do Além e da existência após a morte desenvolvida pelos espíritas repousava sobre uma divisão tripartida do ser humano e na existência de uma hierarquia espiritual:

O homem compunha-se de três elementos: o corpo material, sendo um simples invólucro sujeito à degradação após a morte, a alma, o princípio

imaterial, intelectual, moral, espiritual que sobrevivia, à morte; o perísprito, o “o corpo sutil”, o fluido vital, a energia pura que animava o corpo, uma forma específica de fluído cósmico universal, o meio pelo qual o princípio imaterial agia sobre a matéria (SILVA, 1999, p. 39).

Conforme Prandi, o lema principal do kardecismo é a caridade, considerada a maior de todas as virtudes, sem ela não há salvação, aplicando-se tanto para os encarnados quanto aos desencarnados. Para o referido autor “sua prática – que é a ajuda desinteressada a quem precisa de qualquer apoio material, social ou espiritual – determina o estágio em que se encontra cada ser humano vivo ou desencarnado” (PRANDI, 2012, p. 44). Para o sujeito/codificador Kardec:

O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática ele consiste nas relações que se estabelecem entre nós e os espíritos; como filosofia, compreende todas as consequências morais que dimanam dessas mesmas relações. (KARDEC, 2005b, p.50).

Foucault considera que “a verdade é centrada na forma do discurso científico e nas instituições que o produzem” (FOUCAULT, 2011, p. 13) sendo apresentados os princípios doutrinários espíritas por Kardec como ciência prática de bases filosóficas e consequências morais, registrando dessa forma o aspecto tríplice do Espiritismo.

Afirma Gonçalves que “interessa-nos observar a discursividade de Allan Kardec com o objetivo de compreender como se produz a chamada verdade do Espiritismo, ou o regime de verdade que a doutrina constitui para justificar a produção, circulação e sedimentação de suas crenças” Entendemos que prática mediúnica espírita é exercida com base nos princípios kardecistas, tendo como base o tríplice aspecto ciência-filosofia-religião, com implicação moral cristã. Segundo a autora, o discurso espírita fundamenta a *verdade* do fenômeno mediúnico, tendo como princípio teórico a comunicação entre espíritos como se o espírito possuísse uma organização fisiológica apropriada para a comunicação (GONÇALVES, 2010, p. 74).

A comunicação dos mortos com os vivos faz parte de ocorrências de todos os tempos, sendo objeto de observação e estudo científicos de intelectuais nos séculos XIX e XX. Segundo Doyle, é “impossível fixar uma data para as primeiras aparições de uma força inteligente exterior, de maior ou menor elevação, influenciando nas relações humanas” (DOYLE, 1995, p.33)

Nessa efervescência do pensamento científico surge o interesse pelo estudo dos fenômenos mediúnicos, e emerge o Espiritismo sob um discurso de “verdades” basilares sobre a vida e a morte. Segundo Gonçalves o “fundamento doutrinário que dá sustentação a vivência dessa experiência religiosa é a produção de uma ressignificação da noção de vida e de morte” (DOYLE, 1995, p.33).

A crença na existência da vida após a morte, para os espíritas, permitiu a comunicabilidade com o além que trouxe como marco inicial o caso de Hydesville, nos Estados Unidos, em 31 de março de 1848, na casa da família Fox (WANTUIL, 2004a). Nesse contexto vamos encontrar o estudioso Doyle (1995) descrevendo a primeira estrutura de comunicação abraçada pelos espíritos que foram as pancadas e arranhões realizados entre a jovem Kate Fox e a força invisível.

O fenômeno das “mesas girantes e dançantes” foi o marco oficial da origem do Espiritismo, iniciando Allan Kardec, sujeito/fundador, a sua pesquisa sobre o fenômeno da comunicação com os “mortos”. Afirmo Gonçalves (2010), que o diferencial no trabalho do autor é que os fundamentos teóricos que conduzem o funcionamento dessa produção comunicativa, segundo informa, não foram descobertos por ele, mas *revelados* por Espíritos que abordaram acerca de assuntos relativos ao mundo espiritual.

Diz Kardec que “O Espiritismo é uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal” (KARDEC, 1998, p. 10). Em 1857 após estudar os fenômenos de “forças inteligentes” que atuam sobre matéria inerte, Allan Kardec publica *O Livro dos Espíritos* apresentando desta forma, os princípios básicos do espiritismo, que são a crença em Deus, a sobrevivência da alma após a morte, a reencarnação, a pluralidade dos mundos habitados e a possibilidade de haver comunicação entre os vivos e os mortos através de indivíduos chamados de médiuns.

Segundo Kardec (2007) há dois elementos gerais no Universo que seria o Espírito, conhecido por alma e a matéria, e acima de tudo Deus, formando a trindade Universal. Ao elemento material se tem que juntar o fluído universal, que desempenha o papel de intermediário entre o Espírito e a matéria propriamente dita, grosseira para que o Espírito possa exercer ação sobre ela.

Weber quando trata do tema alma afirma que “é um ser nem pessoal nem impessoal” (WEBER, 2012, p. 281). Cavalcanti afirma que os principais componentes do Mundo Invisível são os Espíritos, centelhas divinas, partes de Deus (CAVALCANTI, 1983, p. 24). E Kardec por sua vez entende os espíritos, também chamado de alma como “abstrações, mas como seres decididos, limitados, circunscritos” (KARDEC, 2007, p. 124).

O sujeito/fundador do Espiritismo afirma que o “Espírito é o princípio inteligente do Universo, que tem como atributo essencial a inteligência” (KARDEC, 2007, p. 51). O Espírito para atuar, para agir, precisa de matéria, mesmo que seja sob a forma de energia. Matéria é o laço que prende o Espírito; é o instrumento de que este se serve e sobre o qual, ao mesmo tempo, exerce sua ação. Desse ponto de vista, pode-se dizer que a matéria é o agente, o intermediário com o auxílio do qual e sobre o qual atua o Espírito (KARDEC, 2007, p. 51). Kardec discorre sobre o conceito de médium:

Todo aquele que sente num grau qualquer, a influência dos Espíritos é, por esse fato, médium. Essa faculdade é inerente ao homem; constitui, portanto, um privilégio exclusivo. (...) Pode. Pois dizer-se que todos são, mais ou menos, médium. Todavia, usualmente, assim só se qualificam aqueles em quem a faculdade mediúnica se mostra bem caracterizada e se traduz por efeitos patentes, de certa intensidade, o que então depende de uma organização mais ou menos sensitiva (KARDEC, 2008, p. 181).

Mediunidade é a positivação do fenômeno mediúnico. Cavalcanti afirma que o sistema ritual espírita tem a mediunidade como “sinônimo de comunicação espiritual, focalizando a relação sincrônica e permanente entre o mundo visível e o mundo Invisível” (CAVALCANTI, 1993, p. 53). E para os espíritas o termo "mediunidade pode ser com Jesus e mediunidade sem Jesus", onde a primeira refere-se à moralização e à evangelização do médium, de acordo com os padrões estabelecidos por Jesus; e a segunda, ao desleixo e à negligência no trato com os Espíritos. Gonçalves relata que por meio da “mediunidade sujeito-Espírito desencarnado pode, dentre outras ações, convencer os homens de que a morte não existe; fornecer-lhes informações detalhadas acerca do funcionamento da vida além-túmulo (...)” (GONÇALVES, 2010, p. 103).

O Espírito para atuar, para agir, precisa de matéria, mesmo que seja sob a forma de energia. Matéria é o laço que prende o Espírito; é o instrumento de que este se serve e sobre o qual, ao mesmo tempo, exerce sua ação. Desse ponto de vista, pode-se dizer que a matéria é o agente, o intermediário com o auxílio do qual e sobre o qual atua o Espírito (KARDEC, 2007, p. 51).

O sujeito/médium, conforme a doutrina espírita é um instrumento que vive entre os dois mundos, encarnado e desencarnado, fazendo circular informação e alívio do sofrimento, contribuindo para o progresso da humanidade. Cavalcanti afirma que a pessoa que é tida como médium, no seio do Espiritismo, é aquele que desenvolve sua mediunidade no sentido do bem, transformando o dom que todo homem possui em mediunidade ostensiva, num

processo que os espíritas chamam de desenvolvimento da mediunidade (CAVALCANTI, 1983, p.68).

O filósofo espírita Herculano Pires (2010), no seu livro *O Centro Espírita*, afirma que médium quer dizer mediano, intermediário e que a mediunidade é a faculdade humana, natural, pela qual se estabelecem as relações entre homens e espíritos.

A Mediunidade pertence ao campo da comunicação. Desenvolve-se naturalmente nas pessoas de maior sensibilidade para a captação mental e sensorial de coisas e fatos do mundo espiritual que nos cerca e nos afeta com as suas vibrações psíquicas e afetivas. (...) Geralmente o seu desenvolvimento é cíclico, ou seja, processa-se por etapas sucessivas, em forma de espiral (PIRES, 2010, p. 9).

Com a codificação do espiritismo, Kardec organiza uma série de regras e roteiros para direcionar as práticas mediúnicas, tecendo conforme afirma Foucault “um conjunto de revezamentos de uma teoria a outra e a teoria um revezamento de uma prática a outra” (FOUCAULT, 2011, p. 69).

No capítulo XVI do *Livro dos Médiuns*, Kardec apresenta um quadro sinótico dos principais gêneros de mediunidade, as diferentes variedades mediúnicas, pelas semelhanças de causas e efeitos, embora afirme que não se trata de uma classificação absoluta. E, salienta que esta classificação foi trazida pelos espíritos.

Kardec (2005) classifica os médiuns em duas grandes categorias: médiuns de efeitos físicos: os que têm o poder de provocar efeitos materiais, ou manifestações ostensivas e os médiuns de efeitos intelectuais: os que são mais aptos a receber e a transmitir comunicações inteligentes. Os médiuns de efeitos intelectuais são classificados da seguinte forma:

|                |                                                                                        |
|----------------|----------------------------------------------------------------------------------------|
| Falantes       | Os que falam sob influência dos Espíritos. Hoje é conhecida pelo nome de Psicofonia.   |
| Audientes      | Os que ouvem os Espíritos.                                                             |
| Videntes       | São os que veem os Espíritos em estado de vigília.                                     |
| Inspirados     | Recebem os pensamentos sugeridos pelos Espíritos, na maioria das vezes, sem o saberem. |
| Pressentimento | Têm uma vaga intuição de acontecimentos vulgares do futuro.                            |
| Proféticos     | Recebem revelações de acontecimentos futuros, de interesse geral, em fins instrutivos. |
| Sonâmbulos     | Os que, em transe sonambúlico, são assistidos por Espíritos.                           |

|                         |                                                                                                                                       |
|-------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Extáticos               | Recebem revelações dos Espíritos, em estado de êxtase.                                                                                |
| Pintores ou desenhistas | Os que pintam ou desenhavam. Hoje, denomina-se, mais frequentemente, de Psicopictoriografia, Psico-pictografia, ou Pintura Mediúnica. |
| Musicais                | Executam, compõem ou escrevem músicas, sob a influência dos Espíritos.                                                                |
| Psicógrafos             | Escrevem sob a influência dos Espíritos.                                                                                              |

QUADRO 2 - Médiuns de efeitos intelectuais

Fonte: Elaborado pela autora

A mediunidade de psicofonia é conhecida também por incorporação. Conforme Silva (1999) que a mediunidade de incorporação afirma o domínio do Espírito sobre a matéria pelo deslocamento do Espírito do médium de seu corpo, e pela “encarnação” temporária de outro Espírito. Sobre psicofonia, Kardec (2005) afirma que o espírito emite o pensamento, agindo sobre as cordas vocais do médium, emitindo a voz que funciona como um instrumento do Espírito e desta forma outra pessoa pode conversar com ele. Kardec a denominou “mediunidade falante”, ou seja, aquela faculdade que propicia o ensejo para que os espíritos entrem em contato através da palavra, travando conversações. É ainda conhecida popularmente como *incorporação*, mas este termo poderia sugerir uma falsa ideia de que o espírito comunicante penetra no corpo do médium, o que, para o Espiritismo, não acontece.

Os espíritas afirmam que médium é sempre responsável pela ordem do desempenho mediúnico e, seja qual for o grau de consciência, o papel dele é sempre passivo, valorizando o papel da educação mediúnica para facilitar o intercâmbio mediúnico. Cavalcanti afirma que é um “dom orgânico derivado da estrutura do físico”. O médium de psicofonia é um intérprete do pensamento do espírito comunicante, repassando o conteúdo da mensagem por via oral. “Os espíritos comunicam-se através do pensamento da vontade” (CAVALCANTI, 1993, p. 75).

Psicofonia é a faculdade mediúnica que possibilita a comunicação dos “vivos” e com os “mortos”, entendendo os espíritas que seria a possibilidade de ajudar ou esclarecer aos necessitados do mundo invisível, possibilitando o alívio das dores morais. Os espíritas relatam, também, que há desvantagens na psicofonia, pois é preciso analisar o discurso mediúnico para saber a origem e o valor da mensagem, já que pode ocorrer interferência do pensamento do médium.

A mecânica da comunicação é relatada pelos espíritas como tendo o mentor espiritual como o foco principal, o responsável pela preparação do fenômeno da psicofonia. É ele que se aproxima do médium e lhe aplica forças magnéticas sobre seus centros de força, uma

espécie de que “pontos de ligação do espírito com o perísprito” (CAVALCANTI, 1993, p. 76). Em seguida, ativa a formação do hormônio melatonina, permitindo que o espírito desencarnado se ligue ao médium e o empregue para transmitir sua mensagem. Vejamos a imagem a seguir:



FIGURA 1 - Médiuns

Fonte: O livro *Estudando a mediunidade* de Martins Peralva, p. 139.

Os espíritas afirmam que a psicofonia depende do grau de deslocamento do espírito do médium dividindo-se em três tipos: consciente, inconsciente e semi-consciente. Na psicofonia consciente ou intuitiva há uma exteriorização do perísprito do médium de apenas alguns centímetros. Cavalcanti coloca que o “médium se lembra de tudo o que fez. Seu papel é como o de um intérprete que traduz o pensamento que lhe apresentam” (CAVALCANTI, 1993, p. 107). O espírito comunicante se aproxima do médium sem manter contato perispiritual e transmite telepaticamente as ideias que deseja enunciar. Segundo Náufel, ao médium é permitido “fiscalizar a comunicação, controlando gestos e palavras do Espírito, uma vez que o pensamento deste atravessa, antes, a mente do médium, para chegar, afinal, ao campo cerebral.” (NÁUFEL, 2003, p. 190).

Na psicofonia semi-consciente há uma maior exteriorização do perísprito do médium. O espírito comunicante entra em contato com o perísprito do médium, que se semi-exterioriza, e atua através deste sobre o corpo físico, ficando os órgãos vocais do médium parcialmente sob o controle do espírito que faz a comunicação. Nesses casos, explica Cavalcanti: “Por vez, depois da manifestação, o médium esquece-se do que transmitiu” (CAVALCANTI, 1993, p. 109). Durante a comunicação, o médium tem conhecimento do que é falado, sente o padrão vibratório e a intenção do comunicante, podendo controlar e intervir

se necessário, mas no final da manifestação só lembrará do início e do final da mensagem, ficando apenas com uma vaga lembrança do tema abordado.

Na psicofonia inconsciente há uma exteriorização total do perísprito do médium, ficando apenas ligado pelo cordão fluídico não havendo ligação entre o cérebro do médium e o pensamento do espírito comunicante. “Implica uma maior materialidade, pois o espírito age diretamente sobre o corpo do médium” (CAVALCANTI, 1993, p. 110). O espírito do médium se exterioriza do corpo físico temporariamente ficando diretamente à disposição do espírito comunicante, ficando com maior intervenção sobre o médium. Ao readquirir a consciência, o médium comumente nada recorda da comunicação mediúnica.

Nas casas espíritas são organizadas *grupos de desobsessão* com o objetivo de doutrinar e assistir entidades perturbadas ou doentes que se comunicam por meio da psicofonia. Para entrar nesse grupo é preciso passar anteriormente em grupos de estudo sobre o espiritismo, depois em grupos de educação mediúnica. Kardec afirma que “obsessão é o domínio que alguns Espíritos logram adquirir sobre certas pessoas, praticada pelos Espíritos inferiores, que procuram dominar” (KARDEC, 2007, p. 276). E desobsessão, por sua vez, é considerada como o procedimento utilizado com o objetivo de se combater a obsessão. Chico Xavier (2008) no seu livro *Libertação* afirma que desobsessão é um processo de libertação, tanto para o algoz [obsessor] quanto para a vítima [obsidiado].

Nos centros espíritas são organizadas as reuniões mediúnicas de forma sistemática e doutrinária. Kardec (2007) afirma que a reunião mediúnica séria é aquela “que se pode haurir o verdadeiro ensino e uma reunião só é verdadeiramente séria, quando cogita de coisas úteis, com exclusão de todas as demais”. Para ele a reunião um ser coletivo, desse modo, como entende-se que os membros da equipe têm responsabilidades e funções, gerais e específicas, das quais todos precisam estar cientes para garantirem o êxito da tarefa.

No livro de Suely Caldas Schubert, *Obsessão/Desobsessão*, encontramos o conceito de equipe mediúnica. Para o espiritismo trata-se de grupo formado por grande número de trabalhadores, que se submete à direção de um Mentor ou Instrutor Espiritual, o qual responde por todas as atividades programadas pelos dois grupos: o de encarnados e o de desencarnados. Desse modo, o programa estabelecido pela equipe do plano físico depende, para sua execução, da aquiescência e da permissão do Mentor espiritual.

Xavier (2008) no seu livro *Desobsessão* afirma que o médium tem obrigação de estudar muito, observar intensamente e trabalhar em todos os instantes pela própria iluminação e somente assim poderá habilitar-se para o desempenho da tarefa que lhe foi confiada. (XAVIER, 2008, p. 302).

A prática da mediunidade de Psicofonia na Doutrina Espírita é o fenômeno mediúnico no qual um espírito se comunica através da voz de um médium. E nas casas espíritas estas práticas são desenvolvidas nas atividades mediúnicas, especialmente de desobsessão, que é por sua vez um tratamento, de pessoas que estejam sofrendo interferência negativa de desencarnados. O espiritismo afirma o tratamento de desobsessão consiste da reforma íntima do obsediado e daqueles que lhe são próximos através dos ensinamentos de Jesus.

No item que se segue trataremos do papel dos centros espíritas no movimento espírita e na prática mediúnica.

### **1.3 Função e significado dos Centros espíritas**

O centro espírita deve ser tocado como uma escola, ou seja, devemos estar dentro dele para aprender... Não é só para a mediunidade, para o passe ou para a desobsessão. Precisamos estudar as lições de Jesus, nas interpretações de Allan Kardec, e vivenciá-las, cuidando de nós mesmos, de nossa necessária renovação íntima...

Chico Xavier

As religiões mediúnicas vêm se destacando no panorama religioso brasileiro, centrando-se na relação com espíritos, a mediunidade figura como objeto de maior atenção pelos adeptos. No entanto, conforme Prandi, “Muito antes do surgimento das religiões organizadas, o homem já acreditava em espíritos, e continua acreditando, pelo menos boa parte dos viventes” (PRANDI, 2012, p. 7).

No contexto das religiões mediúnicas, segundo Gonçalves, a “doutrina espírita assume a posição de uma experiência religiosa que ressignifica as relações do ser humano com a vida e com a morte, fornecendo, por exemplo, uma ideia do que seja a vida além-túmulo” (GONÇALVES, 2010, p. 72). Proposta por seu sujeito/fundador, não apenas como religião, mas também como filosofia e ciência, o Espiritismo se baseia na comunicação com os mortos e na crença na reencarnação.

O discurso mediúnico no kardecismo é regido por um controle desenvolvido nos grupos de estudos. Na apostila da Federação Espírita Brasileira (2008), que trata da Organização e Funcionamento da Reunião Mediúnica Espírita, a educação e o desenvolvimento mediúnicos compreendem a fase inicial da formação doutrinária básica (conhecimento espírita, em geral, e da mediunidade em particular), que pode estar associada,

no principiante, ao afloramento da sua mediunidade e ao posterior encaminhamento ao grupo mediúnico.<sup>6</sup>

Prandi explica que para o Espiritismo “Nem todos os espíritas com formação doutrinária são portadores de mediunidade ostensiva, nem possuem compromisso com a tarefa desenvolvida no grupo mediúnico”<sup>7</sup>. Prandi afirma que “o espírito fala pela boca do médium, também pode escrever pela mão de seu intermediador ou se fazer entender por outras estratagemas” (PRANDI, 2012, p. 17). No entanto, “O contato com os espíritos através da voz ou da escrita de um médium acabou tornando, contudo, a forma preferencial de comunicação dos seguidores da religião espírita” (PRANDI, 2012, p. 18). Para o autor, esse mecanismo ritual fora usado por oráculos de deuses da Antiguidade Clássica e na manifestação de antepassados cultuados por religiões africanas introduzidas no Brasil pelos escravos. Além desses outros recursos são conhecidos, como a manifestação do espírito por meio de sinais, de movimentos, de deslocamento de objetos, da produção de sons, aromas, luz e sensação de contato físico.

Os adeptos do Espiritismo asseguram que junto ao responsável pela área da atividade mediúnica pode ser organizado um grupo mediúnico com a finalidade de auxiliar os principiantes nas fases iniciais do seu aprendizado prático, desde que seja dirigido por pessoa experiente e apresente a participação de um ou mais médiuns experientes. Desse modo, a prática mediúnica deve ser precedida de cursos regulares, teóricos e práticos, fundamentais à formação do futuro trabalhador da mediunidade<sup>8</sup>.

No Espiritismo, o intercâmbio mediúnico requer conhecimentos e vigilância, a fim de que sejam bons os resultados alcançados. Com a melhoria moral dos membros da equipe, cria-se obstáculos às investidas dos Espíritos distanciados do bem, além de favorecer o progresso individual<sup>9</sup>. Assim, afirma Kardec que se “entende por educação do médium o período que vai do afloramento da mediunidade até a participação, efetiva e harmônica, numa reunião mediúnica” (KARDEC 2005, p. 388).

---

<sup>6</sup> FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA, Conselho Federativo Nacional - Organização e Funcionamento da Reunião Mediúnica Espírita, 2008, p.11.

<sup>7</sup> FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA Conselho Federativo Nacional – Comissão Regional de Organização e Funcionamento da Reunião Mediúnica Espírita, 2008, p.11.

<sup>8</sup> FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA Conselho Federativas Nacionais - Comissões Regionais Organização e Funcionamento da Reunião Mediúnica Espírita, 2008, p.11.

<sup>9</sup> FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA Conselho Federativas Nacionais - Comissões Regionais Organização e Funcionamento da Reunião Mediúnica Espírita.

Deve-se refletir que não é somente o estudo que habilita o tarefeiro ao exercício da mediunidade. Há outros critérios, os quais devem ser atendidos, como equilíbrio emocional, assiduidade, compromisso com a tarefa, entre outros. É importante destacar, também, que cada Instituição Espírita tem as suas normas e os seus critérios de ingresso à reunião mediúnica, os quais devem ser considerados, a não ser que exista conflito com os princípios espíritas da Codificação e as obras suplementares a esta (FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA, Conselho Federativas Nacionais - Comissões Regionais Organização e Funcionamento da Reunião Mediúnica Espírita, 2008, p.11).

Sobre a educação mediúnica, Chico Xavier (2008) afirma que “o médium tem obrigação de estudar muito, observar intensamente e trabalhar em todos os instantes pela sua própria iluminação” Explica que “somente desse modo poderá habilitar-se para o desempenho da tarefa que lhe foi confiada, cooperando eficazmente com os Espíritos sinceros e devotados ao bem e à verdade” (CHICO XAVIER, 2008, p.305). Sobre a necessidade da educação para a mediunidade, Allan Kardec afirma no Livro dos Espíritos que:

Todas as imperfeições morais são tantas outras portas abertas ao acesso dos maus Espíritos. A que, porém, eles exploram com mais habilidade é o orgulho, porque é a que a criatura menos confessa a si mesma. O orgulho tem perdido muitos médiuns dotados das mais belas faculdades e que, se não fora essa imperfeição, teriam podido tornar-se instrumentos notáveis e muito úteis [...]. O prestígio dos grandes nomes, com que se adornam os Espíritos tidos por seus protetores os deslumbra e, como neles o amor-próprio sofreria, se houvessem de confessar que são ludibriados, repelem todo e qualquer conselho [...]. Aborrecem-se com a menor contradita, com uma simples observação crítica e vão às vezes ao ponto de tomar ódio às próprias pessoas que lhes têm prestado serviço. [...] Devemos também convir em que, muitas vezes, o orgulho é despertado no médium pelos que o cercam. (KARDEC, 2005, p. 262).

Os estudos das comunicações advindas dos espíritos por meio dos diferentes fenômenos mediúnicos produziu a necessidade fundação de uma sede, de uma estrutura física para encontros, estudos e análise das comunicações, despertando também o interesse pela unificação da doutrina. Essa necessidade surgiu desde os primeiros momentos de formação da doutrina, como veremos a seguir na voz de Kardec:

Após o lançamento de O Livro dos Espíritos foi intenso o interesse pela Doutrina nascente. Allan Kardec foi muito preocupado por aqueles que queriam conhecê-lo pessoalmente e com ele trocar ideias. O Codificador já realizava reuniões às terças-feiras, há seis meses, em sua residência, na rua dos Martires, 8, em Paris. No início, ali compareciam de 8 a 10 pessoas, chegando até a 30, movidas pelo desejo de conhecer o Espiritismo e o

próprio Kardec. Este e seus companheiros chegaram à conclusão de que deveriam organizar uma sociedade, o que se efetivou com a fundação, 1º de abril de 1858, da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas (SPEE), que começou a funcionar na galeria de Valois no Palais-Royal. Um ano depois e até 1º de abril de 1860 a SPEE realizou as sessões numa outra ala do mesmo edifício, em salão do restaurante Douix, na galeria Montpensier. A partir desta última data, a Sociedade passou a funcionar em sede própria, na passagem Sainte-Anne, na rua Sainte-Anne, 59. (REFORMADOR, 2008, p. 10).

Como vimos, a necessidade de um espaço físico para as suas práticas foi apontada por Kardec desde a formação do Espiritismo. Segundo Eliade (2011) a casa é santificada, em parte ou na totalidade, por um simbolismo ou um ritual cosmológico e se instala em qualquer parte, construir uma aldeia ou simplesmente uma casa representa uma decisão grave. Por esse motivo, para o Espiritismo, no dizer de Schubert (2009, p. 21), o centro espírita é “Templo, lar, hospital, oficina, escola”.

Na revista *Reformador*, sobre a questão do espaço físico, encontramos o seguinte relato: “A SPEE foi um autêntico laboratório, viabilizando a experiência com atividades espíritas valiosas para o Codificador e, sem dúvida, ponto de referência para os interessados na novel Doutrina Espírita” (REFORMADOR, 2008, p. 10)

O codificador do Espiritismo afirma que as “sessões são particulares ou gerais; jamais são públicas. Toda pessoa que faz parte da sociedade, de qualquer título, deve, a cada sessão, assinar seu nome numa lista de presença” (KARDEC, 2005, p.413). Pires (2010), ao discutir esse assunto relata que muitos centros espíritas surgiram do acréscimo de grupos familiares, desligando-se mais tarde da residência em que se formara. Tais centros, oriundos desses grupos, mostram-se mais coesos e mais abertos conservando as características de sua origem.

Segundo Eliade (2011) o “espaço sagrado tem um valor existencial para o homem religioso; porque nada pode começar, nada se pode fazer sem uma orientação prévia (...)” (ELIADE, 2011, p. 26). Pautado nesse princípio, compreende-se a necessidade de o movimento espírita criar um espaço físico para começar sua tarefa.

Conforme Cavalcanti, “O centro compõe-se formalmente de uma diretoria, conselho fiscal e consultivo, tesouraria e secretária-geral e um corpo de sócios” e “Mantém-se através de contribuições voluntárias e fundos levantados em campanhas, bazares e lanches”. De um modo geral, “Organiza-se em quatro departamentos: programação doutrinária e orientação mediúnica, serviços assistenciais, divulgação, e infância e mocidade, sendo seus responsáveis nomeados pela diretoria” (CAVALCANTI, 1983, p. 43).

Segundo Pires, no que diz respeito a criação de um espaço físico “Kardec avaliou a sua importância significativa no plano da divulgação e da orientação dos Grupos, explicando ser preferível a existência de vários Centros pequenos e modestos numa cidade ou num bairro, à existência de um único Centro grande e suntuoso”. (PIRES, 2010, p. 32). Uma vez organizado, preparados e aprovados em assembleia geral e registrados os estatutos. Geralmente, os Centros recebem uma denominação simples seja com o nome de um Espírito amigo ou de uma figura espírita abnegada, ou ainda de pessoa já desencarnada. Sua função está definida como orientação dos interessados e serviço assistencial aos espíritos sofredores e às pessoas perturbadas, sempre segundo a Codificação de Allan Kardec. (Cf. PIRES, 2010)

Sobre a sociedade espírita afirma que tem por “objeto o estudo de todos os fenômenos relativos às manifestações espíritas e sua aplicação às ciências morais, físicas, históricas e psicológicas. As questões políticas, de controvérsia religiosa e de economia social não são interditas” (KARDEC, 2005, p.408).

Segundo os espíritas as atividades mediúnicas seguem um roteiro sistematizado e contínuo para as práticas e tal atividade deve ser realizada nas dependências de um centro espírita, em área própria e sala específica. Sobre esta sala e o funcionamento das reuniões, Kardec (2005) enfatiza que o silêncio e o recolhimento são rigorosamente determinados durante as sessões e principalmente durante os estudos. Afirma ainda que ninguém pode tomar a palavra sem que a tenha facultado do Presidente e que todas as perguntas dirigidas aos Espíritos devem ter o Presidente como intermediário. O codificador Kardec (2005), afirma que são proibidas todas as perguntas fúteis, de interesse pessoal, de pura curiosidade ou feitas tendendo submeter os Espíritos à provas, igualmente todas as que não tenham um objetivo de utilidade geral sob o ponto de vista dos estudos.

Para que as reuniões mediúnicas transcorram de forma proveitosa, Kardec explica que “todo membro tem o direito de solicitar que seja chamado à ordem aquele que se afaste das conveniências na discussão ou que perturbe as sessões de uma maneira qualquer. A advertência é imediatamente colocada em votação; se adotada, é inscrita na ata” (KARDEC, 2005, p.413).

No início da penetração do Espiritismo no Brasil (fins do século passado), e pelo que o discurso do grupo pesquisado permite perceber, realizavam-se sessões mediúnicas nos lares. Atualmente a orientação da Federação é a de que tais sessões sejam evitadas. Nos lares incentiva-se o "culto do evangelho no lar", reunião que consiste numa prece, na leitura e estudo de pequeno trecho do Evangelho segundo o Espiritismo. Configura-se uma oposição

casa/centro relacionada à tendência no sentido da uniformização e controle no seio dessa religião (CAVALCANTI, 1983, p. 43).

O funcionamento de um centro parece extremamente flexível e informal, não havendo referência a pessoas quanto aos seus cargos, no entanto, o ambiente é considerado pelos espíritas como sagrado. Segundo Cavalcanti, “No plano das representações espíritas, a distribuição e divisão de tarefas no centro é regida pela noção de hierarquia de potencial, pois não há no Espiritismo ‘posições sacerdotais’ ou ‘hierarquia no sentido ritualístico’ ”.

Para a autora, o centro espírita é considerado um órgão com hierarquia de funções, sem cargos vitalícios como afirma a pesquisadora Cavalcanti (1983, p. 48) quando diz que “Essa noção dá conta de uma dimensão relevante do funcionamento do centro, e ancora-se nas representações espíritas acerca da pessoa” (CAVALCANTI, 1983, p. 48). A organização dessa hierarquia é considerada como o início no encaminhamento das pessoas para as tarefas existentes (Cf. CAVALCANTI, 1983). “Os espíritas percebem esse processo como correspondendo à adequação entre as necessidades do centro e o julgamento da presidente, ou dirigente de núcleo específico de tarefas, de um lado, e a escolha, vontade e capacidade do participante de outro” (CAVALCANTI, 1983, p. 48).

Cavalcanti (1983) explica que o centro espírita é um elemento entre outros que formam um conjunto maior que os espíritas chamam Movimento Espírita, sendo o lugar mais recomendado para a prática da doutrina, sendo o espaço indicado para a mediação entre o Mundo Visível e o Mundo Invisível. Herculano Pires (2010, p. 17) defende que o centro espírita é como “um espelho côncavo em que todas as atividades doutrinárias se refletem se unem, projetando-se conjugadas no plano social geral, espírita e não espírita”.

Sobre a temática do espaço físico, Schubert (2009, p. 27) afirma que “o Centro Espírita é um complexo espiritual em que se labora nos dois planos da vida, o físico e o extrafísico, e com as duas humanidades, encarnados e as dos espíritos desencarnados”. Observamos que apesar da existência de um órgão regulador, no caso a Federação Espírita Brasileira, cada centro espírita tem suas próprias características, algumas comuns e outras diferentes, isto se dá pelos objetivos dos fundadores, pela região situada e pelo foco de estudo e trabalho.

## 2. O FENÔMENO DA DESOBSESSÃO NOS DISCURSOS OFICIAIS

### 2.1 Kardec e a questão da desobsessão

Os seguidores do kardecismo numa tentativa de colocar o espiritismo como uma ciência, e não como uma crença religiosa, negam a existência do sobrenatural e propagam um conhecimento científico e filosófico em função da caridade, adquirindo, um caráter de consolo dos sofrimentos e moléstias. Nasce, conforme Ortiz, uma nova forma de leitura do espiritismo e desencadeando “uma cisão entre místicos e racionalistas” (ORTIZ, 2010, p. 41).

Kardec conceituou e classificou com nova nomenclatura toda prática mediúnica e uma dessas foi o fenômeno da obsessão que afirma ser o “domínio que alguns espíritos logram adquirir sobre certas pessoas. Nunca é praticado senão por espíritos inferiores que procuram dominar” (KARDEC 2005, p. 277). No Evangelho segundo o espiritismo Kardec relata que obsessão é “ação persistente que um espírito mau exerce sobre um indivíduo. Apresenta caracteres muito diversos, desde a simples influência moral, sem perceptíveis sinais exteriores, até a perturbação completa do organismo e das faculdades mentais (KARDEC, 1997, p. 309)

A Doutrina Espírita lança a teoria sobre esse problema e se desdobra afirmando que o caminho para o indivíduo se recuperar da obsessão é a intervenção de trabalhadores incansáveis, no sentido de aliviar aqueles que sofrem desse mau, de maneira tranquila e os trazendo de volta a uma vida saudável.

Kardec (2005, p.277), em seus estudos distribuiu a obsessão em três estágios, embora sendo muito variável em seus aspectos e difícil de determinar onde uma fase começa e a outra se inicia. Desse modo, apresenta a *obsessão simples* conceituando como sendo “a influência através de pensamentos”. Neste caso, “o médium reconhece sem esforço a fraude, e como se mantém alerta, raramente se engana”. A *Fascinação* seria a “ilusão produzida pela ação direta do Espírito” sobre o pensamento de uma pessoa, paralisando-lhe o raciocínio, podendo levá-lo a aceitar “as doutrinas mais estranhas, as teorias mais falsas, como se a única expressão da verdade”. Sobre a *subjugação*, a define como sendo “uma constrição que paralisa a vontade daquele que sofre e o faz agir a seu malgrado”. No seu entendimento, a subjugação se apresenta como sendo de caráter moral ou corporal. No primeiro caso, explica Kardec, o subjugado “é constrangido a tomar resoluções muitas vezes absurdas e comprometedoras (...). No segundo, o Espírito “atua sobre os órgãos materiais e provoca movimentos involuntários (...) pode levar aos mais ridículos atos”.

Os espíritas afirmam que o motivo o qual leva um espírito (encarnado ou desencarnado) à obsessão são as imperfeições morais, desse modo, o tratamento para a mesma seria o trabalho no bem e a reforma íntima. Sobre este tema, Almeida afirma que a “obsessão tem como causa as imperfeições morais do indivíduo, que o torna suscetível a receber e aceitar as influências maléficas do obsessor” (Almeida (2003, p.4) Os espíritas afirmam que o processo obsessivo é o atendimento à "lei de sintonia", através da emissão e recepção de ondas mentais.

Kardec (2005) afirma que podemos reconhecer a obsessão pelas seguintes características: persistência de um Espírito em se comunicar, queira ou não com o médium, pela escrita, audição, tipologia etc., opondo-se a que outros Espíritos o façam; ilusão que, independente da inteligência do médium, o impede de reconhecer a falsidade e o ridículo das comunicações que recebe; crença na infalibilidade e na identidade absoluta dos Espíritos que se comunicam e que, sob nomes respeitáveis e venerados, dizem coisas falsas e absurdas; confiança do médium nos elogios que lhe fazem os Espíritos que se comunicam por ele; tendência a se afastar das pessoas que podem lhe fazer advertências úteis; levar a mal a crítica sobre as comunicações que recebe; necessidade incessante e inoportuna de escrever; constrangimento físico dominando a vontade e forçando a agir ou falar contra a sua vontade e, por fim, ruídos e desordens constantes ao redor do médium, sem que seja sua causa ou objeto.

Karde explica que se a obsessão se prolongar pode causar problemas sérios a saúde do osediado, a exemplo de desordens patológicas, loucura e até a sua morte física, isto porque o obsessor e, muitas vezes, uma entidade vingativa, de vidas passadas, que trás um sentimento de revolta, necessitando, portanto, de ajuda.

Na visão espírita o processo de curar alguém da obsessão, chama-se *desobsessão*, procedimento que se baseia na conscientização do enfermo, enquanto agente da própria cura, e do espírito obsessor. A doutrina espírita orienta aos seus adeptos que o trabalho de desobsessão seja feito no Centro Espírita, por meio de uma equipe preparada através dos cursos e estudos sobre espiritismo e especificamente sobre mediunidade. A equipe, segundo o manual elaborado pela Federação Espírita Brasileira – FEB (2010) para os trabalhos de desobsessão, deve ser formada pelo dirigente, médiuns de incorporação, doutrinadores ou esclarecedor e médiuns de sustentação.

No kardecismo valoriza-se muito o estado de evolução espiritual dos “mortos”. Por esse motivo, Kardec criou uma escala na qual cataloga os graus de evolução dos espíritos comunicantes. Há, segundo Kardec (2007), três classes de espíritos: na primeira ordem estão os espíritos puros: aquelas entidades com superioridade intelectual e moral absoluta, que já

percorreram todos os graus da escala. Na segunda ordem, estão os espíritos bons: entidades que possuem o desejo do bem. Esta foi subdivida em quatro classes: espíritos benévolos; espíritos sábios; espíritos prudentes; espíritos superiores. Na terceira ordem estão os espíritos imperfeitos: aqueles que prevalece a matéria sobre o espírito, sendo propenso ainda ao mal. Estes foram subdivididos em cinco classes: espíritos impuros; espíritos levianos; espíritos pseudo-sábios; espíritos neutros; e espíritos batedores e perturbadores.

Embasados nessa escala, os espíritas afirmam que as orientações e curas devem ser recebidas pelos espíritos superiores, de grande perfeição moral e intelectual, isto justifica o fato dos centros espíritas serem orientados a só trabalharem com entidades devolúidas, entrando, desse modo, em conflito com centros espíritas que trabalham com entidades de pouco conhecimento intelectual como índios e negros e caboclo.

O kardecismo sistematiza as atividades mediúnicas nomeando e definindo práticas construindo o seu discurso e formando suas “verdades”. O mundo invisível é classificado de acordo com o nível moral da entidade e os médiuns são nomeados conforme a sua faculdade mediúnica.

No item que se segue trazemos os discursos das Federações sobre desobsessão enfocando o discurso de seus manuais de estudo e prática mediúnica.

## **2.2 O discurso das Federações: a Federação Espírita Brasileira (FEB) e a Federação Espírita Paraibana (FEPB)**

O filósofo espírita Herculano Pires, no seu livro *O Centro Espírita*, afirma que o termo médium quer dizer medianeiro, intermediário e que a mediunidade é a faculdade humana, natural, pela qual se estabelecem as relações entre homens e espíritos. Desse modo, para os espíritas,

A Mediunidade pertence ao campo da comunicação. Desenvolve-se naturalmente nas pessoas de maior sensibilidade para a captação mental e sensorial de coisas e fatos do mundo espiritual que nos cerca e nos afeta com as suas vibrações psíquicas e afetivas (PIRES, 2010, p.9).

Cavalcanti (1983) afirma que médium para o Espiritismo, é aquele que desenvolve suas faculdades no sentido do bem, transformando o dom que todo homem possui em mediunidade ostensiva, num processo que os espíritas chamam de desenvolvimento da

mediunidade. (CAVALCANTI, p. 68). Sobre a relação estabelecida entre médiuns e espíritos, explica Kardec:

Se o médium, do ponto de vista da execução, não passa de um instrumento, exerce, todavia, influência muito grande, sob o aspecto moral. Pois que, para se comunicar, o Espírito desencarnado se identifica com o Espírito do médium, esta identificação não se pode verificar, senão havendo, entre um e outro, simpatia e, se assim é lícito dizer-se, afinidade. [...] os bons têm afinidade com os bons e os maus com os maus, donde se segue que as qualidades morais do médium exercem influência capital sobre a natureza dos Espíritos que por ele se comunicam. Se o médium é vicioso, em torno dele se vêm grupar os Espíritos inferiores, sempre prontos a tomar o lugar aos bons Espíritos evocados. As qualidades que, de preferência, atraem os bons Espíritos são: a bondade, a benevolência, a simplicidade do coração, o amor do próximo, o desprendimento das coisas materiais. Os defeitos que os afastam são: o orgulho, o egoísmo, a inveja, o ciúme, o ódio, a cupidez, a sensualidade e todas as paixões que escravizam o homem à matéria. (KARDEC, 2005, p. 261).

Segundo Mendes, para o Espiritismo, o médium moralizado, segundo as diretrizes evangélicas, transforma-se em pessoa de bem, apta a exercer seus dons psíquicos com retidão e honradez, em benefício próprio e da coletividade. É por isso que “[...] mediunidade e Evangelho têm que andar juntos. É imprescindível que assim seja, pois o mundo está subvertido pelo materialismo, convulsionado pelo egoísmo, envenenado por teorias anticristãs”. (MENDES, 2005, p. 113)

No Espiritismo, a atividade mediúnica é central. Por esse motivo, ela é normatizada pela Federação Espírita Brasileira através de manuais e roteiros por ela elaborados e distribuídos para as Federações regionais, e estas, por sua vez, repassam para os centros. Há a necessidade do espiritismo de sistematizar uma série de conceitos para suas práticas mediúnicas uniformizando suas “verdades”. Desse modo, conceitos, definições e classificações são sistematizados e toda a rotina dos trabalhos mediúnicos é enumerada formando um discurso fechado e sistematizado.

As reuniões mediúnicas, para os espíritas, têm muita importância, no manual *Estudo e Prática da Mediunidade*, elaborado pela Federação Espírita Brasileira-FEB (2010) a reunião mediúnica é definida como sendo uma atividade privativa, integrada por trabalhadores que possuam conhecimento espírita e conduta moral compatível com a seriedade da tarefa, na qual se realiza assistência a espíritos necessitados, caracterizando-se e diferenciando-se pela natureza e objetivo a que se propõe. No dizer de Eliade, é “a manifestação de algo “de ordem diferente” (...)” (ELIADE, 2011, p. 17).

Em *O Livro dos Médiuns*, Allan Kardec informa que as reuniões mediúnicas, conforme, o gênero ou natureza são classificadas em frívolas, experimentais e instrutivas. As reuniões frívolas, conforme Kardec, são constituídas de “pessoas que só veem o lado divertido das manifestações, que se divertem com as facécias dos Espíritos levianos, aos quais muito agrada essa espécie de assembleia, a que não faltam por gozarem nelas de toda a liberdade para se exibirem.”. O autor explica que nessas reuniões são feitas perguntas de diferentes naturezas, nelas “se pede aos Espíritos a predição do futuro, que se lhes põe à prova a perspicácia em adivinhar as idades, ou o que cada um tem no bolso, em revelar segredinhos e mil outras coisas de igual importância. [...]”. Para Kardec, o simples bom-senso afirma que os “Espíritos elevados não comparecem às reuniões deste gênero” (KARDEC, 2005, p. 262).

Já as reuniões experimentais têm por objeto a produção das manifestações físicas, sendo consideradas, para muitas pessoas, um espetáculo mais curioso que instrutivo e se fossem dirigidas com método e prudência, dariam resultados muito melhores (Cf. KARDEC, 2005). Na época de Kardec, tais reuniões experimentais produziram resultados positivos, pois eram realizadas com a orientação de pessoas esclarecidas e sérias. No livro *Fatos Espíritos. edição FEB*, em que há relatos de experiências de efeitos físicos, sobretudo as de materializações realizadas pelo cientista inglês William Crookes, vamos encontrar uma série de reuniões experimentais tendo como objetivo o estudo científico.

As reuniões mediúnicas instrutivas, por sua vez, têm conforme Kardec (2005), um caráter sério na integral aceitação da palavra, abrangendo não só o ensinamento moral que os espíritos dão, mas também o estudo dos fatos. No manual elaborado pela FEB, afirma-se que essas reuniões são dirigidas, no plano espiritual, por espíritos esclarecidos, que definem uma programação de trabalhos, às vezes francamente percebida pelos integrantes encarnados, sendo comum a manifestação de benfeitores espirituais que comparecem para prestar esclarecimentos aos encarnados, bem como acompanhar e auxiliar os sofredores encarnados e desencarnados (Cf. FEB, 2010).

Nos Centros Espíritas, há reuniões instrutivas, denominadas de reuniões de desobsessão, que podem ser voltadas exclusivamente para o atendimento aos Espíritos desencarnados em estado de sofrimento; nelas a prática da caridade deve ser exercida de forma anônima e sem interesse material. De fato, a recomendação é que as atividades mediúnicas sejam realizadas de preferência no Centro Espírita, não aconselhando a realização no lar, justificando que nem sempre o ambiente familiar se mantém favorável às manifestações dos espíritos. As reuniões de desobsessão, em especial, devem ocorrer, segundo Chico Xavier na Casa Espírita. Vejamos a explicação do médium:

À medida que se nos aclara o entendimento, nas realizações de caráter mediúnico, percebemos que as lides da desobsessão pedem o ambiente do templo espírita para se efetivarem com segurança. Para compreender isso, recordemos que, se muitos doentes conseguem recuperar a saúde no clima doméstico, muitos outros reclamam o hospital. Se no lar dispomos de agentes empíricos a benefício dos enfermos, numa casa de saúde encontramos toda uma coleção de instrumentos selecionados para a assistência pronta. No templo espírita, os instrutores desencarnados conseguem localizar recursos avançados do plano espiritual para o socorro a obsidiados e obsessores, razão por que, tanto quanto nos seja possível, é aí, entre as paredes respeitáveis da nossa escola de fé viva, que nos cabe situar o ministério da desobsessão (XAVIER, 2007a, p. 45).

No espiritismo, há uma valorização quanto à forma de condução das reuniões mediúnicas; nelas exclui-se a observação de fenômenos extraordinários, por mera curiosidade, ou passatempo. Acredita-se que tal atividade exclui os espíritos sérios, provocando a perda do contato com o fenômeno mediúnico. As reuniões mediúnicas são consideradas como instrumento da prática da caridade, por esse motivo deve ser exercida com seriedade e responsabilidade, enfocando o estudo e a reforma íntima. Sobre os tipos de reuniões mediúnicas esclarece Kardec:

Partindo deste princípio, suponhamos uma reunião de homens levianos, inconseqüentes, ocupados com seus prazeres; quais serão os Espíritos que preferentemente os cercarão? Não serão decerto Espíritos superiores, do mesmo modo que não seriam os nossos sábios e filósofos os que iriam passar o seu tempo em semelhante lugar. Assim, onde quer que haja uma reunião de homens, há igualmente em torno deles uma assembleia oculta, que simpatiza com suas qualidades ou com seus defeitos, feita abstração completa de toda ideia de evocação. [...] Se, numa assembléia fútil, chamarem um Espírito superior, este poderá vir e até proferir algumas palavras ponderosas, como um bom pastor que acode ao chamamento de suas ovelhas desgarradas. Porém, desde que não se veja compreendido, nem ouvido, retira-se, como em seu lugar o faria qualquer de nós, ficando os outros com o campo livre (KARDEC, 2005, p.268).

Para a FEB (2010), a moral dos participantes imprime significativa influência na seriedade da reunião mediúnica tendo os médiuns que fazer bom uso das suas faculdades psíquicas. De acordo com esses princípios, se os médiuns fizerem mau uso da mediunidade, explica Kardec “serão duplamente punidos, porque têm um meio a mais para esclarecerem, e não aproveitam. Aquele que vê claro e tropeça é mais censurável do que o cego que cai no fosso” (KARDEC, 2005, p. 258).

Nos centros espíritas, as reuniões mediúnicas de atendimento ou de desobsessão são direcionadas ao atendimento dos espíritos necessitados. Para que elas atinjam seus objetivos,

os integrantes do grupo mediúnico precisam estar sintonizados com o bem e manter o espírito de solidariedade e de fraternidade. As reuniões de desobsessão devem ser voltadas para a prática do bem, jamais são utilizados para obtenção de fenômenos extraordinários. Os participantes devem instruir-se e desenvolver sentimentos elevados, favoráveis à homogeneidade do atendimento.

Nessas reuniões, o médium psicofônico ou de incorporação transmite o sofrimento, as carências e necessidades do Espírito, guardando, porém, o equilíbrio ao se exprimir, auxiliando o necessitado desencarnado com bondade e firmeza. Por isso, o médium de psicofonia que desejam produzir reuniões mediúnicas sérias deve, pois estudar e melhorar-se moralmente, de forma contínua. Segundo elucidações de Chico Xavier sobre a temática no seu livro *Desobsessão*:

O médium tem obrigação de estudar muito, observar intensamente e trabalhar em todos os instantes pela sua própria iluminação. Somente desse modo poderá habilitar-se para o desempenho da tarefa que lhe foi confiada, cooperando eficazmente com os Espíritos sinceros e devotados ao bem e à verdade (XAVIER, 2008, p. 305).

No meio espírita valoriza-se muito o estudo e a elevação moral do médium, afirma-se que as mensagens apenas deverão ter credibilidade se vierem de espíritos superiores e intelectuais. Para Xavier, “A primeira necessidade do médium é evangelizar-se a si mesmo antes de se entregar às grandes tarefas doutrinárias, pois, de outro modo poderá esbarrar sempre com o fantasma do personalismo, em detrimento de sua missão” (XAVIER, 2008, p. 302). Peralva (2002) afirma que o aprimoramento moral contribui para que, na condição de médiuns, de receptores da Espiritualidade através ao do estudo e da fixação do ensino espírita coloca um maior discernimento da vida, dos homens e dos Espíritos.

A orientação da FEB para o funcionamento das reuniões mediúnicas é que estas sejam privativas, tendo as portas chaveadas para se evitar a entrada de participantes atrasados ou de pessoas estranhas ao trabalho. Partindo do princípio que a atuação da equipe dos encarnados necessita ser feita em conjunto, os retardatários não devem ser aceitos porque, além de não terem participado da preparação inicial, ainda poderão interferir na concentração dos demais, com ruídos e movimentação. Sobre essa questão, Chico Xavier reforça que “o fechamento da porta da reunião ocorrerá no horário determinado para o início da reunião, antes da leitura preparatória. É recomendável que todo participante da equipe chegue mais cedo, cerca de quinze minutos antes do início da reunião” (XAVIER, 2007, p.64).

No Espiritismo, é fundamental que o trabalhador do grupo mediúnico esteja integrado em outra atividade regular na Casa Espírita. Faz-se necessário também que tenha sido previamente preparado para a execução da tarefa e seja conhecedor das finalidades da reunião mediúnica. Deduz-se, portanto, que os participantes devam ter conhecimento e preparação evangélico-doutrinária.

A FEB afirma que a quantidade de participantes está limitada ao tamanho da sala, não excedendo, porém, a 25 pessoas. Xavier, no entanto, recomenda o “número de catorze pessoas” (XAVIER, 2007, p.64). Já Léon Denis sugere dez a doze participantes, sobretudo nos grupos iniciantes. Explica que o controle do número de participantes porque nessas reuniões, o “recolhimento e a comunhão dos pensamentos as condições essenciais a toda reunião séria, fácil é de compreender-se que o número excessivo dos assistentes constitui uma das causas mais contrárias à homogeneidade” (DENIS, 2006, p.89-90). Por sua vez, Kardec coloca como evidência que “quanto maior for o número, tanto mais difícil será o preenchimento dessas condições” (KARDEC, 2005, p. 393). Para exemplificar, explica que não há nenhum limite absoluto a esse número, pois entende que cem pessoas, suficientemente reconhecidas e atentas, estarão em condições melhores do que dez que estiverem distraídas e barulhentas.

Outra recomendação fundamental é que o grupo seja constituído de elementos simpáticos entre si, unidos pela busca de objetivos superiores e pelo desejo de se aperfeiçoarem moral e intelectualmente. Isto porque a, conforme Kardec, uma reunião é “Uma reunião é um ser coletivo, cujas qualidades e propriedades são a resultante das de seus membros e formam como que um feixe” (KARDEC, 2005, p.392). Por esse motivo, a entrada de novos participantes no grupo, deve ser feita programada e analisada caso a caso e esporádica, considerada as possíveis exceções.

No que diz respeito à duração das reuniões a serem realizadas, a orientação é que seja realizadas em até duas horas, abrangendo neste espaço de tempo a prece de abertura, estudo (se houver), irradiações, mensagens de benfeitores espirituais, manifestação de espíritos que sofrem, prece de encerramento e avaliação da reunião.

Quanto à periodicidade das reuniões a indicação é seja semanal para cada participante. Isto porque, considera-se que o transe é uma alteração da consciência, que não deve ser provocado com muita frequência, para não causar desgastes físico e psíquico aos médiuns, como definem Denis (2009) e Miranda (2009). A FEB alerta, como medida de bom senso, evitar a realização de reuniões extemporâneas ou ocasionais. Apenas em situação especial,

definida pela direção da Casa Espírita e por orientação espiritual pertinente, ela deverá acontecer.

No caso de indisciplinas na participação e no cumprimento de horários, o responsável pela reunião, no plano físico, deve, então, conversar em particular com o participante faltoso, impontual ou que abandonou o grupo, ouvindo-o atentamente para, em seguida, tomar uma decisão em que se considere o trabalho da equipe, como um todo. As ausências e atrasos sistemáticos indicam que alguma coisa deve estar fora de controle, precisando ser reajustada, uma vez que a adesão a qualquer trabalho espírita é sempre de natureza voluntária. “Compreende-se, à vista desses fatos, quanto é necessário aplicar uma atenção rigorosa à composição dos grupos e às condições de experimentação” (DENIS, 2006, 89-90).

Nos centros pesquisados encontramos uma ambientação simples, sem exposição de imagens. A reunião mediúnica em espaço especificamente reservado para esta finalidade. Para tanto, o local da reunião deve ser preservado de movimentação constante, ou de ruídos, de forma a favorecer a calma, o recolhimento, a concentração, o transe, e o intercâmbio mediúnico, elementos favoráveis à manifestação e atendimento de espíritos necessitados de auxílio (MIRANDA, 2006, p. 26). O mobiliário deve ser constituído, basicamente, de mesa e cadeiras. Estas não devem ser incômodas, ao ponto de causarem desconfortos físicos àqueles que ali permanecerão por período de tempo superior à uma hora. Por outro lado, não é conveniente que sejam excessivamente confortáveis porque podem favorecer o sono. De uma maneira geral, o “[...] recinto das reuniões pede limpeza e simplicidade.” (XAVIER, 2007a, p. 49).

A FEB dita a forma como os centros devem manter seus ambientes, reprimindo qualquer tentativa de realizar uma decoração mais sofisticada; desse modo, a colocação de tapetes, quadros, espelhos, e outras peças semelhantes, devem ser evitadas. A disposição dos móveis deve favorecer ao deslocamento da equipe de apoio, de forma silenciosa e sem riscos de se esbarrarem em objetos ou pessoas. É comum nas reuniões de desobsessão encontrar-se sobre a mesa, ou em local apropriado, papéis, lápis, cadernos de frequência, livros para consulta ou estudo, de , segundo Xavier, “O Livro dos Espíritos, O Evangelho segundo o Espiritismo e um volume que desenvolva o pensamento kardequiano, conjugados aos ensinamentos do Cristo” (XAVIER, 2007a, p. 113).

Estas recomendações são necessárias, uma vez que a reunião mediúnica considerada pelos espíritas como séria não comporta, a rigor, improvisações por parte dos dirigentes e colaboradores, nem descontinuidade da tarefa. Trata-se de uma atividade espírita de grande

responsabilidade, direcionada ao amparo espiritual dos que sofrem, encarnados e desencarnados. Na prática mediúnica espírita há, portanto, conforme Xavier, a

(...) necessidade do Cristo no coração e na consciência, para que não estejamos desorientados ao toque dos fenômenos. Sem noção de responsabilidade, sem devoção à prática do bem, sem amor ao estudo e sem esforço perseverante em nosso próprio burilamento moral, é impraticável a peregrinação libertadora para os Cimos da Vida” (XAVIER, 2007b, p. 10).

Sendo a mediunidade, para os espíritas, um instrumento de progresso moral e intelectual, não deve ser relegado ao abandono, a mercê dos acontecimentos fortuitos. A prática mediúnica espírita é um discurso centrado no estudo e na dedicação, a fim de que se possa colaborar, ainda que de forma simples e humilde, com a tarefa de regeneração da humanidade evitando a perda do contato com os seres espirituais. Para explicar toda esse cuidado dos espíritas com a prática mediúnica, tomamos como inspiração as reflexões de Eliade sobre o homem religioso e sua relação com o sagrado, o autor argumenta que “a existência humana só é possível graças a essa comunicação permanente com o Céu” (ELIADE, 2011, p. 36).

Nos centros kardecistas as atividades mediúnicas, especialmente nas reuniões de desobsessão, seguem etapas definidas pela FEB, mantendo uma rotina sistemática e direcionada como pode ser observada a baixo:

## I. ETAPAS DE REALIZAÇÃO DE UMA SESSÃO MEDIÚNICA

Os espíritas afirmam que para uma reunião mediúnica possa ocorrer no plano físico se faz-se necessário a orientação do mundo invisível (espíritos), tendo como responsabilidade toda a condução dos trabalhos. Durkheim afirma no seu livro *As formas elementares de vida religiosa* que as “almas dos mortos, os espíritos de toda espécie e de toda ordem, com que a imaginação religiosa de tantos povos diferentes povoou a natureza, são sempre objeto de ritos e, às vezes de culto” (DURKHEIM, 1989, p. 60).

Segundo o manual *Estudo e prática da mediunidade* elaborado pela FEB (2010) a “equipe diretora da reunião no plano espiritual, é formada por benfeitores, sendo que alguns são verdadeiros especialistas, em função do trabalho que realizam junto aos trabalhadores do plano físico”. Os espíritas acreditam que os espíritos desencarnados preparam o ambiente físico antes das tarefas mediúnicas.

Chico Xavier no seu livro *Educandário de Luz* (1988) afirma que nas reuniões de atendimento aos sofrendores a sala da reunião é dividida em faixas fluídicas, formando compartimentos, onde ficam restritos os sofrendores, de forma a limitar-lhes a zona de influência sobre os encarnados impedindo o deslocamento evitando a desarmonia.

A Federação Espírita Brasileira no seu *Manual estudo e prática da mediunidade* (2010) divide as atividades de uma reunião mediúnica em três etapas básicas distribuídas num total de até duas horas: abertura, desenvolvimento e encerramento: a abertura comporta algumas atividades necessárias à harmonização da equipe, o desenvolvimento da reunião está relacionado à manifestação dos Espíritos e ao diálogo com eles, o encerramento é o momento de fechamento da reunião, caracterizado por uma irradiação mental, prece final e avaliação do trabalho realizado.

Na fase preparatória da reunião, Xavier relata que “O Livro dos Médiuns e obras técnicas correlatas não devem ser lidos nas reuniões de desobsessão, mas sim em oportunidades adequadas” (XAVIER, 2007a, p.114) Tal livro, deve ser utilizado nas reuniões de estudos mediúnicos e encontros de capacitação dos trabalhadores dos grupos, ambos realizados em dias diferentes das práticas mediúnicas. A prece de abertura da reunião deve ser feita no início dos trabalhos de forma clara, simples e concisa, “[...] não se alongando além de dois minutos.” (XAVIER, 2007a, p. 121). Em seguida, deve-se proceder a leitura e breve comentário de pequeno trecho de uma obra espírita de referência. Recomenda-se que esse momento deve ser breve e “[...] que não ultrapassará o tempo-limite de 15 minutos, constituir-se-á, preferentemente, de um dos itens de O Evangelho segundo o Espiritismo, seguindo-se-lhe uma das questões de O Livro dos Espíritos [...]” (XAVIER, 2007a, p. 117).

Na fase da manifestação dos Espíritos, fase mais importante da reunião, a FEB relata que o esforço da equipe espiritual e do plano físico deve ser redobrado. Durante o tempo destinado a reunião, as comunicações devem se realizar, observando as seguintes recomendações: os médiuns psicofônicos devem alternar as comunicações mediúnicas entre si, evitando monopolizações. De uma maneira geral, devem limitar, em duas, o número de comunicações psicofônicas de Espíritos sofrendores; o tom da voz nas comunicações psicofônicas deve ser controlado, não podendo ser excessivamente alto ou baixo; os médiuns esclarecedores devem evitar diálogos longos ou muito rápidos; evocações diretas dos Espíritos devem ser evitadas, optando pela sua manifestação espontânea. Isto porque, para o espiritismo, as evocações frequentes “oferecem mais dificuldades aos médiuns do que os ditados espontâneos [...]” (KARDEC, 2005, p. 318). A prática mediúnica deve, portanto,

primar pela espontaneidade. Cabe à direção espiritual a seleção de desencarnados que deverão manifestar-se na reunião.

No espiritismo há, segundo Ortiz, recusa “dos espíritos dos negros e dos índios” nas suas práticas, por não considerar tais entidades como evoluídos. Ortiz (2010, p. 47) relata que há a recusa ao uso das “bebidas das divindades, dos charutos dos caboclos, da utilização da pólvora para afugentar aos maus fluidos”. No entanto, como veremos no capítulo que trata da observação dos centros espíritas em foco, a prática mediúnica com a intermediação dessas entidades é utilizada por diferentes centros, embora sob outras configurações.

De um modo geral, as reuniões mediúnicas podem ser iniciadas e/ou encerradas por meio da manifestação espontânea de um benfeitor espiritual. Percebemos, entretanto, que nas reuniões de desobsessão, sobretudo naquelas em que o trabalho se reveste de certa complexidade, é comum a transmissão de mensagem psicofônica de um orientador espiritual, logo no início da prática mediúnica, que esclarece a respeito do trabalho a ser realizado. Após a palavra desse espírito, reserva-se um tempo para a manifestação dos espíritos necessitados. Durante a reunião, simultaneamente, podem ocorrer manifestações psicográficas. Há grupos mediúnicos que preferem destinar um espaço de tempo para a psicografia, antes da manifestação psicofônica dos espíritos necessitados. Da mesma forma, há grupos que preferem realizar irradiações mentais antes das comunicações mediúnicas, propriamente ditas. Nos grupos mediúnicos iniciantes ou que não apresentem características de desobsessão a manifestação de um orientador espiritual ocorre, em geral, ao final da reunião.

No encerramento, após as manifestações dos Espíritos, realizam-se as vibrações (irradiações mentais) pelo dirigente ou por alguém por ele indicado, seguidas da prece final. No momento das irradiações os participantes podem solicitar mentalmente auxílio dos benfeitores a favor de alguém. De um modo geral, deve-se evitar a realização de irradiações e preces longas. A prece final deve ser semelhante à que foi realizada no início: “[...] proferida pelo dirigente da reunião, obedecerá à concisão e à simplicidade.” (XAVIER, 2007a, p.213) Este momento é a oportunidade criada para agradecer o aprendizado e o convívio fraterno. “Terminada a prece final, o diretor, com uma frase breve, dará a reunião por encerrada e fará no recinto a luz plena. Vale esclarecer que a reunião pode terminar, antes do prazo de duas horas, a contar da prece inicial, evitando-se exceder esse limite de tempo” (XAVIER, 2007a, p.215).

A reunião é concluída com a avaliação harmônica do seu funcionamento, a finalidade é promover uma reflexão sobre o conteúdo das comunicações mediúnicas, troca de experiências e outras características próprias do trabalho. Sobre esse ponto Xavier orienta: “É

interessante que dirigente, assessores, médiuns psicofônicos e integrantes da equipe, finda a reunião, analisem, sempre que possível, as comunicações havidas, indicando-se para exame proveitoso os pontos vulneráveis dessa ou daquela transmissão.” (XAVIER, 2007a, p. 225).

No espiritismo há também a definição de critérios de admissão do trabalhador à reunião mediúnica. A FEB preconiza regras para admissão de pessoas nos trabalhos mediúnicos. Vejamos brevemente cada uma: na atividade de educação mediúnica só adentra se tiver participado de grupos de estudos sobre a doutrina e sobre o evangelho segundo o espiritismo. Além do mais, o candidato deve estar integrado em atividades da Casa Espírita e ter realizado cursos regulares e sistematizados, semelhantes ao Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita e Estudo e Prática da Mediunidade. O estudo espírita tem a vantagem, como nos alerta Allan Kardec, de “[...] fundar a unidade de princípios, de fazer adeptos esclarecidos, capazes de espalhar as ideias espíritas e de desenvolver grande número de médiuns.” (KARDEC, 2005b, p.331).

Para participar das reuniões, o membro deve estar também integrado em atividades de assistência e promoção social. Conforme Xavier, “os obreiros da desobsessão não podem olvidar, sem prejuízo, é a assistência aos necessitados.” (XAVIER, 2007a, p. 265). Devem apresentar, ainda, condições físicas, emocionais e psíquicas apropriadas para participar da reunião mediúnica. É necessário também verificar se a pessoa revela sinais de influências obsessivas, fator que desaconselha a prática mediúnica até que a dificuldade seja sanada. Além desses aspectos, deve-se ter disciplina, pontualidade e assiduidade com o compromisso assumido. Neste sentido, é necessário aprender a superar os “impedimentos naturais, como chuvas, visitas de última hora e outros contratemplos.” (XAVIER, 2007a, p. 33). A pontualidade deve ser naturalmente observada. Para Xavier, a “Pontualidade é sempre dever, mas na desobsessão assume caráter solene.” (XAVIER, 2007a, p. 64)

Nos trabalhos mediúnicos espíritas são feitas avaliações periódicas com a finalidade de verificar até que ponto os objetivos ou as finalidades dos trabalhos mediúnicos estão sendo alcançados. Nelas são tratadas temas como aspectos doutrinários espíritas do trabalho e a conduta dos participantes perante a manifestação dos Espíritos. A orientação é que avaliação da prática mediúnica seja realizada em dois momentos específicos: após a prece final de cada reunião e em dias, horas e locais específicos, previamente estipulados.

O Presidente da Federação Espírita Paraibana, Marcos Lima, afirma em entrevista que a “psicofonia é faculdade mediúnica que possibilita a intercomunicação dos espíritos com os médiuns através da fonia ou fala”. Em suas palavras: “a faculdade é muito comum nos médiuns que estão em processo de desenvolvimento e nas reuniões de Desobsessão na nossa

Instituição, pois através dela ocorrem os Diálogos entre o Espírito comunicante e o Dialogador”.

Segundo a FEB a equipe de encarnados que compõe um grupo mediúnico é comumente formada pelos seguintes participantes: dirigente da reunião e substitutos; médiuns esclarecedores (dialogadores ou doutrinadores); médiuns ostensivos (psicofonia, psicografia, vidência, audiência etc); equipe de apoio (médiuns de passe, responsáveis pela prece, irradiações e sustentação da corrente mental).

No espiritismo, para que o frequentador possa participar de uma reunião mediúnica em um centro espírita faz-se necessário que cumpra alguns requisitos. Vejamos: frequentar “inicialmente, por certo tempo, as reuniões de Estudo Doutrinário e as de Assistência Espiritual. Quando for portador do processo obsessivo, deverá frequentar, preliminarmente, aquelas últimas reuniões, além de inscrever-se para os serviços de desobsessão, programados pelo Centro Espírita” (FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA, 2006); “Mesmo indiretamente, não retirar proveito material das produções que obtenha. Não há serviço santificante na mediunidade vinculada a interesses inferiores.” (VIEIRA, 2006, p. 29); “Ainda quando provenha de círculos bem-intencionados, recusar o tóxico da lisonja. No rastro do orgulho, segue a ruína.” (VIEIRA, 2006, p. 29); “Fugir aos perigos que ameaçam a mediunidade, como sejam a ambição, a ausência de autocritica, a falta de perseverança no bem e a vaidade com que se julga invulnerável. O medianeiro carrega consigo os maiores inimigos de si próprio (VIEIRA, 2006, p. 29-30); ter consciência da impropriedade de evocar determinada entidade, parente ou amigo, no curso das reuniões. Eles podem não ter condições de se manifestar, seja por lhes faltar autorização, seja por dificuldades inerentes ao próprio processo de intercâmbio. (KARDEC, 2005a, p. 256-257); xerxer atividade mediúnica somente no Centro Espírita a que está vinculado, evitando a prática desta atividade em casa; ter “[...] elevação de pensamentos e correção de atitudes, antes, durante e depois da tarefa.” 18. (XAVIER, 2007a, p. 85); evitar, “[...] no ambiente da desobsessão, pesquisas ociosas e vãs indagações, críticas e expectativas insensatas.” (XAVIER, 2007a, p. 85) e, por fim, não se render “[...] ao sono nas tarefas dedicadas à desobsessão, para se evitarem desdobramentos desnecessários da personalidade, cabendo-nos salientar igualmente que nas realizações dessa natureza não devem comparecer quaisquer outras demonstrações ou experiências de mediunidade.” (XAVIER, 2007, p.86).

O *dirigente* ou *diretor da reunião mediúnica*, para Shubert, é “aquele que preside os trabalhos, encaminhando todo o seu desenrolar. É o responsável, no plano terrestre, pela reunião” (SCHUBERT, 2004, p. 139). Para que ele exerça a função com imparcialidade é

preciso usar sempre da lógica, da razão e do bom senso. Segundo *O Livro dos Médiuns* há “[...] necessidade de serem, os diretores dos grupos espíritas, dotados de fino tato, de rara sagacidade, para discernir as comunicações autênticas das que não o são e para não ferir os que se iludem a si mesmos” (KARDEC, FEB, 2006). Num grupo espírita, conforme Miranda, o dirigente da reunião normalmente ocupa, também, a posição de doutrinador, ou seja, aquele “[...] que se incumbe de dialogar com os companheiros desencarnados necessitados de ajuda e esclarecimento”. A sua formação doutrinária é de extrema importância, uma vez que não poderá jamais fazer um bom trabalho, sem conhecimento íntimo dos postulados da Doutrina Espírita” (MIRANDA, 2006. p. 27).

São incumbências do presidente: observar rigorosamente o horário das sessões, com atenção e assiduidade, fugindo de realizar sessões mediúnicas inopinadamente, por simples curiosidade ou ainda para atender a solicitação sem objetivo justo [...]” (VIEIRA, 2006, p. 23); desaprovar o emprego de rituais, imagens ou símbolos de qualquer natureza reza nas sessões, assegurando a pureza e a simplicidade da prática do Espiritismo [...]”. (VIEIRA, 2006, p. 25); rejeitar sempre a condição simultânea de dirigente e médium psicofônico, por não poder, desse modo atender condignamente nem a um e nem outro encargo [...] (VIEIRA, 2006, p. 25-26).

Conforme a FEB, “O *médium esclarecedor* (...) deve imprimir em suas palavras, dirigidas aos Espíritos que sofrem as vibrações elevadas e esclarecedoras do consolador prometido.” (FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA, 2006) (Grifo nosso). A orientação febeana é que os médiuns devem estudar e trabalhar o seu lado moral para ter condições de receber inspiração dos benfeitores espirituais, e desta forma assistir aos sofredores desencarnados.

Segundo Kardec o termo *ostensivo* qualifica os médiuns “[...] em quem a faculdade mediúnica se mostra bem caracterizada e se traduz por efeitos patentes, de certa intensidade, o que então depende de uma organização mais ou menos sensitiva.” Citamos, como exemplo, os médiuns psicofônicos que [...] “são aqueles chamados a emprestar recursos fisiológicos aos sofredores desencarnados para que estes sejam socorridos.” (VIEIRA, 2006, p.103).

Aos médiuns ostensivos são atribuídos as seguintes ações: “[..Controlar as manifestações mediúnicas que veicula, reprimindo, quanto possível, respiração ofegante, gemidos, gritos e contorções, batimentos de mãos e pés ou quaisquer gestos violentos. O medianeiro será sempre o responsável direto pela mensagem de que se faz portador.” VIEIRA, 2006, p.28) e, ainda, “Extinguir obstáculos, preocupações e impressões negativas que se relacionem com o intercâmbio mediúnico, quais sejam, a questão da consciência

vigilante ou da inconsciência sonambúlica durante o transe, os temores inúteis e as suscetibilidade doentias, guiando-se pela fé raciocinada e pelo devotamento aos semelhantes. Quem se propõe avançar no bem, deve olvidar toda causa de perturbação.” (VIEIRA, 2006, p.29).

Para êxito da atividade do médium psicofônico deve ser considerado os seguintes cuidados: desenvolvimento da autocrítica; aceitação dos próprios erros, em trabalho medianímico, para que se lhes apure a capacidade de transmissão; reconhecimento de que o médium é o responsável pela comunicação que transmite; abstenção de melindres ante apontamentos dos esclarecedores ou dos companheiros, aproveitando observações e avisos para melhorar-se em serviço; fixação num só grupo, evitando as inconveniências do compromisso de desobsessão em várias equipes ao mesmo tempo [...] (VIEIRA, 2006, p.103-104).



FIGURA 2 - Mediunidade de psicofonia

Fonte: PERALVA, Martins. *Estudando a mediunidade*, Rio de Janeiro: FEB, 1990.

Geralmente constituída por colaboradores que não possuem mediunidade ostensiva, os membros da *equipe de apoio* cooperam de forma fundamental para o bom andamento da reunião, através da manutenção da corrente mental e fluídica. Dessa forma, devem saber emitir bons pensamentos e irradiar sentimentos elevados favoráveis à criação de uma atmosfera fluídica propícia ao intercâmbio mediúnico. O referido grupo, é também designado como equipe de sustentação porque, além da doação fluídico-mental, favorece a manifestação mediúnica de espíritos sofredores, auxiliando-os na recuperação espiritual.

A mediunidade de psicofonia é exercida no meio espírita sob o controle da FEB, com o objetivo de sistematizar e ordenar as práticas. A FEB normatiza todos os passos das reuniões

mediúnicas de desobsessão indicando livros e manuais para um melhor ordenamento das atividades.

### **2.3.Os discursos, as práticas mediúnicas e a experiências religiosas: proximidades, conflitos e distanciamentos**

Foucault afirma que “a verdade não existe fora do poder ou sem poder” sendo produzida e distribuída fazendo funcionar como “verdade” (FOUCAULT, 2011, p. 13). Aplicando este princípio, observamos que a voz centralizadora das Federações dita o seu discurso aos centros. No que diz respeito à prática mediúnica, os manuais elaborados pela Federação Espírita Brasileira, são o veículo por meio dos quais são repassadas aos centros as orientações cujo propósito é unificar a referida atividade.

As práticas mediúnicas espíritas começaram no Brasil através dos médiuns receitistas. Damazio afirma que a “cura mediúnica, além de um fim em si mesma, vale como uma comprovação da realidade e da interferência no mundo extrafísico” (DAMAZIO, 1994, p. 152). Posteriormente, com a solidificação dos trabalhos da FEB, vieram à filiação dos centros ocorrendo à hierarquia na produção do discurso de unificação.

Na pesquisa encontramos centros que seguem o discurso federativo nas práticas mediúnicas de forma reservada, considerando as suas orientações, mas sem abandonar o lema afirmado pelos espíritas: “mediunidade como instrumento da prática no bem”.

O trabalho de campo permitiu-me identificar tanto nos centros como nas federações a prática da mediunidade como um instrumento da caridade, sendo o serviço de amor ao semelhante um requisito importante à evolução do ser humano. No distanciamento encontramos uma mediunidade de psicofonia privada, onde o “assistido” fica na parte de fora da sala na Federação e nos centros é aberta ao público ganhando cada um seu perfil individual.

Vamos encontrar no discurso da Federação Espírita Paraibana na voz de seu Presidente Marcos Lima o seguinte:

É importante atentar para os princípios fundamentais que envolvem a questão da mediunidade afluída e sua prática que são as seguintes: a Privacidade, ou seja reuniões privadas de estudo e prática mediúnica, sem a presença dos curiosos; a Gratuidade, disse o Cristo daí de graça o que de Graça recebestes; A Perseverança, ação persistente granjeará o apoio espiritual dos benfeitores espirituais, responsáveis pela educação dos médiuns no plano espiritual. Esses pré-requisitos constituem a prática da Mediunidade na perspectiva da orientação de

Jesus, a qual estamos enquanto Instituição Educativa, orientando as casas Espíritas adesas ao pensamento Federativo e de Unificação (LIMA, 2014)

Os centros filiados a FEPB recebem orientações sobre as suas práticas mediúnicas, mas quando iniciam esta tarefa ganham suas características próprias e um perfil individual. Os centros que nós pesquisamos são portadores de práticas mediúnicas distintas, onde o Centro Espírita Thomaz de Aquino em nome da caridade aceita uma prática mais livre da FEB. A Caravana da Fraternidade Cristã com suas reuniões de desobsessão feita de forma coletiva, onde todos são atendidos em um mesmo momento, diferencia-se dos ensinamentos da FEB quando preconiza o atendimento individual e privado. A União Espírita Deus Amor e Caridade com o seu grande número de grupos de desobsessão atende tendo o médium um contato físico com o assistido de forma direta. Encontramos o discurso da FEB e as práticas distintas dos centros em um encontro e desencontro de pensamentos e conceitos.

No item seguinte vamos tratar das reuniões de desobsessão nos centros espírita estudados com suas particularidades e individualidade.

### **3. REUNIÕES DE DESOBSESSÃO: UMA JANELA PARA O INVISÍVEL**

Meu trabalho de campo teve quatro focos de pesquisa: o Centro Espírita Thomaz de Aquino, o Núcleo Espírita Deus Amor e Caridade, a Caravana da Fraternidade Cristã e a Federação Espírita da Paraíba, localizadas na cidade de João Pessoa.

#### **3.1 Centro Espírita Tomaz de Aquino**

Selecionamos o Centro Espírita Thomaz de Aquino pelo perfil de seus trabalhos mediúnicos os quais estão voltados para uma prática mediúnica centrada na caridade, funcionando de forma mais livre no que diz respeito às regras instituídas pela Federação Espírita Brasileira.

O Centro Espírita Thomaz de Aquino foi o primeiro a ser fundado em João Pessoa. O seu sujeito/fundador chamava-se Leonildo Oliveira, popularmente conhecido como Nezinho Pintor. Leonildo afirmou que abriu o centro atendendo ao pedido de uma força maior, que recebeu por meio uma mensagem vinda do “além”.



FIGURA 3: Foto do sujeito/fundador do Centro Espírita Thomaz de Aquino  
Fonte: <http://centroespiritathomazdeaquino.blogspot.com.br/>

O Centro é constituído por uma casa com dois compartimentos e mobiliário muito simples. No primeiro, acontecem as reuniões públicas e as orientações aos assistidos e, no segundo, permanecem os médiuns realizando o trabalho de atendimento apoiados em duas pequenas mesas.

Como todo centro, ele possui como característica própria a prática da caridade a todos e, para isso, contam com a colaboração indistinta de espíritos de diversos níveis intelectuais e credos religiosos. Os trabalhos mediúnicos prestam assistência há mais ou menos 35 pessoas por semana. Para atender a esse contingente, a casa conta com dois grupos de adeptos que atuam um na quarta- feiras à tarde e outro aos sábados pela manhã. Em cada reunião dos grupos de desobsessão, trabalham um total de quatro médiuns de psicofonia.

Segundo o presidente da casa, o Senhor Dormival, o foco do trabalho assistencial é o “atendimento fraterno através da prática da caridade de ajudar as pessoas”. A função da prática mediúnica, nesta casa é, portanto, assistir e orientar os espíritos sofredores por meio da desobsessão. Além dos grupos de atendimento à desobsessão, o centro possui o grupo de estudo da mediunidade. Senhor Dormival conceitua **obsessão** como sendo a influência dos espíritos “mortos” sobre os espíritos “vivos”. Vejamos:

Obsessão é a influência dos desencarnados sobre os encarnados por vários motivos. Às vezes é por falta do passado que os desencarnados perturbam. Por vingança ou uma missão é despertada dessa forma para chamar a atenção da pessoa. Na atividade mediúnica, a nossa missão é esclarecer os espíritos ao perdão. “Nós devemos perdoar sete vezes ou mais”. Temos que trabalhar baseado no Evangelho segundo o Espiritismo. Dá de graça o que de graça recebeu (Dormival, 2013).

A fala do presidente revela que o trabalho mediúnico da casa tem a função de esclarecer os espíritos desencarnados sobre os princípios evangélicos, mais especificamente sobre a necessidade de exercitar o perdão. No que se refere às obras que orientam os trabalhos de desobsessão, o Centro observa as orientações da FEB que adota como básicos o Evangelho segundo o Espiritismo e o Livro dos Médiuns.

Quando interpelado sobre o seu conhecimento sobre as normas ditadas pela FEB para as práticas mediúnicas nos centros espíritas e se as regras praticadas no centro o qual dirige está em acordo com as orientações da FEB, senhor Dormival responde que “a doutrina diz que não se pode obrigar a pessoa a nada. Nós temos o livre arbítrio. Defendemos a causa espírita. Seguimos Jesus”. Completa afirmando que conhece as regras, no entanto, não segue a todas e que tem ciência das críticas que alguns adeptos de outros centros espíritas fazem a forma com a qual a casa trabalha, mas não se importa com elas. O que ele deseja é ajudar a todos que lhe procuram, aliviando-lhes as perturbações invisíveis. Vejamos textualmente as explicações do presidente:

A base do evangelho é uma só. A prática no Brasil é diferente. Na capital é uma e no interior é outra. A Federação é uma e dos centros são outras. Ela não pode dizer o que as pessoas acham nos programas de Caridade, amor e justiça. Ela faz o papel dela sistematizando. Mas não somos obrigados a segui-la. (Dormival, 2013).

Na fala do Senhor Dormival, compreendemos como a ideia de unificação perseguida pela FEB ainda está por ser implantada. Argumentando sobre a posição da instituição que dirige acerca do controle da FEB sobre as atividades a serem executadas nos Centros, o presidente afirma que o assunto é um verdadeiro drama. Para exemplificar o conflito de ideais, cita o caso de Roustaing:

Houve certo caso, na época que Kardec codificava o Espiritismo apareceu certo advogado de nome Roustaing e arrumou uma “mediunzinha” e começou a fazer escritos. Depois disso começou a dizer que era a revelação da revelação. Se Kardec estava codificando o Espiritismo como poderia surgir outro? A FEB aceitou o Roustaing e misturou tudo. E está a confusão. E a FEB continua aceitando o Roustaing, nós do centro não. (Dormival, 2013).

Observamos que para justificar a recusa do centro em seguir a orientação da FEB, o autor resgata um acontecimento conflituoso que, segundo adeptos do Espiritismo, é um dos motivos responsável pela divisão do movimento espírita brasileiro desde a sua fundação e, mais especificamente, no caso brasileiro, data da atuação do Presidente da FEB Bezerra de

Menezes. Trata-se da polêmica de Roustaing, autor que se coloca como continuador da obra que instituiu o Espiritismo sistematizado por Kardec, afirmando que os seus princípios devem ser considerados como a “revelação da revelação”, ou seja, como um conhecimento que transcende aqueles propostos pelos espíritos a Kardec. No caso do contexto brasileiro, o conflito foi oficialmente estabelecido quando o citado presidente da FEB insere a obra os quatro evangelhos de Roustaing no conjunto de obras que constituem o Espiritismo brasileiro. O fato marca, então, fissuras que ecoam até os dias atuais. O centro presidido pelo senhor Dormival figura, nesse caso, como exemplo de como esta controvérsia ainda não foi resolvida.

No intuito de defender o fato de o centro não seguir todas as orientações da FEB, faz o seguinte relato sobre a atuação de espíritos de preto-velho e caboclo:

Na França as pessoas eram todos brancos, então inventaram isso que só espírito branco pode falar, ajudar e serem ajudados. Só branco, só branco... Kardec não falou nada disso... Não Kardec... Kardec, não... Não posso concordar... Estamos felizes por poder ajudar. Fora da caridade não há salvação. Há preconceito até hoje de não aceitar o negro, o caboclo. Nós ajudamos a todos. (...). Nós pedimos as pessoas nas suas casas e distribuimos para quem não tem. Vivemos em prol da caridade não do dinheiro, cor ou raça. (Dormival, 2013).

Neste trecho da entrevista, o presidente no intuito de justificar a sua resistência em seguir as orientações da FEB, acusa a FEB de defender a ideia de que “só espírito branco pode falar, ajudar e serem ajudados”. Trata-se aqui da polêmica criada sobre a questão da (não) possibilidade da atuação e da assistência de pretos-velhos e caboclos, ideia defendida inicialmente pela FEB e, ainda, atualmente, por muitos centros espíritas. A proibição é justificada pelo fato desses espíritos não serem considerados espíritos de luz.

Conforme explica Ortiz, ao contrário do que defende o Espiritismo, para outras religiosidades que lidam com trabalho mediúnico, a exemplo da Umbanda, a qual mantém relações com espíritos de pretos-velhos e cablocos, “quando um espírito de preto-velho se aproxima de um ‘bom’ diretor de sessão, ele é doutrinado para que possa continuar seu caminho na escala evolutiva” (ORTIZ, 2010, p. 46).

Sobre a questão da não aceitação do trabalho com pretos-velhos e cablocos, Prandi explica que no Espiritismo a atuação desses espíritos é vetada porque para esta doutrina “o verdadeiro conhecimento vem sempre de espíritos evoluídos” (PRANDI, 2012, p.54). Esta é outra controvérsia que também persiste dividindo opiniões e práticas espíritas e demonstrando a impossibilidade da unificação da prática espírita nos diferentes centros.

Segundo o presidente do Centro Espírita Thomaz de Aquino, o centro que adota a prática mediúnica diferente da orientação da FEB e da FEPB é visto por essas instituições e, por centros que seguem a orientação da FEB, como rebeldes, ou seja, “não são bem vistos”. Em resposta as instituições que desaprovam essa conduta, o presidente defende-se argumentando:

“Nós não somos rebeldes. Nós não nos importamos. Nós só queremos seguir Jesus. Gosto muito desse novo Presidente, Senhor Marcos Lima. Aliviou um pouco com ele o preconceito. É uma boa pessoa, mas representa a instituição FEPB e por sua vez tem que fazer o que ela manda, né?” (Dormival, 2013)

O trecho da fala do enunciador presidente defende a prática evangélica que para eles está acima de qualquer determinação da FEB ou da FEPB. Aponta, ainda, para o diferencial da atuação do atual Presidente da FEPB Marcos Lima, quanto ao preconceito, embora o reconheça na posição de presidente de uma federação estadual ele necessariamente deve seguir as orientações da FEB. Trazer para sua fala o atual o presidente como exemplo de um possível modelo de gestão cuja atuação “aliviou um pouco (...) o preconceito” é, também, por em cheque a posição dos ex-presidentes sobre a temática em questão. Este é um dado que explica, também, o motivo pelo qual muitos centros não são filiados a FEPB seja por não serem aceitas pela FEPB e pela FEB por não se enquadrarem na configuração exigida por elas, seja simplesmente por não concordarem em seguir as orientações das mesmas.

### **3.2 União Espírita Deus Amor e Caridade e a prática psicofônica**

O centro espírita União Espírita Deus Amor e Caridade (UEDAC) está atualmente situado na rua Índio Piragibe, 182 – Centro de João Pessoa PB. A casa surgiu no final da década de vinte na cidade de João Pessoa, então denominada Parahyba e o estado Parahyba do Norte. Até a década de trinta não havia movimento espírita organizado, oficialmente registrava-se apenas a existência da Federação Espírita Paraibana e o Centro Espírita Tomaz de Aquino. No entanto, grupos familiares, reunidos em suas residências, realizavam sessões de comunicação e evocação espiritual “com fins de orientação e terapia das obsessões” e estudavam os livros da Codificação de Allan Kardec.

Formavam-se assim os grupos familiares a exemplo, registra-se, em 1930, o caso do senhor Carlos Teixeira, funcionário dos Correios e Telégrafos, que desenvolveu na sua casa, situada à Rua da República, nº 414, no centro da Cidade ao lado de sua esposa dona Maria

Teixeira, reuniões noturnas de estudo e prática relacionadas ao Espiritismo. Esses encontros eram chamadas de Reuniões de Caridade; neles o ponto forte do trabalho era a relação com os “guias espirituais que tratavam” e faziam aconselhamentos aos sobre os mais diversos empreendimentos aos “consulentes”, mais especificamente, à pessoas carentes. O foco e o tom do trabalho da casa aponta para as características do trabalho terapêutico oferecido ao público e, conforme já foi apontado por Giumbelli (1997) tão combatido pelas autoridades oficiais, no início do século XX, em todo o território nacional.

Outro dado interessante é a informação sobre como se dá a formação desse grupo. Vejamos o trecho seguinte:

Liberados pela palavra dos Guias decidem que já é tempo de dar-se ares mais formais. Nesse mister, fundam a 13 de agosto de 1931 a União Espírita Deus, Amor e Caridade, nome sugerido através da mediunidade psicográfica do senhor Feliciano Dias.” (...). Tempos depois, os trabalhos transferem-se para (...). Avolumam-se os trabalhos e os responsáveis deliberam construir uma estrutura maior<sup>10</sup>.

Do trecho, focamos a informação de como se deu (ainda hoje, é assim que se dá) a formalização do grupo em foco. De um modo geral, é, desse modo, que se formam os grupos de estudo e trabalho dentro desse campo religioso: inicia-se com a formação de um pequeno grupo em uma dada residência e, em consequência do aumento de frequentadores, os membros recebem a liberação e a orientação “dos Guias” para dar início a sua formalização. Outra informação digna de nota é a questão da escolha do nome da instituição que é sugerida pelos guias do grupo. Dado que se constitui como uma das características presentes na fundação desses grupos e, por que não dizer, de outros grupos religiosos que toma, como princípio básico de funcionamento, vozes de entidades espirituais, a exemplo de grupos surgidos na Umbanda.

A informação de como se dá a aquisição do espaço físico é também digno de nota, vejamos:

Esse grupo, no ano de 1946, vai ao então Prefeito da cidade, Dr. Manoel Ribeiro de Moraes, e consegue a doação de um terreno situado na parte de cima da vertente da Rua Índio Piragibe. Lançam-se à coleta de donativos, angariando entre os beneficiados e no meio do comércio para a primeira edificação<sup>11</sup>.

<sup>10</sup> O trecho foi retirado do site oficial da instituição: Disponível em: <<http://www.casadavovozinha.com.br/index.php/conheca-a-uedac>>. Acesso em 23 out. 2013.

<sup>11</sup> Disponível em: <<http://www.casadavovozinha.com.br/index.php/conheca-a-uedac>>. Acesso em 23 out. 2013.

A intervenção do poder público na doação de um terreno mostra a relação, já mostrada na literatura antropológica, entre o Espiritismo e o poder público e, também, de outros sistemas religiosos, na aquisição do espaço físico onde estabelece o seu espaço sagrado. A relação com o poder público se dá, também, por meio do trabalho de cura, pois entre os integrantes do grupo estava José Teixeira de Araújo, pertencente aos quadros da Polícia Militar do Estado, sendo este um exemplo claro de como, aos poucos, o movimento espírita foi ganhando espaço no território brasileiro:

José Teixeira de Araújo, integrante da Polícia militar do Estado, desde há uns três anos, acometido de problemas de saúde insolúveis nos quadros da medicina. Beneficiado, entrosou-se nas atividades e já em 1952 integra a nova diretoria eleita na qualidade de 2º secretário.” (...). Até 1958 José Teixeira serve na qualidade de Diretor de Assistência Social, ano em que, é eleito Presidente da Casa. A partir daí e durante os quarenta e os quatro anos seguintes, imprimirá intenso dinamismo ao movimento espírita.

A Paraíba dos anos 30 era distinta dos dias atuais, os valores da sociedade eram outros, o povo não aceitava a comunicação com os “mortos”. A capital era pequena, não ultrapassava quarenta mil habitantes e grande parte da população passava por dificuldades financeiras, conforme as informações de Pinto: “o Estado se achava em dificuldades financeiras. O funcionalismo não recebia seus vencimentos há meses; dívidas flutuantes e consolidadas. Obras paralisadas. Luta interna, luta política, revolução, combate de imprensa” (PINTO, 1973, p. 117).

Os anos de 1930 a 1945 foram de grande importância no processo das mudanças do Estado o qual teve início com a: “ruptura do pacto oligárquico que sustentava o bloco dominante durante a Primeira República, caracterizava-se pela diversificação na composição de forças políticas, viabilizando a emergência de um novo Estado e a redefinição do poder das oligarquias regionais (GURJÃO, 1994, p. 14). Essas mudanças políticas, econômicas e sociais deram um novo rumo aos destinos do Estado paraibano, promovendo maiores mobilizações em partidos políticos, sindicatos e instituições religiosas. Nesse período surgem pequenos grupos de pessoas que realizavam reuniões mediúnicas nas suas residências, uma dessas foi na casa do Senhor Carlos Teixeira, funcionário dos Correios e Telégrafos, e sua esposa dona Maria Teixeira. Depois deste período a casa teve diversos diretores e entrou em várias reformas, aumentando suas dependências, como mostram as figuras abaixo:



FIGURA 4 – Vista do prédio, frente e lateral direita, da UEDAC.  
Fonte: Acervo da UEDAC.



FIGURA 5– Vista do prédio atual, lateral direita da UEDAC  
Fonte: Acervo da UEDAC

A referência à entrada de José Teixeira no grupo é um exemplo elucidativo de como se dá no Espiritismo e, também, em outros sistemas religiosos que lida mais especificamente com a mediunidade, é a conversão de seus membros em virtude do alcance de determinado benefício, como uma cura por exemplo. Por outro lado, quando este novo membro pertence a

uma dada elite intelectual os resultados na aceleração do processo de legitimação do grupo fica ainda mais evidente. Foi o que aconteceu com o grupo em foco, sob a orientação e a dedicação do novo membro ao trabalho da casa, dentro outras atividades, consolida-se:

um diferente modelo de prática mediúnica com a densa formação de médiuns que passam a constituir suporte para um arrojado serviço de atendimento espiritual. (...). A terapia espiritual conquistou reconhecimento amplo<sup>12</sup>.

Desse modo, o funcionamento da União Espírita Deus, Amor e Caridade, desde o ano de 2011, é assim descrito:

a adesão à Federação Espírita Paraibana e associada com o movimento espírita é o ponto de encontro de uma legião de tarefeiros, médiuns, doutrinadores, evangelizadores, palestrantes, legionários da campanha do quilo, todos voluntários de diversos serviços oferecidos sob a inspiração do Espiritismo cristão e expectantes ante os grandes acontecimentos que se delineiam no cenário do mundo<sup>13</sup>.

Todavia, não foi apenas o modelo adotado pela instituição que possibilitou seu reconhecimento na sociedade pessoense. Ao lado dessa atividade central, outras de importância, reconhecidas pelo movimento espírita local foram citadas: Mocidade Espírita Bezerra de Menezes, Campanha do Quilo, Semana da Mulher Espírita da Paraíba, Caravana da Fraternidade Espírita Leopoldo Machado, entre outros.

Além do trabalho mediúnico diferenciado foi o Albergue Casa da Vovozinha (atualmente desativado), mantido por doações e pela “atividade da Campanha do Quilo de porta em porta” que projetou o nome do centro no cenário da cidade pessoense. A dimensão deste trabalho justifica, portanto, o centro ser até hoje conhecido como a “Casa da Vovozinha”.<sup>14</sup>

Atualmente, o Núcleo Espírita Deus Amor e Caridade (ou como ficou mais conhecida: Casa da Vovozinha), apresenta um espaço sagrado assim constituído: no térreo, situa-se a biblioteca, a livraria, a recepção, a primeira sala de atendimento e a sala mediúnica, no subsolo: uma sala ampla e uma sala menor; no primeiro andar: auditório e sala de passe.

Os seus dirigentes e frequentadores afirmam que a casa tem por características próprias o diferencial do socorro aos desencarnados, as pessoas enfermas do corpo e da alma,

<sup>12</sup> Disponível em: <<http://www.casadavovozinha.com.br/index.php/conheca-a-uedac>>. Acesso em 23 out. 2013.

<sup>13</sup> Disponível em: <<http://www.casadavovozinha.com.br/index.php/conheca-a-uedac>>. Acesso em 23 out. 2013.

<sup>14</sup> Disponível em: <<http://www.casadavovozinha.com.br/index.php/conheca-a-uedac>>. Acesso em 23 out. 2013.

e o consolo para a alma. Para o trabalho nas reuniões de desobsessão, a casa conta com um número de mais ou menos 45 ou 50 médiuns, sendo em sua maioria médiuns de psicofonia. Ao todo, têm-se oito grupos de desobsessão. A média de assistidos nessa atividade é de mais ou menos 400 por mês. Quanto aos trabalhadores, a dirigente do centro informa: “temos mais ou menos 100 trabalhadores”.

Pelo número de trabalhadores voluntários e assistidos apresentados é possível perceber a dimensão e a importância que assume o trabalho mediúnico da casa para o movimento espírita paraibano, e mais, especificamente como a cura por meio da desobsessão é uma prática valorizada não só pelos trabalhadores como pelos assistidos, cujo número chega a ser três vezes maior.

Na casa há duas práticas mediúnicas, a de desobsessão e de educação mediúnica, segundo a atual coordenadora do departamento mediúnico, Eliane Porto, nas reuniões de estudo a casa “atende aos espíritos trazidos pelo mundo espiritual e pelas pessoas que vem de fora na educação mediúnica, sendo feita a assistência somente naqueles espíritos trazidos pelo plano espiritual ou aqueles trazidos pelos participantes”. Todavia, segundo a coordenadora, a principal atividade são as reuniões de desobsessão, cujo objetivo é “atender as pessoas angustiadas, enfermas do corpo e da alma e conseqüentemente os espíritos enfermos que vem com elas”.

A dirigente afirma que o “objeto das reuniões mediúnicas é o consolo. É ter a certeza de que as pessoas não têm respostas para as suas angústias e quando elas saem consoladas e aliviadas. Isso aí é resultado comprovado”. No geral, explica que as pessoas vêm acometidas de sofrimentos provocados por “espíritos que estão na mesma vibração mental” e que por este motivo “acentua, agrava os sofrimentos das pessoas”.

A casa tem uma rotina própria de funcionamento no dia das reuniões de desobsessão, onde são estipuladas as seguintes etapas: primeiro as pessoas chegam nos dias de reunião de desobsessão e pegam na recepção uma ficha com uma numeração registrando a ordem do seu atendimento e uma orientação sobre o tratamento, uma espécie de receituário; depois são orientadas a se dirigirem a um salão, onde vão encontrar cadeiras em círculo com uma pasta contendo orientações sobre detalhes sobre a sua assistência. Neste espaço há grupo há pessoas preparadas para orientar o assistido sobre o funcionamento do atendimento. Depois do tratamento inicial ele é orientado a seguir o tratamento espiritual. Sobre o tratamento espiritual vejamos o que diz Eliana Porto: “O tratamento espiritual é que vai lhe trazer orientação, uma dimensão maior da imortalidade, do problema dele”.

Após o tratamento o assistido vai para o andar superior para a reunião pública e, em seguida, dirige-se ao passe magnético. Lá, conforme Eliana Porto, “ele vai ser tratado. Lá tem uma equipe espiritual no auditório que faz o tratamento nas pessoas. Ele inocula medicamento, ele é orientado que deve prestar atenção à palestra. Deve fazer uma ligação mental com o palestrante. Vai se desligar do problema dele. Aquela sintonia com o espírito enfermo não vai ter mais”.

A coordenadora explica que “o tratamento espiritual não tem fim. Porque é a assepsia espiritual, é a manutenção do tratamento. E só retorna a um novo tratamento espiritual, o que a gente chama de consulta caso ele sinta muita necessidade”. No entendimento da adepta a assistência a espíritos sofredores pode ser feita onde for necessária. Como exemplo, relata um caso onde ela foi realizada em um terreiro de Umbanda:

No caso de Bezerra de Menezes como espírito que foi atender uma mulher que levava um filho “débil mental” em um terreiro de Umbanda. Que dizer: é para a gente se interrogar como que Bezerra de Menezes, um espírito evoluído, vai em um terreiro de Umbanda?! Mas a lei maior é o amor! Para ele não interessa se é um terreiro de Umbanda. O que importa é aquela ligação que aquela mãe tinha para socorrer aquele filho e que Bezerra de Menezes iria socorrer aquele filho. E ele foi como espírito fazer aquele socorro lá. Porque lá foi a porta que se abriu para aquela mulher. Chico Xavier cansou de tá fazendo atendimento espiritual em reuniões de desobsessão e chegar pessoas com espíritos de possessão recebendo espíritos na linguagem comum da igreja: recebendo satanás. Chegavam pessoas possesadas e saíam de lá normais, andando e falando. (Porto, 2013).

Como exemplo, a dirigente relata ainda um fato em que Bezerra de Menezes é procurado por uma mulher em um terreiro de Umbanda porque acreditava no trabalho dele:

E aí? Bezerra de Menezes ia dizer o que? Não eu fui presidente da Federação Espírita Brasileira e isso é ilegal e ninguém pode ir a um terreiro de Umbanda... Ainda foi pior ele foi a um terreiro de Umbanda. E ele foi também e fez o que manda a lei maior do Amor. (PORTO, 2013).

Chico Xavier, em seu livro *Desobsessão*, afirma que as reuniões devem ser privativas e fechadas ao público. Sobre esse detalhe a coordenadora argumenta: “a gente vê no livro que não torne a desobsessão parte pública é porque a gente não vai escancarar a reunião de desobsessão como se fosse uma reunião pública, mas a nossa reunião não é pública é privada”. Explica que os “médiuns ficam em ambiente privado, o assistido tem um tratamento

individual com o médium dialogador e se a gente for olhar as obras de André Luiz a gente vai vê vários casos de espíritos encarnados que foram socorridos em casas espíritas”.

Sobre as regras adotadas pela FEB para o funcionamento das práticas mediúnicas nas dependências dos centros espíritas, a diretora dos trabalhos mediúnicos da UEDAC faz as seguintes considerações:

A FEB diz que a reunião tem de ser privada e que o atendimento aos espíritos tem de ser de portas fechadas, mas a gente tem que convir que quando Jesus curava os enfermos não diziam estou dentro de um quarto, estou dentro de uma casa religiosa. Jesus curava nas ruas, dava passe nas ruas, curava em baixo de árvores, fazia coisas maravilhosas nos montes. Não tinha canto. Tirava o enfermo do meio da multidão e retirava o espírito perturbado. Então a história do homem que Jesus curou. Que o pai chega e diz assim: senhor o meu filho está assim endemoniado ele manda aqueles espíritos irem para os porcos e vão tudo para o mar. A gente fica vendo Jesus não se limitar a curar no templo, ele curava no templo, ele curava em qualquer lugar que tivesse. Retirava dali, veja o caso do aleijado no telhado e entra na casa para ser curado Jesus nunca disse é proibido descer pelo telhado. Jesus é o modelo, só Jesus (PORTO, 2013).

Compreende-se que para justificar o modelo de atendimento de desobsessão efetuado e defendido pela casa e, em consequência, o seu distanciamento das orientações da FEB, a coordenadora coloca as práticas de curas realizadas por Jesus como o único modelo a ser seguido pelos adeptos. Ao assumir esse modelo de atuação o referido centro ratifica a posição religiosa através da qual a doutrina espírita, seguindo seus seguidores, está constituída.

Sobre o funcionamento das práticas mediúnicas em outros Centros cujas práticas de comunicação com os mortos para a caridade, funcionam à semelhança da UEDAC, a coordenadora afirma que os Centros espíritas são fortes na medida que colocam em ação muitas reuniões mediúnicas: “Um centro espírita que tem uma reunião mediúnica por semana, uma reunião de desobsessão como se fosse dono da reunião de fulano” . Após seu argumento franco, conclui: “o que fortalece o centro espírita é a reunião mediúnica”. A fala da coordenadora sinaliza a importância que, até hoje, mesmo contra as orientações da FEB, assume os trabalhos de cura no espaço físico dos centros.

Com o objetivo de expor os dias de realização do trabalho mediúnico colocado em prática pela UEDAC, produzimos o quadro abaixo.

| GRUPOS DE DESOBSESSÃO NA UEDAC |                      |       |
|--------------------------------|----------------------|-------|
| Segunda-feira                  | Tem dois (02) grupos | Noite |

|              |                      |                  |
|--------------|----------------------|------------------|
| Terça-feira  | Tem dois (02) grupos | Tarde            |
| Quarta-feira | Tem um (01) grupo    | Manhã            |
| Sexta-feira  | Tem dois (02) grupos | Tarde            |
| Sábado       | Tem um (01) grupo    | Noite            |
| TOTAL        |                      | Oito (08) grupos |

QUADRO 3 – Grupo dos dias de funcionamento dos grupos de desobsessão da UEDAC

Fonte: Elaborado pela autora.

O quadro permite dimensionar a extensão do trabalho mediúnico oferecido pela casa. Como vemos, o trabalho de desobsessão ocorre em cinco dias da semana. Os dados confirmam, portanto, a importância e a centralidade que o trabalho mediúnico de desobsessão assume no referido centro.

Observamos que a prática mediúnica de desobsessão no Centro tem diferença da prática proposta pela FEB. A coordenadora dos trabalhos alega que eles têm o livre arbítrio e o conhecimento e faz o que acha certo. Como a maioria dos centros, enfoca o trabalho do atendimento aos enfermos do corpo e da alma. A dirigente dos trabalhos mediúnicos afirma, ainda que a FEB tem a sua postura de não ter esse atendimento como socorro aos enfermos de achar que estão fazendo errado. No entanto, no seu entendimento cada centro faz o trabalho de acordo com que acha, além do mais entendem que não estão transgredindo uma lei de Deus, mas seguindo o exemplo de Jesus que socorre os enfermos. Sem regras, sem normas: “Bota a mão recebe o espírito, sendo acolhido, fala com ele” assegura a dirigente.

No que tange ao controle da FEB sobre as atividades a serem executadas nos Centros a coordenadora afirma que a FEB tinha que “vivenciar estas casas espíritas e aprender com elas, mas aprender não só visitando um dia, mas estagiando com elas”. Argumenta que se não conviver com eles não tem resultados, pois “não educa sem convivência” e conclui apresentando o lema espírita sobre o estudo: “Educar para viver é que tem que ser”.

Para a coordenadora a FEB e FEPB deveriam ver as instituições que trabalham de forma diferenciada como grandes educadoras. Na atualidade, um novo olhar das federações sobre as práticas mediúnicas realizadas em muitos centros já começa a dar sinais de existência:

Se você for vê a FEB de hoje e a de antigamente o desenvolvimento e o crescimento foi muito grande. Com esse presidente agora, o Perri<sup>15</sup>, e o

<sup>15</sup> Antônio Cesar Perri de Carvalho assumiu a presidência da FEB em 16 março de 2013 e nela se encontra até hoje.

anterior o Nestor Masotti<sup>16</sup> a FEB deslanchou muito. O Perri tem uma abrangência uma dilatação de entendimento. É tanto que ele mudou o modelo de educação da mediunidade. Por que ele mudou? Porque ele viu que o ESTEM<sup>17</sup>) que eles implantaram não deslanchou como eles achavam que iria. As casas espíritas não estão aderindo. Então se ele notou isso, ele teve uma grandeza de espírito muito grande para notar que precisava de mudança. Agora assistência a enfermos? Não adianta falar tem que viver. Não tem como (PORTO, 2013).

Neste trecho Eliane Porto faz referências às mudanças ocorridas nas orientações da FEB no que diz respeito à prática mediúnica vivenciada nas casas espíritas e a coordenadora aponta a existência de um novo modelo de estudo educação da mediunidade (ESTEM) que não se ajustam as vivências mediúnicas dos centros.

Em outro momento da entrevista, quando questionada sobre como adeptos de Centros que seguem a normatização da FEB e da FEPB veem a UEDAC, a coordenadora informa que os membros do Centro já estão acostumados tanto com o acolhimento de membros de outros centros como também com a hostilização. Afirma que é muito comum receber muitas pessoas de outros centros espíritas, de outras religiões, inclusive da própria Federação Espírita Paraibana. Vejamos o trecho em que ela faz considerações sobre o assunto:

Até outros de outras casas espíritas hostilizam nossa posição. Eu mesmo já participei de grupo de estudo em que acham que nós fazemos clientelismo. Que isto não é verdade! Ninguém faz clientelismo. A pessoa só retorna ao médico se ele for bom. Se a receita der resultado. Se o médico não for bom, a receita não der resultado. Ninguém vai naquele médico (...) nós não nos preocupamos com o que o outro pensa. É tanto que cresceu a nossa casa. Dá fermento. Agora é que cresce mesmo a educação mediúnica. Agora é que cresce. Tá entendendo? Agora é que cresce.

A fala da coordenadora permite inferir o quanto o trabalho de cura espiritual é importante para os adeptos do Centro. No seu entendimento, é a atividade mediúnica a prática responsável pelo “crescimento” da casa, ou seja, pelo aumento do fluxo de pessoas que procuram o atendimento mediúnico. A comparação da atividade do médium com o papel do médico, remete-nos à questão, ainda polêmica para muitos, da relação do Espiritismo com o campo médico, tema bastante discutido e que, segundo Giumbelli (1997) foi motivo de

---

<sup>16</sup> Nestor João Masotti, funcionário público fazendário em São Paulo, foi o 21<sup>o</sup> Presidente da Federação Espírita Brasileira no período de 2001-2013. No dia 5 de março de 2013, Masotti renunciou ao cargo de presidente da Federação Espírita Brasileira, para tratamento de saúde. Assume o Senhor Antônio Cesar Perri de Carvalho.

<sup>17</sup> Estudo e Educação da Mediunidade e o Estudo do Esperanto é uma programação de estudo sistematizado do espiritismo que procura direcionar as atividades mediúnicas.

grande repressão aos espíritas no início do século XX, quando havia a forte oposição da Psiquiatria, área da medicina que também estava em processo de afirmação naquele momento.

Pelo que foi exposto, observa-se que mesmo colocando em exercício uma prática mediúnica que difere do modelo de unificação pré-estabelecido pela FEB, tal procedimento não impede que a instituição seja filiada a mesma, fato que reflete a tolerância e a aceitação da FEB para com o modelo de prática adotada pelo referido centro e a impotência da Federação na sua posição de unificadora das práticas mediúnicas postas em funcionamento pelos diferentes centros.

### **3.3 Caravana da Fraternidade Cristã**

O centro espírita Caravana da Fraternidade Cristã - CFC, localizado na Av. Floriano Peixoto, no bairro de Jaguaribe, que segundo Mendonça (2010), a origem da ocupação da área data do ano de 1587, quando foi concedida pela Coroa Portuguesa uma sesmaria em favor de Francisco Gonçalves Serralheiro para a ocupação do local. O bairro começou a ser habitando através da doação de terras foreiras de propriedade da Santa Casa de Misericórdia da Paraíba. Hoje o bairro tem grande número de casas residenciais, comércio, escolas e universidade (IFPB- Instituto Federal de Educação, Ciência e Educação) e é considerado um dos mais antigos e tradicionais.

A CFC é o terceiro centro espírita mais antigo de João Pessoa, perdendo apenas para o Centro Espírita Tomaz de Aquino e a União Espírita Deus Amor e Caridade. A casa diferencia das demais casas estudadas pela forma de condução dos seus trabalhos. Após registro do nome em livro e orientações, as pessoas que se submeterão a consulta entram juntas no salão principal, em uma segunda sala. A consulta é feita de forma coletiva onde o médium tem dois ou três guias e cada guia é nomeado para determinada pessoa presente. Os médiuns ficam sentados em uma mesa no centro da sala e as pessoas permanecem ao lado em bancos. Os guias falam através dos médiuns e enumeram quantas entidades inferiores estavam ao lado do “consultado”. Havendo algum “trabalho feito” contra a pessoa que está realizando a consulta, o guia diz que com o indivíduo havia um ponto e seu tratamento tem que ser intenso e cuidadoso na casa. O termo “trabalho feito” é utilizado para aquelas pessoas que estão sob influência de um espírito inferior mandado para lhe prejudicar.

Na entrevista com o dirigente dos trabalhos mediúnicos da Caravana da Fraternidade Cristã, Luís Carlos, perguntamos quais as práticas mediúnicas postas em funcionamento pelo

Centro Espírita e o mesmo respondeu que trabalham com o “Passe Magnético”, a “Assistência Espiritual através da Mediunidade da Psicofonia” e o “Passe Espiritual (Fluidoterapia)”.

A prática mediúnica de desobsessão é realizada na reunião de assistência espiritual, funciona com a mesa formada por médiuns de psicofonia incorporados<sup>18</sup>, um médium coordenando as atividades (comunicações) e um doutrinador (trabalhador experiente que atua sem incorporação). A prática consiste em permitir o diálogo da entidade e o entendimento de suas necessidades, o aconselhamento do mesmo, a oração para que possa se equilibrar até a oração final que denominam de doutrinação.

O dirigente afirma que a atividade de desobsessão baseia-se na prática repassada ao longo dos anos, fundamenta-se na orientação através do Livro dos Médiuns e está centrada na caridade e iluminação (esclarecimento de espíritos) e a Oração Final (Doutrinação).

O entrevistado tem conhecimento das regras adotadas pela FEB para a prática mediúnica e tem consciência que cada centro tem sua dinâmica. Quando foi interrogado sobre a prática mediúnica diferenciada de desobsessão nos Centros, afirma que há uma relação de respeito sem interferência da FEB, e vice-versa. O entrevistado não vê controle da FEB sobre as atividades a serem executadas nos Centros: “Penso que as Casas Espíritas não levam muito em consideração as intenções Febeanas”. Neste ponto, o presidente expõe seu pensamento sobre a atuação da FEB e põe em suspenso a sua posição enquanto instituição que se coloca como a responsável pela unificação do movimento espírita. Parece sugerir que as suas intenções de unificação não são levadas a sério como pretende a instituição.

No que se refere à prática mediúnica ser distinta da orientação da FEB e da FEB, afirma o dirigente da CFC: “atualmente não temos qualquer problema relacionado às diferenças entre as práticas”. Reforça argumentando que não conhece centro que adote práticas mediúnicas diferentes da FEB de forma muito clara, no entanto, imagina que “ainda exista um julgamento sob a ótica de que nós quando praticamos formas diferentes não trabalhamos pela unidade. Embora discorde deste pensamento, pois a unidade deve ser de instruções e não de formas exteriores”.

---

<sup>18</sup> O termo incorporação tem sido empregado de modo no mínimo curioso à mediunidade psicofônica, pois numa perspectiva kardecista, nenhum Espírito conseguiria tomar o corpo de outra pessoa, assumindo o lugar da sua Alma. Embora, alguns teóricos espíritas afirmem que a incorporação se dá quando o Espírito, ainda que sob o controle do médium, tem a liberdade de movimentar por completo o corpo do mesmo, o que seria também chamado de *psicopraxia*. No centro estudado os médiuns em processo de incorporação são intermediários de mais de uma entidade(guia espiritual) sendo um de cada vez.

O argumento parece assumir um caráter um pouco contraditório, como manter unidade de instruções sem assegurar a unidade na representações dessas instruções? A fala do entrevistado atualiza a crítica feita pela FEB, e pelos Centros que seguem as suas orientações, às instituições espíritas que, ao divergirem em suas práticas, não colaboram com o projeto de unificação do movimento proposto pela mesma.

### 3.4 Federações Espíritas Paraibanas

A Federação Espírita Paraibana-FEPB, localizada na Av. Bento da Gama, 555 - Torre, João Pessoa, PB. O Bairro da Torre está situado a sudeste da cidade de João Pessoa, considerado um dos últimos bairros centrais a se constituir no universo da cidade, tendo como data de origem o final da década de 1920.

A instituição foi fundada no dia 17 de janeiro de 1916 e segundo seu Presidente “é uma sociedade civil, educacional, cultural, religiosa e sem fins lucrativos”. (LIMA, 2014). Ao ser questionado sobre a história de origem da FEPB encontramos o seguinte discurso:

Tudo começou nos idos de 1916. A Parahyba do Norte era a capital da então Parahyba. Uma época em que exceções de pessoas se “atreveriam” a falar de Espiritismo. Eram os destemidos e audaciosos, de raciocínio largo, que liam, dialogavam, conheciam a Doutrina Espírita. Não havia ainda um núcleo ou centro espírita, mas o livro Espírita estava ali, garantindo a ousadia para se ultrapassar as fronteiras do preconceito. As dificuldades foram inúmeras para os desbravadores, mas o desafio era maior. O que existiam eram apenas “Sessões de Caridade”, que aconteciam em residências onde eram atendidos os necessitados. Naquelas sessões a mediunidade afluía em pessoas simples e sinceras, produzindo os mais extraordinários fenômenos de cura, vidência, clarividência, psicografia, psicofonia que maravilhavam e assombravam de estupefação a todos os presentes. (LIMA, 2014)

O Presidente descreve a ausência de atividades espíritas na Paraíba e registra a existência apenas de núcleo familiares espessos, fato que ocorreu também em outros estados como já foi falado anteriormente no capítulo I intitulado *Kardec, a codificação espírita e o Movimento Espírita no Brasil*. E segue narrando a como funcionava as sessões que ocorriam em residências e como a partir dessas reuniões surgiu a necessidade de se fundar uma instituição:

Foi na residência do cidadão Manoel Alves de Oliveira que se realizavam uma dessas “Sessões de Caridade”, onde eram atendidas

pessoas de todas as condições sociais, com a doutrinação de espíritos enfermos, o passe, a água fluidificada e o consolo da Doutrina dos Espíritos. Mas foi ali, naquele lar, que um reduzido número de pessoas resolveu fundar uma Sociedade Espírita e então surgia a indagação: que Sociedade? Um modesto Centro Espírita ou Núcleo Espírita que seria mais fácil conduzir, num tempo em que não havia segurança para funcionar e as hostilidades estavam às vistas. Não! Eles decidiram fundar uma Federação. Outro questionamento surgia célere: Por que Federação? No presente não se têm notícias sobre a existência de algum sobrevivente dentre o grupo de pessoas que participaram da fundação, para apontar com certeza de quem foi à ideia, mas que foi uma iluminada inspiração não se discute. (LIMA, 2014)

Adiante trata da importância dada pelos primeiros presidentes de Federações na formação de Federações Estaduais:

Numa palestra pronunciada pelo ex-presidente da Federação Espírita Brasileira (FEB), Juvanir Borges<sup>19</sup> de Souza, afirmou que Leopoldo Cirne<sup>20</sup>, quando substituiu Bezerra de Menezes na presidência da FEB, em 1900, foi o maior incentivador do Federalismo no Movimento Espiritista do Brasil, inspirado no modelo da organização política de nosso país, de modo que todos estados através de suas Federações ficassem representados participando do poder Central Federativo. (LIMA, 2014)

E mais adiante enumera a história da instalação da FEPB com seus fundadores e colaboradores na organização:

Elas começaram a surgir em 1902 tendo a Federação Espírita Paraibana (FEPB) nascido em 1916. Na noite de 17 de Janeiro de 1916, na rua 13 de maio nº 457, antiga Rua da Lagoa de Cima, foi fundada a Federação Espírita Paraibana, a primeira sede, pelos seguintes confrades: Manoel Alves de Oliveira, Eugênio Ribas Neiva, Manoel Francisco Rabelo, Eduardo Medeiros, Frederico Ribas Neiva, João de Brito Gouveia Moura, Joani de Felibelli. A primeira diretoria ficou assim formada: Manoel Alves de Oliveira (presidente), Eugênio Ribas Neiva (vice), Eduardo Medeiros (1º. Secretário) Manoel Francisco Rabelo (2º. Secretário), João de Brito Gouveia Moura (Tesoureiro). (LIMA, 2014)

Mais adiante relata como foi a instalação de uma sede, demonstrando a necessidade de um espaço físico para realizar suas atividade espíritas:

Como não possuía sede própria, a FEPB funcionava naquele endereço, que era também residência de Manoel Alves de Oliveira, onde

---

<sup>19</sup> Presidente da Federação Espírita Brasileira entre os anos de 1990 e 2001.

<sup>20</sup> Presidente da Federação Espírita Brasileira no período de 1900 a 1914.

acontecia a “Sessão de Caridade”, e que assim foi transformada naquela data de 17 de janeiro de 1916 em sede provisória. Ali funcionou de 1916 a 1919, quando foi construída a segunda sede, num terreno próximo à casa de Manoel Alves de Oliveira, que foi doado por um dos referidos fundadores da FEPB: Joani de Felibelle. Este também ajudou na construção do prédio que agora funcionaria em novo endereço: Rua 13 de Maio nº 465. Naquele local específico a FEPB funcionou de 1919 até 1960 – em 41 anos de profícuo atendimento. (LIMA, 2014)

A partir de 1960 foi organizada uma terceira sede, também em área própria e em 2000 foi construída a quarta sede, onde funciona até hoje:

Construída em edifício de 10. Andar, no nº 65 no parque Solon de Lucena. Coincidentemente ou não, o referido parque é um logradouro tranqüilo cujo nome fora dado em homenagem ao ex-presidente do estado da Parahyba e que também foi espírita reconhecido. A partir 2000 a FEPB instala-se na atual e quarta sede, com modernas instalações adequadas às demandas do Movimento Espírita Paraibano, situada na Avenida General Bento da Gama, 555, Torre, local onde funcionou O Lar da Criança, criada em 20 de fevereiro de 1950, pela FEPB, em substituição à pretensão inicial de se construir o Hospital Psiquiátrico Espírita da Paraíba. (Lima, 2014)

Com uma sede a Federação Espírita Paraibana demarca o seu espaço e inicia o seu trabalho de Unificadora como afirma Marco Lima “neste longo espaço de tempo a Entidade Unificadora estabeleceu suas bases na imorredoura mensagem emanada do Mestre Inolvidável, o Guia e Modelo”. Além dos centros há 160 instituições sob a coordenação da Federação Espírita Paraibana. Abaixo sede recente da FEPB:



FIGURA 6 – Federação Espírita Paraibana  
 Fonte: [www.fepb.org.br](http://www.fepb.org.br)

Os trabalhos federativos ultrapassam as fronteiras da capital pessoense e adentram outros municípios

O dinâmico Movimento Espírita Paraibano, conta atualmente com 160 Instituições ligadas aos órgãos de Unificação, espalhados em mais de 70 Municípios do Estado, abrangendo as principais regiões: Litoral, Agreste, Sertão, Alto-Sertão, Cariri, Curimataú, Brejo, Borborema, Vales: do Piancó, Paraíba e Mamanguape. (LIMA, 2014)

Mais adiante o responsável pela entidade federativa da Paraíba justifica a importância social desta instituição afirmando que forma parcerias com instituições que pensam no bem comum.

A FEPB vem consolidando o seu Planejamento Estratégico para o triênio 2012- 2015, para melhor atender as demandas do Movimento Espírita Paraibano adequando-se às novas exigências da sociedade contemporânea, formulando diversas parcerias com as Entidades Especializadas e Órgãos Públicos, tendo em vista ampliar esforços para construção de uma sociedade mais Humana, Solidária e com Justiça. (LIMA, 2014)

Hoje com 143 centros filiados, tendo mais 10 (dez) em formação. Com sede própria é possuidora de 20 salas de reunião com capacidade em média para 30 pessoas e três (3) auditórios, com capacidade para 150, 300, 800 pessoas ao total. Dispõe de infraestrutura de apoio para eventos, como conjunto de banheiros, lanchonete, livraria e espaço convivência. “Seu objetivo é estabelecer o processo de unificação estadual do Movimento Espírita, além de congregar as sociedades espíritas da Paraíba, bem como fortalecer, ampliar e aprimorar suas ações” (LIMA, 2014).

A FEPB têm aproximadamente 100 médiuns trabalhando na casa, atuando nas atividades práticas e, em torno de 50, em processo de formação e educação da mediunidade. A média de frequentadores nas reuniões públicas da casa é de 500 pessoas semanais e 2.000 pessoas ao mês. Tem quatro reuniões semanais de desobsessão, sendo duas no turno da tarde e duas no turno da noite.

Ao entrevistar o Presidente da Federação Espírita Paraibana, Senhor Marco Lima, quanto às práticas mediúnicas posta em funcionamento na casa, ele responde que o departamento de assuntos mediúnicos da FEPB é responsável pela formação teórica e prática dos médiuns que já frequentam, dos que são iniciantes na Doutrina Espírita e que apresentam alguma ostensividade da sua faculdade mediúnica.

Reforçou a necessidade de se frequentar um grupo de estudos antes de adentrar as reuniões de desobsessão:

Todos são orientados a participar do curso chamado ESTEM (Estudo Sistematizado da Mediunidade) tendo como parâmetro as obras básicas da Doutrina Espírita constituída por 5 obras básicas, considerado o Pentateuco Kardequiano: O Livro dos Espíritos, O Livro dos Médiuns, O Evangelho Segundo o Espiritismo, O Céu e o Inferno e a Gênese. O trabalho do desenvolvimento mediúnico alicerçado na obra dedicada aos médiuns, um verdadeiro tratado de paranormalidade que mostra como se apresenta as faculdades medianímicas nas pessoas e como estas devem se relacionar com o fenômeno. Também a obra elucida de forma lúcida como estruturar reuniões sérias de desenvolvimento e educação da mediunidade. (LIMA, 2014)

A FEPB esquematiza suas atividades de desobsessão em quatro (4) etapas descrevendo-as, como mostra o quadro abaixo:

|                       |                                                                                                                                                                                                                                                                            |
|-----------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Primeira Etapa</b> | Pessoas da equipe do Departamento mediúnico entrevista o assistido identificando a problemática;                                                                                                                                                                           |
| <b>Segunda Etapa</b>  | Após identificação da terapia preliminar, inicia-se o tratamento através da fluidoterapia (passes magnético/espiritual), oração, água magnetizada, orientações para evangelho no lar.                                                                                      |
| <b>Terceira Etapa</b> | O nome do assistido será submetido à reunião de desobsessão através da vibração e irradiação. Nessa reunião privativa, que não terá a participação do assistido, acontece naturalmente o diálogo dos médiuns com o irmão espiritual que está no campo mental do assistido. |
| <b>Quarta Etapa</b>   | Acompanhamento do assistido com orientações específicas para continuidade do atendimento espiritual.                                                                                                                                                                       |

QUADRO 4 – Práticas mediúnicas da FEPB

Fonte: Elaborado pela autora, baseado na entrevista do Presidente da FEPB.

Nos trabalhos de desobsessão da FEPB os médiuns, doutrinadores e trabalhadores desta atividade ficam em sala fechada, e os assistidos permanecem na parte de fora da sala. Não há contato do médium com as pessoas assistidas, preservando o caráter privativo da reunião. O Presidente da FEPB fundamenta a prática mediúnica de desobsessão dessa instituição a partir de uma revelação trazida pelos espíritos na “Obra filosófica da Doutrina Espírita, que assevera que Espíritos desencarnados influenciam os espíritos encarnados,

ostensivamente e que podem com tais influências, levar estados de perturbação física, psíquica e espiritual”.

No decorrer da entrevista observamos o princípio da prática da caridade através da mediunidade no discurso da FEPB quando afirma:

A orientação de Jesus nas narrativas evangélicas quando expulsava os ditos “demônios”, que para nós espíritas, são os espíritos imperfeitos, necessitados de Luz e Paz. O Cristo apresentou sua metodologia para tratar desses casos: Diálogo, Energia Amorosa, Prevenção através das orientações para o que obsedado, “não tornasse a pecar”, ou seja, buscasse iluminar-se e reformar-se moralmente para não ser importunado de novo por essas entidades ignorantes. (LIMA, 2014).

Enumera, o Senhor Marco Lima, livros que são utilizados pela FEPB e indicados para os centros nas práticas mediúnicas “como *O Livro dos Médiuns* de Allan Kardec, livros complementares de diversos autores, a exemplo dos Psicografados de Chico Xavier, Divaldo Franco, os de pesquisa de Suely Caldas Schubert, além do trabalho do próprio Departamento Mediúnico da FEPB, intitulado *Orientações Básicas para Reuniões Mediúnicas*”.

O entrevistado diz ter conhecimento de funcionamento diferente para esta prática em outros Centros e completa dizendo que há “diferenças em alguns grupos que se intitulam espíritas. Respeitamos todas as práticas, no entanto, orientamos através do diálogo que a verdadeira prática espírita, deverá estar alicerçada no pensamento lúcido do nosso codificador e das suas obras”. (Grifo nosso).

Respeita a autonomia dos Centros Espíritas, no entanto, traz o discurso esperado asseverando o aspecto de “verdade” presente na prática oficial da Federação. Além disso, o presidente da FEPB mantém um permanente contato com os centros em todo Estado da Paraíba através das Coordenadorias Regionais, para formação dos trabalhadores, troca de experiências exitosas, realizado pelo Departamento Mediúnico da FEPB, buscando a unificação do Movimento no que se refere as suas práticas sem imposições.

Retrata a importância do trabalho de unificação do Movimento da FEB e relata qual a sua função:

Como Presidente da FEPB nosso trabalho é de Unificação e coordenação do Movimento Espírita na Paraíba tem como foco colaborar com os Centros Espíritas, no que se refere a seu pleno funcionamento, na gestão, nas questões doutrinárias e na sua sustentabilidade. Para isso contamos com uma Rede de apoio nas 8 regiões do Estado da PB composta de dezenas de companheiros

dedicados a apoiar as iniciativas doutrinárias e divulgação da Doutrina Espírita.(Lima, 2013. Entrevista em 15 de janeiro de 2014).

“Promover a Unificação do Movimento Espírita Paraibano, por meio do Estudo, Difusão e Prática dos Ensinos de Jesus à Luz do Espiritismo” é a missão da Federação Espírita Paraibana. (MARCOS LIMA, 2014). E no final da entrevista afirma seu papel na orientação dos grupos mediúnicos é a promoção de Curso de Formação de Trabalhadores da área Mediúnica e nas Reuniões Administrativas com os dirigentes Espíritas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Organizamos a pesquisa em torno do fenômeno da psicofonia, realçando sua prática nos centros espíritas e na FEB, observando seu mecanismo e a forma como funciona nos diferentes centros tomados como objeto. O interesse por buscar analisar essa prática de produção de discursos mediúnicos, no Centro União Espírita Deus Amor e Caridade, no Centro Espírita Caravana da Fraternidade Cristã e Centro Espírita Thomáz de Aquino, teve origem na minha observação das atividades de psicofonia nas reuniões de desobsessão e, ainda, do discurso da Federação Espírita Brasileira - FEB lançado sobre esta prática mediúnica.

Iniciamos o nosso percurso com um breve trajeto sobre a história do espiritismo e a exposição da tarefa do sujeito/fundador do kardecismo na construção da doutrina espírita, chegando aos centros com suas atividades de desobsessão.

No que diz respeito a FEPB, identificamos que sua missão é fortalecer, ampliar e aprimorar suas ações de prática da caridade espiritual, moral e material, dentro dos princípios espíritas; além de promover e incentivar o estudo, a difusão e a prática do Espiritismo, com base nas obras da Codificação de Allan Kardec e no Evangelho de Jesus e por fim, colocar o Espiritismo ao alcance e a serviço de todos.

Sobre a prática mediúnica de psicofonia nas reuniões de desobsessão, sua função é orientar os centros para que trabalhem de forma unificada e homogênea, mantendo o respeito aos centros que divergem no formato destes trabalhos. Para o kardecismo o estudo é um preceito para poder adentrar aos grupos de desobsessão e a mediunidade é colocada como um instrumento de ajuda às criaturas “menos felizes”.

Observamos que a prática da mediunidade de psicofonia nas reuniões de desobsessão é considerada pelos espíritas dos centros em foco, como sendo a mais comum, uma vez que oferece a oportunidade de diálogo com os Espíritos comunicantes e permite a doutrinação e consolação dos espíritos menos esclarecidos sobre as “verdades” espirituais.

No que diz respeito a esta prática, os centros espíritas pesquisados afirmam respeitar o trabalho da Federação Espírita Brasileira, admitem seguir os seus manuais, no entanto, afirmam manter certas ressalvas no que diz respeito à prática mediúnica. Sobre a atuação de entidades como índios, pretos-velhos e cablocos nessas atividades, embora consideradas por adeptos como não iluminadas ou em processo de evolução, não negam a sua presença e a sua colaboração nos trabalhos mediúnicos.

A União Espírita Deus Amor e Caridade afirma seguir as orientações apresentadas nas apostilas da FEB para as reuniões de desobsessão, no entanto, não nega o respeito às práticas mediúnicas das religiões afro-brasileiras. O Centro Espírita Thomaz de Aquino, por sua vez, enfoca a prática da caridade como lema de seus trabalhos mediúnicos de desobsessão e afirma que se uma entidade negra ou cabloca comparecer aos trabalhos com o objetivo de ajudar será bem recebido. Já o centro Caravana da Fraternidade Cristã atua, nos seus trabalhos de desobsessão, com entidades de índios no atendimento as pessoas.

Observamos que a prática espírita mediúnica de desobsessão, apesar de ser regida por um discurso posto em circulação pela FEB com o objetivo que uniformizar a prática nos centros a ela filiados, na prática ainda não funciona. Os centros pesquisados apontam que há divergências na forma de condução dessa atividade. Desse modo, os discursos das instituições espíritas estudadas procuram suas “verdades” e ditam suas “verdades”, cada uma no contexto e na realidade que escolheu para si. Os centros produzem o seu próprio discurso tendo como lema a prática da caridade nas atividades mediúnicas distanciando-se das normas preconizadas pela FEB. São discursos distintos tendo cada um papel de controle e de propagação de suas “verdades”.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alexander Moreira de. *Fenomenologia das experiências mediúnicas, perfil e psicopatologia de médiuns espíritas*. Tese de Doutorado (Faculdade de medicina da USP) São Paulo, 2004. Disponível em < [http://www.ieja.org/portugue/Estudos/Artigos/p\\_experiencias.pdf](http://www.ieja.org/portugue/Estudos/Artigos/p_experiencias.pdf) >. Acesso em 09 de dez 2012.

\_\_\_\_\_. *Visão Espírita dos Transtornos Mentais*. Trabalho apresentado no XXI Congresso Brasileiro de Psiquiatria, Goiânia. 2003.

ARRIBAS C. G. *Afinal, espiritismo é religião? A doutrina espírita na formação da diversidade religiosa brasileira*. São Paulo: Alameda, 2010.

CAMARGO, Cândido Procópio F. *Kardecismo e Umbanda*. São Paulo: Pioneira, 1961.

CAVALCANTI, Maria Laura V.C. *O mundo invisível: cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa no espiritismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

\_\_\_\_\_. *O que é o Espiritismo: visão antropológica*. São Paulo: ed. Brasiliense S.A. 1985.

\_\_\_\_\_. *Vida e morte no espiritismo kardecista*. Religião e Sociedade. Vol. 1, Rio de Janeiro: 2006.

\_\_\_\_\_. *Sinais dos tempos: diversidade religiosa no Brasil*. Leilah Landim (org.). Rio de Janeiro: ISER, 1990.

DAMAZIO, Sylvia. *Da elite ao povo: advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 12. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

\_\_\_\_\_. *Microfísica do Saber*. Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2011.

FRANÇA. Dilaine Soares Sampaio. *De fora do terreiro: o discurso católico e kardecista sobre a umbanda entre 1940 e 1965*. João Pessoa: Ed. Universidade UFPB, 2010.

GIL, Marcelo Freitas. *O movimento espírita pelotense e suas raízes sócio-históricas e culturais*. Cléria Bittar Bueno, Nadia Marcondes Luz, organizadores. São Paulo: Unifran, 2011.

GIUMBELLI, Emerson Alessandro. *O cuidado dos mortos: uma história da condenação e legitimação do Espiritismo*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997a.

\_\_\_\_\_. *Heresia, doença, crime ou religião: o Espiritismo no discurso de médicos e cientistas sociais*. *Revista de Antropologia*, São Paulo, Usp, vol. 40, n.2, 1997b. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em: 22 dez 2007.

\_\_\_\_\_. *O "baixo espiritismo" e a história dos cultos mediúnicos Horizontes Antropológicos*. *Revista de Antropologia*, Porto Alegre: USP, vol. 09 nº. 19. Porto Alegre, 2003. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-71832003000100011](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832003000100011)>. Acesso em: 22 dez 2007.

GONÇALVES, Iracilda Cavalcante de Freitas. *Psicografia: verdade ou fé?* João Pessoa: Ed. Universitária UFPB, 2010.

GURJÃO, Eliete de Queiroz. *Morte e vida das oligarquias: Paraíba (1889-1945)*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1994.

ISAIA, Artur Cesar (organizador). *Orixás e espíritos: o debate interdisciplinar na pesquisa con-temporânea*. Uberlândia: EDUFU, 2006.

LACHÂTE. HILLESHEIM, Maria Elisa. *Em torno de Rivail: o mundo em que vivem Allan Kardec*. São Paulo: Lachâte, 2004.

LEWGOY, Bernardo. *Os espíritas e as letras: um estudo antropológico sobre a cultura e oralidade no espiritismo kardecista*. São Paulo: USP, 2000. (Tese de Doutorado).

\_\_\_\_\_. *Representações de ciência e religião no espiritismo kardecista*.

\_\_\_\_\_. *Uma religião em trânsito: o papel das lideranças brasileiras na formação de redes espíritas transnacionais*. Porto Alegre: Ciências Sociais, ano 13, 2011.

MENDONÇA, Juliana Barros. *O Bairro de Jaguaribe: origens, ocupação e formas de uso do espaço do bairro (1930-1960)*. 2010. 68p. Monografia (Licenciatura em História). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal da Paraíba.

MONTEIRO, Eduardo Carvalho. *Marechal Ewerton Quadros: primeiro presidente da Federação Espírita Brasileira*. São Paulo: CCDPE, 2006.

ORTIZ, Renato. *A morte branca do feiticeiro negro*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

OTTO, Rudolfo, *O sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional*. Traduzido por Walter O. Schlupp. Petrópolis: Vozes, 2007, 33.

PINTO, Luiz. *Fundamentos da história e do desenvolvimento da Paraíba*. Rio de Janeiro: Editora Leitura, 1973

PRANDI, Reginaldo. *Os Candomblés de São Paulo*. São Paulo: HUCITEC, 1991.

\_\_\_\_\_. *Os mortos e os vivos: uma introdução ao espiritismo*. São Paulo: Três estrelas, 2012.

SILVA, Eliane Moura. *O Espiritismo no século XIX: reflexões teóricas e históricas sobre correntes culturais e religiosidade*. 2 ed. São Paulo: IFCH/UNICMP, 1999.

STOLL, Sandra J. *Entre dois mundos: o espiritismo da França e no Brasil*. São Paulo: USP, 1999. (Tese de Doutorado).

\_\_\_\_\_. *Religião, ciência ou auto-ajuda? Trajetos do Espiritismo no Brasil: o espiritismo da França e no Brasil*. São Paulo: USP, 1999.

\_\_\_\_\_. *Espiritismo à brasileira*. São Paulo: Edusp; Curitiba: Orion, 2003.

WEBER, M. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Vol. I. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Brasília: Ed. Universitária de Brasília, 2012.

\_\_\_\_\_. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Vol. II. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Brasília: Ed. Universitária de Brasília, 2012.

ZEIG, Stephan. *A cura do espírito*. Rio de Janeiro: Delta, 1956.

## REFERÊNCIAS ESPECÍFICAS

BARBOSA, Pedro Franco. *Literatura espírita mediúnica*. In: *Espiritismo Básico*. 2<sup>a</sup>. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1986.

DELANNE, Gabriel. *O Fenômeno Espírita*. Rio de Janeiro: FEB, 2010.

DENIS, Léon. *No mundo invisível: Espiritismo e mediunidade*. Tradução de Maria Lúcia Alcântara de Carvalho. 1<sup>o</sup> ed. Rio de Janeiro: CELD, 2009.

DOYLE, Arthur Conan. *História do Espiritismo*. São Paulo: Pensamento, 1995.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA, *Estudo e prática da mediunidade*, .vol II, 2008.

GIL, Marcelo Freitas. *O movimento Espírita pelotense e suas raízes sócio-históricas e culturais*. São Paulo: Unifran, 2011.

KARDEC, Allan. *O Livro dos espíritos: filosofia espiritualista*. Tradução Salvador Gentile. 174 ed. São Paulo: IDE, 2007.

\_\_\_\_\_. *O Livro dos médiuns*. Tradução de Salvador Gentile. 73<sup>o</sup> ed. São Paulo: IDE, 2005.

\_\_\_\_\_. *Obras Póstumas*. Tradução de Salvador Gentile. 21<sup>o</sup>. ed. São Paulo: IDE, 2005b.

\_\_\_\_\_. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Renata Barboza da Silva e Simone T. N. B. da Silva. São Paulo: Petit, 1997.

\_\_\_\_\_. *O que é espiritismo*. São Paulo: Instituto de Difusão Espírita, 1981.

LÉON, D. *No invisível*. Tradução de Leopoldo Cirne. 24 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006.

MARTINS, Celso & Braga, Rubens. *Centro Espírita: diretrizes básicas e Unificação*. São Paulo: EME, 2003.

MENDES, Idalício. *Rumos doutrinários*. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005.

MIRANDA, Hermínio Correa. *O que é Fenômeno Espírita?* São Paulo: Correio Fraternal, 2009.

\_\_\_\_\_. *Diálogo com as sombras*. 212. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006.

NÁUFEL, José. *Do abc ao infinito: Espiritismo experimental*. 6. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003.

PASTORINO, C. Torres. *Técnica da Mediunidade*, 1969, p.116

PERALVA, Martins. *Mediunidade e evolução*. 8. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002.

PIRES, Herculano. *O Centro Espírita*. São Paulo: Paidéia, 2010.

SCHUBERT, S. C. *Dimensões espirituais do centro espírita*. Rio de Janeiro: FEB, 2009  
 \_\_\_\_\_. *Obsessão/desobsessão*. 17. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004.

VIEIRA, Waldo. *Conduta espírita*. Pelo Espírito André Luiz. 30. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006.

WANTUIL, Zêus. *Allan Kardec: o educador e o codificador*. Vol I. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2004.  
 \_\_\_\_\_. *Allan Kardec: o educador e o codificador*. Vol.II. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2004.

XAVIER, Francisco Cândido. *Desobsessão*. Rio de Janeiro: FEB, 2007a.  
 \_\_\_\_\_. *Nos domínios da mediunidade*. Rio de Janeiro, 2007b  
 \_\_\_\_\_. *O Consolador*. Rio de Janeiro: FEB, 2008.  
 \_\_\_\_\_. *Seara dos médiuns*. Rio de Janeiro: FEB, 2006.

## FONTES ORAIS

LIMA, Marco. Entrevista concedida em 15 de janeiro de 2014.

LIMA, Dormival Rêgo. Entrevista concedida em 18 de dezembro de 2013.

OLIVEIRA, Luiz Carlos. Entrevista concedida em 25 de abril de 2014.

PORTO, Eliane. Entrevista concedida em 20 de novembro de 2013.

## APÊNDICE



### INSTRUMENTO 1: DESTINADOS AOS CENTROS

#### DADOS GERAIS DA INSTITUIÇÃO PESQUISADA

1. Nome da instituição:
2. Endereço:
3. Data de fundação:
4. A instituição é filiada a FEPB (sim ou não):
5. História da instituição
6. Estrutura Física
7. Características próprias
8. Quantos médiuns trabalham na casa?
9. Média de frequentadores (por semana ou ao mês).
10. Número de grupos de desobsessão.

#### QUESTÕES ESPECÍFICAS VOLTADAS AO OBJETO DA PESQUISA

- a) Quais as práticas mediúnicas posta em funcionamento pelo Centro Espírita? (visão panorâmica) Mencionando a de psicofonia precisaria perguntar sobre ela. Características, modos de atuação, funções da prática, etc.
- b) Como funciona a prática mediúnica de desobsessão (**seu objeto**) (descrever todas as etapas, quem atua, em que posição, como atua)?

- c) Em que princípios o Centro fundamenta sua prática mediúnica de desobsessão? (há um livro a seguir...)
- d) O entrevistado da atividade tem conhecimento das regras adotadas pela FEB para esta prática?
- e) O entrevistado tem conhecimento de funcionamento diferente para esta prática em outros Centros?
- f) Se a prática mediúnica de desobsessão do Centro seja diferente da prática proposta pela FEB. Como se dá essa relação entre as regras adotadas pela FEB e a prática posta em funcionamento no Centro?
- g) Como o entrevistado vê o controle da FEB sobre as atividades a serem executadas nos Centros?
- h) Como o Centro que adota a prática mediúnica diferente da orientação da FEB e da FEPB é vista por essas instituições?
- i) Como o Centro que adota a prática mediúnica diferente da orientação da FEB e da FEB é vista pelos adeptos de Centros que seguem a normatização da FEB e da FEB?



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**

**Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões**



### **INSTRUMENTO 1: DESTINADOS A FEPB**

#### **DADOS GERAIS DA INSTITUIÇÃO PESQUISADA**

- 11. Nome da instituição:
- 12. Endereço:
- 13. Data de fundação:
- 14. Número de Centros filiados a FEPB:

15. História da instituição
16. Estrutura Física
17. Características próprias
18. Quantos médiuns trabalham na casa?
19. Média de frequentadores (por semana ou ao mês)
20. Número de grupos de desobsessão:

#### QUESTÕES ESPECÍFICAS VOLTADAS AO OBJETO DA PESQUISA

- j) Quais as práticas mediúnicas posta em funcionamento pela FEPB? (visão panorâmica)  
E especialmente a de psicofonia precisaria perguntar sobre ela. Características, modos de atuação da prática na FEPB e nos Centros.
- k) Como funciona a prática mediúnica de desobsessão (**seu objeto**) para a FEPB(descrever todas as etapas direcionadas pela FEB)?
- l) Em que princípios a FEPB fundamenta sua prática mediúnica de desobsessão? (há um manual ou regimento a seguir).
- m) O entrevistado tem conhecimento de funcionamento diferente para esta prática em outros Centros?
- n) Se a prática mediúnica de desobsessão do Centro seja diferente da prática proposta pela FEB. Como se dá essa relação entre as regras adotadas pela FEB e a prática posta em funcionamento no Centro?